

EXPERIÊNCIAS URBANAS DE IDOSOS
NO CENTRO DE JOÃO PESSOA.



MARCELA DIMENSTEIN
João Pessoa, 2014

MARCELA DIMENSTEIN

**EXPERIÊNCIAS URBANAS DE IDOSOS
NO CENTRO DE JOÃO PESSOA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba – PPGAU UFPB, para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de concentração: História da Arquitetura e Urbanismo

Orientadora: Jovanka Baracuhy Cavalcanti Scocuglia

D582e Dimenstein, Marcela.
Experiências urbanas de idosos no centro de João Pessoa/
Marcela Dimenstein.- João Pessoa, 2014.
132f. : il.
Orientadora: Jovanka Baracuhy Cavalcanti Scocuglia
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CT
1. Arquitetura e urbanismo - história. 2. Idosos - memória -
Centro - João Pessoa-PB. 3. Experiência urbana - idosos -
espaço público.

UFPB/BC

CDU: 72+711(091)(043)

Experiências urbanas de idosos no Centro de João Pessoa

Por

Marcela Dimenstein

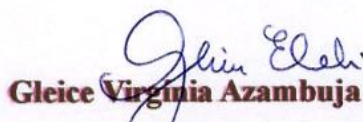
Dissertação aprovada em 21 de Novembro de 2014



Jovanka Baraculhy Cavalcanti Scocuglia
Orientadora



Tereza Queiroz Correia da Nobrega
Examinadora Externa – UFPB



Gleice Virginia Azambuja Elali
Examinadora Externa – UFRN

João Pessoa-PB
2014

Aos meus pais,
Magda e Roberto Dimenstein,
pelo exemplo, apoio e também pelas risadas.

AGRADECIMENTOS

Algumas pessoas foram fundamentais para o desenrolar desse trabalho. Aqui registro minha sincera gratidão.

Aos meus pais, que me ajudaram em todo o processo do mestrado com orgulho e paciência. À minha família pelas demonstrações de amor e força durante os momentos difíceis dessa empreitada.

Ao meu querido Andrei de Ferrer, companheiro solícito e atencioso em todos os momentos.

À professora Jovanka Scocuglia, pela parceria e confiança depositada, assim como, pelo apoio durante as bancas e orientações.

Aos membros da banca pela disponibilidade e preciosas contribuições, Tereza Queiroz e Gleice Elali.

Aos participantes que aceitaram contribuir com entrevistas e outros materiais relativos à pesquisa.

À companheira de trabalho e amiga, Mércia Parente Rocha, pelos conselhos e atenção.

Aos amigos de longa data, Alessandra Soares, Carol Cevada, Pedro Frazão, Renato Méro e Iuri Assunção, pela camaradagem e alegria. À Beto Pessoa pela ajuda imprescindível no início dos trabalhos de campo. Aos demais amigos e amigas que cruzaram o meu caminho, Luisa Costa, Alan Manga e Fabrinni Moraes.

Ao PPGAU-UFPB, através do professor Aluísio Braz de Melo e Márcio Cotrim, coordenadores, e Sinval Quirino, secretário, pela atenção e presteza com que conduzem o programa. Aos professores, Regina Célia Gonçalves, Berthilde Moura Filha e Nelci Tinem, pelo aprendizado nas disciplinas ministradas.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, por me conceder a bolsa que proporcionou o financiamento deste trabalho acadêmico.

E outros que não foram citados nominalmente, mas que contribuíram de alguma forma na minha trajetória pela Universidade e pelo centro da cidade, um forte abraço...

RESUMO

A paisagem das cidades contemporâneas, incluso João Pessoa, tem sido marcada por condições que evidenciam como a escala do homem está sendo perdida e como o espaço público não vem sendo resguardado enquanto lugar de encontros e de interação entre os indivíduos. Apesar disso, ainda é possível encontrar pessoas que resistem à homogeneização e padronização desse modelo de cidade, usufruindo de seus espaços e vivenciando-os. Nesse sentido, o objetivo desse estudo é identificar pessoas que usam e experimentam a cidade fazendo das ruas, calçadas e praças seus locais de ver e ser visto. O foco da investigação são os idosos e o local de pesquisa é a área central da referida capital. Como estratégias metodológicas foram utilizadas a observação de campo e a entrevista semiestruturada, ferramentas importantes no campo da arquitetura e urbanismo que foram complementadas pela fotografia, o desenho e a fotomontagem. Assim, considera-se que esse estudo repensa questões como a política recente de renovação dos espaços centrais na cidade e a sua utilização/atualização pela população idosa. Busca contribuir com pesquisas que evidenciam a percepção da população na cidade, sobretudo a partir de memórias e relatos dos mais velhos. Dessa forma foi possível investigar mudanças e permanências relativas ao espaço central, descobrir elementos da história e cultura da área, como as festas, relações sociais de trabalho e lazer, transporte, segurança, e enxergar a relação entre os idosos e o local estudado como uma forma desviante à problemática do empobrecimento da ação urbana.

Palavras Chaves: idosos, memória, experiência urbana, espetacularização, espaço público.

ABSTRACT

The landscape of contemporary cities, included João Pessoa, has been marked by conditions that demonstrate how the scale of man is being lost and how public space is not being guarded as a place for meetings and interaction between individuals. Nevertheless, it is still possible to find people who resist homogenization and standardization of this city model, enjoying their spaces and experiencing them. Accordingly, the aim of this study is to identify people who use and experience the city making the streets, sidewalks and plazas their sites to see and be seen. The focus of the investigation are the elderly and the search location is the center area of that capital. Methodological strategies as field observations and semi-structured interview, important tools in the field of architecture and urbanism were complemented by photography, drawing and photomontage were used. Thus, it is considered that this study rethinks policy issues such as the recent renovation of the central spaces in the city and their use / update the elderly population. Seeks to contribute to research that show the perception of the population in the city, especially from the memories and stories of their elders. Thus it was possible to investigate changes and continuities on the central space, discover elements of the history and culture of the area, such as parties, social relations of work and leisure, transportation, security, and see the relationship between the elderly and the location studied as a devious way to the problem of impoverishment of urban action.

Keywords: elderly, memory, urban experience, spectacle, public space.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01:	Imagem de satélite da área central de João Pessoa, com destaque para os locais de trabalho.	p.31
Figura 02:	Desenhos representativos de idosos olhando o movimento da rua, reunidos no café, trabalhando e resolvendo pendências.	p.36
Figura 03:	Desenho representativo de idoso em diferentes turnos do dia, sempre no mesmo local.	p.37
Figura 04:	Desenho representativo das dificuldades dos primeiros contatos e novo approach.	p.38
Figura 05:	Desenho representativo de idoso recusando a câmera fotográfica.	p.39
Figura 06:	Desenho representativo de idoso contando lembranças do passado durante entrevista.	p.40
Figura 07:	Desenho representativo de conversas que atraíram pessoas que estavam de passagens.	p.41
Figura 08:	Desenho representativo de conversa que se iniciou na praça e se estendeu a casa da entrevistada.	p.41
Figura 09:	Proposta de Revitalização do Porto do Capim.	p.46
Figura 10:	Idosos na Rua Duque de Caxias – Centro.	p.47
Figura 11:	Porcentagem de idosos por bairros e setores censitários de JP em 2000.	p.48
Figura 12,13,14,15:	Muletas e bengalas são elementos auxiliares comuns dentre os idosos. A forte incidência do sol na pele e nos olhos os obrigam a se protegerem.	p.51
Figura 16:	Sequência de fotos de idoso caminhando da Praça Venâncio Neiva ao PCR que precisou sentar várias vezes indicando dor na perna.	p.52
Figura 17,18:	Idosas em feira de artesanato no PCR – Centro.	p.52
Figura 19:	Sequência de fotos de senhor caminhando pela Rua Duque de Caxias em direção a parada de ônibus na Av. General Osório.	p.55
Figura 20,21,22:	Senhores trabalham nas praças como vendedor de livros, engraxate e negociantes de moedas raras ou antigas.	p.53
Figura 23:	Sequência de fotos de senhor caminhando pela Rua Visconde de Pelotas até o Viaduto Miguel Couto para pagar contas nas Caixas Lotéricas.	p.53
Figura 24,25,26,27:	Senhores olham o movimento, descansam nos bancos, leem o jornal nas praças e ruas trabalhadas.	p.56
Figura 28:	Sequência de fotos de senhor se aproximando para conversar com colegas reunidos na frente de um comércio e depois se afastando para fumar um cigarro nos bancos da praça.	p.56
Figura 29:	Sequência de fotos de senhor flanando pelas praças e ruas trabalhadas sem nenhum objetivo específico.	p.56
Figura 30,31,32,33:	Senhores se encontram nas esquinas das praças, conversam nos dispositivos técnicos disponíveis e usam para sentar-se, jogar xadrez e se reunirem para descansar do café da praça.	p.57
Figura 34:	Trajetória pedestrianizada da rua Duque de Caxias.	p.58
Figura 35:	Praça Venâncio Neiva, com Pavilhão do Chá localizado no seu centro.	p.64
Figura 36:	Praça Rio Branco.	p.65
Figura 37:	Praça Dom Adauto.	p.65
Figura 38:	Paraíba Palace e os diversos usos no seu térreo.	p.66
Figura 39:	Elementos pontiagudos nos peitoris das lojas do térreo do Paraíba Palace.	p.66

Figura 40,41,42:	Reunião de pessoas nas esquinas das praças, vista de cima do PCR mostrando as zonas de permanência nas suas bordas, idosos observando atrações artísticas nos bancos sombreados	p.67
Figura 43:	Rua Duque de Caxias.	p.68
Figura 44:	Ambulantes na Rua Duque de Caxias pela noite.	p.69
Figura 45,46,47:	Rua Duque de Caxias em 2009, antes da reforma. Em 2013, depois da reforma e em 2014 apontando danos já sofridos pelo piso.	p.71
Figura 48,49:	Vista aérea do PCR, 1974. Vista panorâmica em 2014.	p.71
Figura 50:	Dispositivos técnicos existentes/ausentes no Ponto de Cem Réis, 2014.	p.72
Figura 51,52,53:	Assentos principais seguindo o padrão da PMJP e assentos secundários do PCR.	p.72
Figura 54:	Dispositivos técnicos existentes/ausentes na Praça Rio Branco, 2014.	p.73
Figura 55:	Praça Rio Branco antes da reforma, 2010.	p.73
Figura 56,57,58:	Banco e piso em péssimas condições na Praça João Pessoa. Troca do piso e bancos defeituosos na praça após reforma.	p.74
Figura 59:	Dispositivos técnicos existentes/ausentes na Praça João Pessoa, 2014.	p.74
Figura 60:	Dispositivos técnicos existentes/ausentes na Praça Dom Adauto, 2014.	p.75
Figura 61:	Dispositivos técnicos existentes/ausentes na Praça Venâncio Neiva, 2014.	p.75
Figura 62,63,64	Tabuleiro pintado nos bancos em 2013. Bancos de cerâmica que imitam tabuleiros em 2014.	p.77
Figura 65,66,67,68:	Contra usos de idosos para sentar-se.	p.77
Figura 69,70,71,72:	Contra usos de idosos para trabalhar.	p.77
Figura 73,74,75,76:	Idosos lavando as mãos em canteiros de plantas, urinando no local do busto de Vidal de Negreiros, comprando frutas com ambulantes e jogando xadrez nos bancos das praças.	p.78
Figura 77,78:	Prédio do Jornal da União, 1920. Prédio da Assembleia Legislativa, 2014.	p.91
Figura 79,80,81,82:	Lixeiro varrendo o PCR após festa, 2014. Resíduo dos isopores dos ambulantes jogados no chão do PCR, 2014. Pichação no chão do PCR e Vista do palco de eventos montado no PCR.	p.96
Figura 83:	Desenho representativo da final da Copa do Mundo de 1958 com bomba explodindo os vidros do Ponto Chique que existia no PCR.	p.98
Figura 84,85:	Cine Rex e Edifício como Banco HSBC, 2014.	p.100
Figura 86,87,88:	Sede do Clube Cabo Branco em 1938, 1950 e 2014.	p.100
Figura 89,90,91:	Vista aérea do PCR com o antigo edifício do Cinema Plaza, 1942. Cine Plaza após reforma na década de 1960 e Edifício atual como Casa Pio, 2014.	p.101
Figura 92:	Desenho representativo da aula de dança no Cine Rex.	p.101
Figura 93:	Desenho representativo do cenário descontraído que existia na sorveteria Canadá.	p.102
Figura 95,95:	Atual Querubim Bar, 2014 e Atual Padaria Fluminense, 2014.	p.103
Figura 96,97,98:	Processão nos anos 70. General Osório em dia de festa. Brinquedos e barraquinhas, anos 70.	p.103
Figura 99:	Tradicional Bagaceira, anos 70.	p.105

Figura 100:	Desenho representativo das moças andando pela Rua General Osório em clima de paquera.	p.106
Figura 101,102:	Carnaval no PCR, 1952 e Tradicional Corso na Duque de Caxias.	p.108
Figura 103:	Desenho representativo da aventura de andar de bonde a noite na Linha Tambaú.	p.109
Figura 104,105:	PCR na década de 1930 e Marinete para o Róger.	p.111
Figura 106:	Desenho representativo do trabalho de Jonas como pintor do IPASE olhando o movimento.	p.112
Figura 107:	Desenho representativo da casa em Manaíra de Seu Gleidson cercada por prédios.	p.113
Figura 108:	Sérgio andando pelo Bairro de Tambauzinho no domingo.	p.114
Figura 119:	Desenho representativo da calça rasgada de Seu Pietro após sentar nos bancos do PCR.	p.115
Figura 110,112:	Seu André pela manhã nos bancos mais próximos da Visconde de Pelotas e de tarde nos bancos mais próximos da Duque de Caxias.	p.118
Figura 112:	Desenho representativo das ruas e casas de hoje com muros altos devido a insegurança.	p.119

LISTA DE TABELAS

Quadro 01:	Cronograma das visitas em campo para pesquisa observacional	p.33
Quadro 02:	Cronograma das visitas em campo para as entrevistas	p.35
Quadro 03:	Ranking dos 10 bairros que possuem maior nº de idosos e comparação dos dados de 2000 e 2010.	p.49
Quadro 04:	Perfil dos participantes	p.84

SUMÁRIO

RESUMO	07
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I - APORTES TEÓRICOS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA	19
1.1 CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS E CONCEITUAIS	19
• Produção do espaço e (Re)produção das relações sociais	
• O lugar e o espaço do plano mundial	
• Memória na representação dos espaços	
• A corporeidade e as experiências urbanas da alteridade	
• Novos modos de apreensão da cidade	
1.2 ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	29
Coleta de dados de fonte secundária	
• Construção do referencial teórico-conceitual	
Pesquisa documental	
Descrição do local de pesquisa	
População e definição do grupo de participantes	
• Definição do grupo de participantes	
Técnicas de coleta de dados de fonte primária	
• Observação de campo	
• Entrevista semiestruturada	
a) Roteiro de entrevista	
Procedimento de investigação	
• Chegada ao campo e primeiras observações	
• Primeiros contatos	
• Mudanças de rumo	
• O decorrer do trabalho	
1.3 SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	42
• Dados observacionais	
• Dados das entrevistas	
CAPÍTULO 2 – TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO E USOS COTIDIANOS DO CORPO IDOSO	44
2.1 O CENTRO DE JOÃO PESSOA E A POPULAÇÃO IDOSA	44
Do centro das memórias ao centro de hoje	
• A distribuição do idosos em João Pessoa	
“Meu corpo já não é mais o mesmo”	
• O centro dos homens	
2.2 APROPRIAÇÃO E USOS COTIDIANOS DO ESPAÇO	53
O espaço existente e suas relações de usos	
• Atividades necessárias	

- Atividades opcionais
- Atividades sociais
- O entorno construído x o uso dos idosos
- Os dispositivos técnicos x os usos dos idosos
- Contra usos nos espaços

CAPÍTULO 3 – NARRATIVAS URBANAS: O CENTRO NO TRÂNSITO DAS EXPERIÊNCIAS 83

3.1 RESULTADOS 83

Perfil dos participantes

Categorização dos resultados

- Motivação, Acesso, Frequência, Atividades
- Atrações e Dinâmicas
- Avaliações do espaço
- Memória e Rotinas

3.2 DISCUSSÃO 90

O centro como lugar do apego

Memória e interação

Vivências nos dias atuais

CONSIDERAÇÕES FINAIS 121

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 124

APÊNDICES 128

ANEXOS 130

INTRODUÇÃO

Este estudo aborda uma questão chave na atualidade que diz respeito à importância da experiência da alteridade na cidade. Além de se afirmar como uma forma de resistência e crítica à ideia de empobrecimento da ação urbana e perda da corporeidade nos espaços públicos, os assuntos relacionados a essa temática vem adquirindo maior relevância uma vez que valorizam o homem ordinário, nas palavras de Certeau (1990), que caminha pela cidade, vivencia-a, atem-se aos seus caminhos, confunde-se e perde-se. Ao experimentar a cidade nos permitimos sentir seus ritmos, seus entornos, e assim, temos oportunidade de descobri-la e criar relações com ela.

Assim também, os temas relacionados a velhice vieram a se tornar mais evidentes apenas recentemente. O Estatuto do Idoso (Lei 10.741) em vigor desde 1º de janeiro de 2004, aparece como uma consequência dessa maior relevância. Por anos, este segmento social não foi observado com seu devido valor pelos pesquisadores, pelas políticas públicas e até mesmo pela sociedade.

No caso deste trabalho, o interesse está focado nos indivíduos que utilizam a cidade de João Pessoa. Trata-se da busca por um grupo específico de pessoas - os idosos - que flanam, observam, usam e experimentam a área central da capital, fazendo das ruas, calçadas e praças seus locais de ver e ser visto.

O centro, além da sua importância histórica como lugar de memória, detentor de um valor patrimonial e arquitetônico, é também o principal setor comercial e de serviço da cidade, o que atrai muitas pessoas para a região. Este fato o configura como lugar de diferentes experiências da vida social e onde é possível encontrar, em sua grande maioria, personagens que ativam a cena urbana cotidiana com diversas atividades e nos mais diversos espaços. Vale ressaltar que no decorrer do século XX, o centro passou por várias transformações que aliadas a expansão da cidade e a ideia de decadência marcada a área, gradativamente, modificaram o seu perfil original de uso e ocupação, reduzindo significativamente os espaços residenciais, enquanto se reafirmava como lugar de comércio e serviços. Entretanto, segundo os dados coletados pelo IBGE 2010, em relação aos outros bairros, o centro ainda detém o maior percentual de idosos, acusando 20,49% da população da cidade.

Correa (2009) afirma que mesmo com as mudanças na dinâmica de uma região e nos costumes de uma população, ainda nota-se nos idosos a sensação de estranhamento e saudosismo frente a tantas alterações no espaço. Essa realidade ainda pode ser encontrada no centro de João Pessoa, local de moradia e convivência de uma população idosa que criou raízes e vínculos de trabalho, lazer e afetos nesta área.

Logo, a escolha pelos idosos partiu do princípio que são pessoas que testemunharam e construíram a história da cidade e nessa perspectiva, podem ser considerados como um dos agentes que contribuem para os estudos e pesquisas relacionados a ela. Através de relatos, narrativas e observações de hábitos de um passado tal como foi vivenciado, como por exemplo, vestir-se de forma especial para ver o movimento nas ruas, sentar, conversar e jogar nos bancos das praças, bater papo nas calçadas, botecos e passear pelo comércio e feiras, é possível desvendar elementos relativos a história, a cultura, a memória e afetos de um local, principalmente quando se leva em consideração os aspectos relacionados ao cotidiano, no presente e no passado.

O tema da experiência urbana é amplo e abarca diversas áreas do saber. Nessa pesquisa será abordado por uma visão arquitetônico-urbanística, levando em consideração que o conceito de arquitetura e urbanismo é abrangente e inclui não apenas suas construções físicas concretas, mas também a forma como a cidade é percebida pelo sujeito, como ela é vivenciada. Todavia, faz interface com outras áreas do saber como a sociologia, geografia, psicologia ambiental, antropologia e com recursos metodológicos tais como a fotografia, desenhos e a entrevista semiestruturada, pois se compreende que são ferramentas importantes e contribuem de forma significativa ao campo da arquitetura e urbanismo.

Os estudos interdisciplinares são de grande importância ao se tratar da complexidade que é a cidade contemporânea. Nelson Ferreira dos Santos (1985) arquiteto, urbanista e antropólogo, trouxe grande contribuição para o campo da Arquitetura e Urbanismo ao estudar a apropriação dos espaços de uso comum em duas áreas do Rio de Janeiro com o intuito de descobrir o que eram capazes de ensinar a respeito do planejamento urbano desenvolvido na cidade no final da década de 1970.

A cidade dá margem a muitas conjunções de espaços e atividades que não se excluem. Os possíveis conjuntos existentes têm fronteiras fluídas e se intercalam, o que significa que não há uma coisa apropriada para cada espaço, nem um espaço apropriado para cada coisa. A mistura e a diversidade estão em toda parte e são inevitáveis na vida urbana (Santos, 1985, p.128).

A sua abordagem crítica a respeito dos enormes gastos destinados a realização de grandes projetos urbanos no Brasil sem que haja a verificação da sua eficácia após construído, ainda hoje se mostra bastante atual. Segundo o autor (1985, p.12), tais projetos são muitas vezes pensados por uma elite acadêmica e técnica que produzem o que consideram melhor e mais apropriado para uma determinada população. Por outro lado, essa população é obrigada a aceitar essas imposições e termina por criar mecanismos de defesa e superações que revertem os significados planejados.

Atualmente, as discussões sobre as políticas e os projetos urbanos contemporâneos visam sobretudo construir uma imagem de cidade suficientemente homogênea e pacificada tencionando atrair capital mercantil. As imagens criadas dessas cidades acabam se tornando cada vez mais parecidas, uma

vez que elas precisam seguir um modelo internacional extremamente homogeneizador, imposto pelos seus financiadores multinacionais (JACQUES, 2004).

Grandes cadeias de *fast food*, shoppings centers, condomínios fechados, dentre outros, têm sido bastante criticados por diversos autores das mais variadas áreas do conhecimento e são considerados disseminadores da cultura individualista, especulação imobiliária, violência e destruição ambiental. Autores como Jacques (2004), Caldeira (2010), Bauman (2009) afirmam que esses modelos acabam criando uma paisagem nas cidades completamente dominada por grandes distâncias, dependência do automóvel e megaempreendimentos, evidenciando como a escala do homem e do pedestre estão sendo perdidas e como o espaço público não vem sendo resguardado enquanto lugar de encontros e de interação entre os indivíduos.

É importante notar que a crítica ao processo atual de mercantilização e de espetacularização urbana se tornou recorrente no meio acadêmico diante da forma cada vez mais explícita pela qual se expressa no cotidiano da vida contemporânea (SCOCUGLIA, 2010), tornando evidente a atual estratégia das política urbana e operações urbanísticas em eliminar dissensos, conflitos e esconder tensões, criando um espaço esterilizado, domesticado, empobrecido de experiências corporais e distanciado do que é a própria vivência na cidade.

Em discussões recentes ocorridas no LECCUR (2014)¹, consideramos haver três processos básicos nos espaços públicos contemporâneos: 1) A especialização de usos e funções, sobretudo no que diz respeito ao entretenimento, o que reduz a multifuncionalidade e qualidade urbana; 2) A privatização do espaço público tanto no sentido de se tornar exclusivo para alguns habitantes e comunidades, quanto pela gestão direta por agentes privados na produção e regulação de usos e funções e também no uso publicitário como parte do *brand* urbano. 3) A tematização dos espaços públicos para lazer e consumo – muitas vezes patrocinada pela iniciativa privada -, adaptando-o a uma imagem turística frequentemente vista nos centros históricos.

João Pessoa não foge à regra e muitos dos problemas encontrados em cidades maiores e mais desenvolvidas já são percebidos nesta capital. O discurso promovido internacionalmente de valorização e recuperação de uma cidade mais segura e tranquila, com melhores espaços públicos, com formas de morar e de lazer mais coletivas já fazem parte da lógica mercadológica adotada pelas empresas que fomentam a criação desses espaços em João Pessoa - *shoppings* e condomínios fechados, etc. Eles acabam se tornando cada vez mais valorizados mediante a imagem que é veiculada pela mídia.

Scocuglia coloca que as ideias de “revitalização” e a valorização do patrimônio cultural de João Pessoa representado pelo centro histórico tiveram início em 1987, sob o olhar estrangeiro, com o

¹ Laboratório de Estudos sobre Cidade, Culturas Contemporâneas e Urbanidades vinculado ao Departamento de Arquitetura/CT e PPGAU da UFPB.

Convênio Brasil/Espanha de Cooperação Internacional em um momento de valorização do patrimônio cultural como estratégia de desenvolvimento econômico, mediante políticas voltadas para o turismo em nível nacional e internacional. E foi em meio à reinvenção da figura do centro histórico na capital paraibana que houve uma atração de uma população local e turística para a área. A autora nos alerta:

(...) a dinamização cultural do entorno estimulada e financiada pelos órgãos públicos, bem como o cenário formado pelas fachadas ecléticas do casario reformado, mexeram com a auto-estima dos pessoenses, reativaram memórias da cidade, tradições locais e geraram práticas culturais e sociabilidades, algumas efêmeras, outras mais duradouras. Mas acima de tudo, deram visibilidade, até por contraste, ao estado de degradação do patrimônio edificado e natural, assim como aos problemas que afetam esta área e seus usuários, em especial, a população de baixa renda e a imagem de marginalidade que a estigmatiza (SCOCUGLIA, 2006).

É nessas circunstâncias que esse outro lado do cenário adquire relevância. É a partir do momento que se busca esconder tensões, dissensos e a experiência de alteridade nas cidades que estes ganham mais visibilidade e se constituem como um símbolo de resistência à homogeneização e padronização da cidade contemporânea. Estamos falando dos praticantes ordinários das cidades, inspirados nas palavras de Michel de Certeau (1990). Como bem mostra o autor, esses praticantes, caminhantes, homem ordinários, organizam e atualizam um conjunto de possibilidades e proibições do espaço, pois as idas e vindas, as variações ou improvisações da caminhada, privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais existentes, desacordando e interrompendo processos esperados e programados do cotidiano.

Tais evidências têm gerado investigações em várias áreas científicas a respeito das diversas interfaces dos processos de resistências urbanas e das relações entre o urbanismo e o corpo, abrindo possibilidades para novas pesquisas, fazendo do próprio urbanista e do próprio cidadão os maiores críticos do espetáculo urbano².

Partindo dessa premissa, o presente trabalho baseia-se na hipótese de que ainda é possível serem observadas no centro de João Pessoa experiências urbanas que escapam à lógica de homogeneização e espetacularização fortemente observadas na contemporaneidade, isto é, ainda encontramos práticas cotidianas, percepções sensíveis, memórias afetivas e usos alternativos ao modelo de cidade padronizada e consensual que vem sendo produzido.

Frente a esse intenso processo de transformações urbanas e atual situação de João Pessoa, um questionamento surge com relação ao idoso, foco deste trabalho: Como esses indivíduos

² Termo que se remete ao processo de mercantilização das cidades através da publicidade, do marketing e do branding urbano tencionando construir uma imagem cada vez mais homogeneizada e pacificada desta. Os Situacionistas – grupo de artistas, pensadores e ativistas na década de 1960 – lutavam contra o espetáculo e a cultura espetacular ou seja, eram contra a não participação, alienação e passividade da sociedade. Afirmavam que o antídoto contra o espetáculo seria o seu oposto: a participação ativa dos indivíduos em todos os campos da vida social, principalmente no da cultura (JACQUES, 2003, p.13).

experimentam o centro da cidade e quais são suas experiências urbanas (sentimentos, memórias, impressões) nesse espaço?

Logo, identificar as experiências desses idosos nos espaços públicos do centro da cidade de João Pessoa configura-se como objetivo principal desse trabalho. Especificamente, buscaremos identificar suas práticas cotidianas e seus modos de uso dos dispositivos técnicos³ dos espaços urbanos do centro, bem como, conhecer suas percepções desse espaço, suas memórias, seus hábitos e suas motivações para vivencia-lo. Com isso, intencionamos problematizar em que medida os idosos têm oferecido resistência a essa padronização e espetacularização acima referidas a partir de um modo próprio de experienciar a cidade, o qual mantém traços de antigos costumes e tradições.

Esta dissertação conta com três capítulos que visam expor o processo da pesquisa desde a construção do objeto de estudo. No primeiro capítulo, *Aportes teóricos e procedimentos de pesquisa*, inicio com a fundamentação teórica embasada em três temas principais: experiência da alteridade, memórias urbanas e novos modos de apreensão da cidade. Nesta etapa trato de informar ao leitor sobre o porquê de estudar a experiência urbana de idosos no centro de João Pessoa e viso contextualiza-lo na discussão dos temas chaves da pesquisa que contribuirão para compreender os objetivos propostos, assim como, a escolha das estratégias metodológicas adotadas. Sigo falando ainda no primeiro capítulo das etapas do desenvolvimento da pesquisa, onde explico os procedimentos metodológicos que guiaram a pesquisa e os percalços surgidos na interação pesquisadora e participante, como também, da sistematização e análise dos dados.

O segundo capítulo, *Transformações do espaço e usos cotidianos do corpo idoso*, trago um apanhado geral a respeito das políticas públicas de requalificação para o centro de João Pessoa, focalizando nas obras mais recentes que ocorreram até 2010. Procuo estabelecer um vínculo entre o espaço criado, o contexto atual da área central e o público alvo deste trabalho, discutindo as implicações do corpo idoso nesse ambiente urbano e seus diferentes pontos de vista. Por fim, são expostos os primeiros resultados das observações de campo que relacionam a apropriação e os usos das áreas trabalhadas pelos idosos ressaltando como o entorno construído pode influenciar nos usos de um espaço, se os dispositivos técnicos existentes estão apropriados para esse público, quais contra usos podem ser identificados e que atividades cotidianas praticam ali.

No terceiro capítulo, chamado *Narrativas urbanas: o centro no trânsito das experiências*, busco registrar e analisar as experiências urbanas (impressões dos espaços centrais, as memórias, os hábitos e as motivações para vivencia-lo) coletadas através das entrevistas semiestruturadas, das observações de campo e do referencial teórico estudado. O material obtido foi transformado em uma narrativa crítica

³ Entendemos dispositivos técnicos como instrumentos dispostos no espaço urbano que se relacionam e interagem com o cidadão possibilitando ou inibindo contatos, encontros, ver, ouvir e vivenciar o espaço TRIGUEIRO (2012).

enriquecida com fotografias tiradas em campo e da bibliografia utilizada, trechos das entrevistas e desenhos feitos pela pesquisadora para auxiliar a visualização do leitor acerca das narrativas urbanas dos entrevistados.

Por fim, na guia de conclusões, retorna-se o percurso desenvolvido nesta pesquisa, discutindo os resultados obtidos, na intenção de finalizar o estudo abrindo caminhos para futuras investigações.

Enfim, atualmente os processos de urbanização já não são passíveis de serem enquadrados em um modelo único. Entendê-los significa apreender a multiplicidade de suas dinâmicas, incluso o estudo do diferente, do estranho, daquilo que diverge. Mudanças de concepções implicam, necessariamente, em novas formas de ver, compreender e interferir na realidade.

Acredita-se que essa pesquisa pode gerar conhecimentos sobre a experiência de idosos nos espaços públicos no centro da cidade, bem como, a sua relação com o tipo de espaço urbano está sendo construído pelas atuais gestões públicas, a qualidade urbana resultante nesses espaços e como devemos intervir nele a partir do entendimento das atitudes e comportamentos que ali já existem. Também é válido para incitar novos percursos de pesquisa, novos métodos de análise e diagnósticos mais próximos da vivência da cidade.

CAPITULO I

APORTES TEÓRICOS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

1.1 CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS E CONCEITUAIS

O tema deste estudo refere-se à experiências urbanas e consiste em uma investigação realizada a partir da interação com idosos no centro de João Pessoa - PB. Tem o objetivo de identificar as práticas cotidianas e os modos de uso dos dispositivos técnicos por essa população, assim como, conhecer suas impressões desse espaço, suas memórias, hábitos e motivações para vivencia-lo. Visando contextualizar a pesquisa e orientar o leitor na compreensão do trabalho, este capítulo abordará questões chaves que contribuirão para responder os objetivos propostos: experiência da alteridade, memórias urbanas e novos modos de apreensão da cidade.

A realidade da cidade contemporânea nos coloca diante de questões cada vez mais complexas e revela a necessidade de apreender novas formas de sentir e entender a multiplicidade dos seus espaços. Os atritos existentes entre os projetos urbanos e as formas de apropriação cotidianas, segundo Santos (1985) e Jacques (2006), nos levam a pensar o constante processo de mutação das cidades e a importância de novos posicionamentos construídos em meio ao espaço vivido, em oposição às estratégias de intervenção “de cima”, termo utilizado por Michel de Certeau (1990, p.170) ao tratar da cidade-panorama. Esta seria um simulacro que nos engessa e transforma o observador em *voyeur*, distante do que acontece “lá embaixo”, nos limiares onde cessa a visibilidade e onde vivem os praticantes ordinários da cidade (CERTEAU, 1990).

Portanto, a abordagem teórica e conceitual que propomos, lança mão de concepções não só da arquitetura e do urbanismo, mas também da geografia, psicologia ambiental, antropologia e das artes, como de outros campos do conhecimento que tratam de assuntos comuns relativos ao espaço urbano e à complexidade da cidade contemporânea.

- *Produção do espaço e (Re) produção das relações sociais*

Nesse sentido, as noções de produção do espaço e reprodução das relações sociais de produção, propostas por Henri Lefebvre em *O direito da cidade* (2001) são de fundamental importância nesse trabalho. O autor aponta que produzir é criar algo que não existia antes da atividade produtora (2001, p. 57). Nos lembra que a cidade tem uma história; ela é obra de pessoas e grupos bem determinados que realizaram essa obra em determinadas condições históricas. Então, a produção da cidade e das relações sociais na cidade ocorre através da produção e reprodução de seres humanos por

seres humanos e se manifestam nas práticas sócioespaciais, ou seja, no espaço construído e modificado cotidianamente através das apropriações que se faz deles (2001, p. 54).

Na tentativa de não isolar níveis de análise da produção do espaço e sim compreender de forma integrada o espaço, Lefebvre desenvolveu uma tríade conceitual: **A prática espacial**, compreendida enquanto as práticas sócio espaciais cotidianamente produzidas de lazer, circulação, consumo e etc. através de uma relação de apropriação e de dominação; **Os espaços de representação**, que remeteriam ao espaço planejado pelos técnicos, urbanistas e planejadores que tentam se impor como dominante e verdadeiro e, **As representações do espaço** que seriam os espaços diretamente vividos, dos usuários e habitantes e das atividades cotidianas.

Ana Fani Carlos, uma das autoras que segue a linha de pensamento Lefebviano, ressalta que a noção de produção e reprodução é um processo real e amplo que está ligado ao plano econômico, colocando a cidade em meio ao mundo da mercadoria e da generalização da troca, mas também abarca outras categorias de análise que iluminam as realizações da vida, o cotidiano e as práticas sócio espaciais (2004, p. 20).

A autora parte do entendimento que a cidade é um produto histórico social e ao analisá-la, revela uma indissociabilidade entre o espaço e a sociedade, onde se inclui também, o estabelecido e o normatizado (espaços de representação) e o que foge à regra e se rebela (representações do espaço). Então, é inevitável que em meio à produção e à reprodução da vida apareçam contradições e novas relações sociais que produzem ou são produtos de um novo cotidiano.

Nessa perspectiva, um novo espaço tende a se criar em decorrência da atual reprodução do capital, da política e da cultura, cada vez mais ligado ao plano mundial. Milton Santos os chama de espaços da hegemonia:

(...) áreas preñes de ciência, tecnologia e informação, onde a carga de racionalidade é maior, atraindo ações racionais de interesse global. Chegamos, assim, a um momento da história no qual o processo de racionalização da sociedade atinge o próprio território e este passa a ser um instrumento fundamental da racionalidade social, isso é extremamente importante para entender como esses espaços hegemônicos se instalam no processo de globalização, como o lugar da produção e das trocas de interesse mundial no nível mais alto, lugares em que exerce um tempo mundial e onde se instalam as forças reguladoras da ação nos demais lugares. É assim que os lugares diversos e os tempos diversos se unem, hierarquicamente, no que, paradigmaticamente, pode ser chamado de um espaço mundial e um tempo mundial (SANTOS, 1994, p. 21).

Hoje é possível identificar esses espaços relatados por Milton Santos, nas discussões políticas e nos projetos urbanos contemporâneos que visam sobretudo construir uma imagem de cidade suficientemente homogênea e pacificada tencionando atrair capital mercantil, reproduzindo as relações

sociais que permitirão dar continuidade a esse processo. Como consequência, as imagens criadas para essas cidades acabam se tornando cada vez mais parecidas, uma vez que elas precisam seguir um modelo de urbanismo internacional extremamente homogeneizador, imposto pelos seus financiadores multinacionais.

Tal modelo - espaços da hegemonia ou espaços de representação - se manifesta com a padronização de diversos espaços (grandes cadeias de hotéis, de *fast food*, *shopping centers*, condomínios fechados, etc.), disseminação da cultura individualista, especulação imobiliária, aumento da violência, destruição ambiental, criando uma paisagem completamente dominada por grandes distâncias, dependência do automóvel e megaempreendimentos, que evidenciam como a escala do homem e do pedestre está sendo perdida e como o espaço público não vem sendo resguardado enquanto lugar de encontros e de interação entre os indivíduos.

João Pessoa, cidade onde ocorre a pesquisa, não foge à regra. Diversos desses modelos indicados acima já são percebidos na capital, bem como, o discurso de valorização e recuperação da cidade que visa o turismo e a lógica de mercado, favorecendo a criação de mais espaços como *shoppings* e condomínios fechados.

- *O lugar e o espaço do plano mundial*

Carlos (2004, p. 48) aponta que a mundialização generaliza-se no seu processo de formação produzindo e reproduzindo um novo modo de vida, novos valores, comportamentos e consequentemente, novos modos de apropriação do espaço. Essas transformações seriam uma decorrência das mudanças de usos e sentidos atribuídos aos lugares de realização da vida cotidiana.

Nessa direção, outra categoria ganha importância para essa discussão: a concepção de **lugar** proposta por vários autores. Michel de Certeau (1990, p. 202) fala que “o espaço é um lugar praticado” ou seja, a rua geometricamente planejada é transformada em espaço pelos pedestres. Para Milton Santos, é no lugar que acontecem as cooperações e os conflitos que são a base da vida em comum.

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (2006, p.218).

Já Ana Fani Carlos (2004) define Lugar como:

(...) a base da reprodução da vida e espaço da constituição da identidade criada na relação entre os usos, pois é através do uso que o cidadão se relaciona com o lugar e com o outro, criando uma relação de alteridade, tecendo uma rede de relações que sustentam a vida, conferindo-lhe sentido (2004, p.50).

Essa concepção ganha importância na contemporaneidade, pois evidencia a relação conflituosa entre lugar e os espaços do plano mundial, ou seja entre os novos modelos culturais e de comportamento - ligado ao mundo do consumo - e as especificidades da vida no lugar com a persistência de antigas relações. A rotina organizada do cotidiano aliada ao desenvolvimento da mídia e das redes de comunicação acabam ajudando a impor novos padrões e parâmetros para a vida, o que termina transformando radicalmente os padrões de sociabilidade e os usos do espaço.

Essa relação conflituosa revela também uma lógica de produção/reprodução espacial que apresenta como tendência a destruição de diversos referenciais urbanos. Segundo Carlos (2004, p. 9), a busca do incessantemente novo, com novas formas urbanas que se constroem sobre outras, com profundas transformações na morfologia, revelam uma paisagem em constante transformação. Assim, a autora nos apresenta o termo – **espaço amnésico** – fundamental para definir o espaço produzido hoje em dia, com formas cada vez mais mutantes em um tempo mais efêmero, gerando relações conflituosas de estranhamento e de identidade.

- *Memórias na representação dos espaços*

A perda dos referenciais urbanos fragmenta a memória individual e coletiva, uma vez que elementos conhecidos na paisagem das cidades desaparecem, levando marcas do passado histórico e provocando estranhamento, não só pela mudança das formas, mas também porque produzem novas relações sociais, mudando todo um contexto de vida.

Dessa maneira, a valorização do passado das cidades se tornou uma tendência em diversos locais, tanto como uma forma de confronto a instantaneidade e homogeneidade do espaço do plano mundial, quanto sendo uma maneira dos próprios responsáveis pelos projetos de criarem cenários e espetáculos a partir de eventos culturais. Aqui neste trabalho, encaramos a memória urbana como sendo um elemento fundamental da constituição da identidade de um lugar e queremos explicitar a importância de se tratar da memória de idosos.

A princípio, os idosos podem ser importantes personagens de suas cidades, uma vez que testemunharam e construíram as suas histórias e nessa perspectiva, podem ser considerados agentes que contribuem para os estudos e pesquisas relacionados a ela. Através de suas memórias é possível desvendar elementos relativos ao passado, a cultura e afetos de um local, principalmente quando se leva em consideração os aspectos ligados ao cotidiano do presente e do passado.

Porém, a lógica de produção dos espaços da cidade contemporânea, por diversas vezes, não contempla o direito do idoso de sentir, construir, e até de lembrá-la. A partir do momento que este direito

desaparece, essa população - em meio a um contexto de vida cada vez mais efêmero e que não lhes oferece tempo para recordações - tem seu sentimento de apego e pertencimento à cidade minado.

De certa forma, estudar a memória dessa população contribui para pensarmos preventivamente acerca dos problemas urbanos que poderão acontecer no decorrer dos anos. Uma cidade que desperta lembranças e afetos influencia diretamente na forma que sua população constrói suas percepções e experiências cotidianas.

Maurice Halbwachs (2009) ao tratar do conceito de memória coletiva, já havia sublinhado que não existe memória puramente individual, posto que todo indivíduo está interagindo e sofrendo a ação do social. A memória está submetida a diversas transformações, uma vez que os pontos de vista mudam segundo as relações existentes entre as pessoas e os ambientes. Entretanto, apesar dos diversos pontos de vista que possam existir, o autor expõe que na maioria dos grupos existem marcos e referências relativamente invariantes que são sempre reconhecidos e reconstruídos pelos seus integrantes, já que partem de dados e noções comuns do espírito do grupo.

Em se tratando do espaço, este desempenha um papel forte na memória coletiva. Quando um grupo é inserido em um local, ele o molda a sua imagem e também se adapta às coisas já existentes e vice e versa. Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros desse grupo. Halbwachs (2009, p. 159) fala que a imagem de estabilidade do meio exterior e das relações existentes penetra em todos os elementos da consciência individual e do grupo, e assim, impõe uma ideia de continuidade, onde cada integrante do grupo participa do seu equilíbrio.

A cidade não é um coletivo de vivências homogêneas e conseqüentemente abarca inúmeras memórias coletivas que podem ser diferentes umas das outras. Porém, nem todas essas memórias conseguem ser registradas e eternizadas em documentos e muitas se perdem no tempo. Autores como Ecléa Bosi (1994) e Myriam Barros (1998) dentre outros, apontam a necessidade e urgência de recuperá-las e de registrar as que ainda estão vivas na cidade.

Logo, para o registro de memórias urbanas, é indicado se utilizar da memória construída socialmente e referenciada a um grupo, já que essa foi vivenciada e compartilhada por muito mais pessoas, o que não impede que seja acrescida de lembranças individuais e subjetivas que venham a enriquecer uma série de recordações.

No contexto atual das cidades contemporâneas de reprodução espacial, mutação dos referenciais urbanos, efemeridade do tempo e transformações dos modos de vida, a memória coletiva pode ser considerada um cimento indispensável na relação de pertencimento e reconhecimento da cidade pelo habitante. Contudo, o que assistimos hoje é a construção de outra memória e identidade

ligada aos novos modelos culturais e de comportamento da vida cotidiana - espaços de representação e hegemonia, de acordo com Lefebvre (2001) e Milton Santos (1994).

Carlos (2004, p. 86 e 87) nos alerta que seria ingênuo acreditar que há uma irreversibilidade neste processo. Segundo a autora, pode-se ler a ausência de memória e identificação com um lugar como um momento a ser superado, uma vez que há latente nos espaços do desenrolar da vida, os germes que fogem ao normatizado e que se impõem as tentativas de eliminação e homogeneização da cidade.

- *A corporeidade e as experiências urbanas da alteridade*

Nelson Ferreira dos Santos (1985) ao estudar a apropriação dos espaços de uso comum em duas áreas do Rio de Janeiro, coloca que a cidade dá margem a muitas conjunções de espaços e atividades que não se excluem. Os possíveis conjuntos existentes têm fronteiras fluídas e se intercalam, o que significa que não há uma coisa apropriada para cada espaço, nem um espaço apropriado para cada coisa. A mistura e a diversidade estão em toda parte e são inevitáveis na vida urbana.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Paola Berenstein Jacques (2010, p. 110) nos fala a respeito de micro resistências urbanas. Estas, que estão inerentes a todo o processo espetacularizador e mundializador dos espaços urbanos, também aparecem como elemento de crítica, uma vez que tencionam e problematizam dentro do próprio processo - em outra escala - formas de infiltração ou pequenos desvios. Segundo a autora, as possibilidades de micros resistências urbanas podem ser encontradas no uso cotidiano da cidade, em particular na experiência espontânea, nos usos conflituosos e não consensuais que contrariam os usos planejados.

Muitos autores apontam a experiência corporal como uma prática comum e cotidiana que nos leva a pensar a inserção do corpo no espaço urbano. A importância ao corpo está em ser o veículo utilizado por nós para expressar diariamente nossas relações e é a partir dele que os lugares vão ganhando sentido, vão sendo apropriados e percebidos. Milton Santos (2006, p. 212) pontua que em meio ao mundo da fluidez, da vertigem, velocidade, dos deslocamentos e das banalidades, podemos redescobrir a corporeidade no ser humano, mesmo que por contraste, e encontrar no corpo uma certeza materialmente sensível diante de um universo difícil de apreender.

Os temas ligados à corporeidade no espaço e às experiências urbanas da alteridade, atualmente, vêm chamando muita atenção. Contudo, apesar dos recentes estudos e pesquisas sobre esses temas, importantes teóricos do final do século XIX e meados do século XX já haviam tratado do assunto e trouxeram contribuições fundamentais para a compreensão da cidade contemporânea, devido à sua atualidade.

Walter Benjamin em *Experiência e Pobreza* de 1933 (2012, p. 123), traz à tona a questão do empobrecimento da experiência na modernidade em comparação às sociedades de compasso mais lento de um tempo em que se valorizava a sabedoria e o conhecimento que passava de geração em geração, conservando um universo histórico e cultural compartilhado. Jeanne Marie Gagnebin (2012 p. 9), indica que Benjamin em meio ao mundo capitalista moderno vê a experiência enfraquecer em detrimento de um outro conceito - a vivência - característica do indivíduo solitário. E é no estilo de vida da burguesia da época que se pode visualizar esse acontecimento:

No domínio do psíquico, os valores individuais e privados substituem cada vez mais a crença em certezas coletivas, mesmo se estas não são nem fundamentalmente criticadas nem rejeitadas. A história do si vai, pouco a pouco, preencher o papel deixado vago pela história comum. (...) Benjamin situa nesse contexto o surgimento de um novo conceito de experiência, em oposição àquele de *Erfahrung* (Experiência), o do *Erlebnis* (Vivência), que reenvia à vida do indivíduo particular, na sua inefável preciosidade, mas também na sua solidão. Essa interiorização psicológica é acompanhada por uma interiorização especificamente espacial: a arquitetura começa a valorizar, justamente, o “interior”. A casa particular torna-se uma espécie de refúgio contra um mundo exterior e anônimo (GAGNEBIN, 2007, P.59).

A questão da pobreza de experiência é relacionada por Benjamin (2012) com a “atitude *blasé*” que Georg Simmel trata em 1902 quando fala da vida na metrópole. O homem *blasé* surge como uma forma de auto preservação e de proteção frente a tantos estímulos contrastantes da vida urbana e à intensificação da vida nervosa na grande cidade. Entretanto, essa autoproteção, segundo o autor, é “(...) comprada ao preço da desvalorização de todo o mundo objetivo, uma desvalorização que, no final, arrasta inevitavelmente a personalidade da própria pessoa para uma sensação de igual inutilidade” (1967, p.19).

A experiência da modernidade está bastante presente nos textos e análises de Benjamin. Ele se encanta pela obra de Charles Baudelaire e pela sua recriação da figura mítica do *flâneur*. Em meio a Paris do final do século XIX, esse personagem ambíguo é fruto da modernidade e da grande cidade. Ao mesmo tempo que faz parte do contexto urbano, também faz uma crítica contundente à efetivação prática das grandes reformas urbanas – abertura de grandes avenidas, eliminação da cidade antiga, ordenação e controle impostos no espaço – à expulsão de habitantes, imposição de costumes, aumento da velocidade e empobrecimento da relação corpo e cidade, etc.

Jacques (2012, p.47) ressalta que o *flâneur* buscava experimentar ao máximo a cidade que viria a ser transformada, observando enquanto caminhava tranquilamente pelas ruas e ao redor das multidões, apreendendo cada detalhe, sem ser notado, sem se inserir na paisagem.

O cisne

(...) Paris muda! Mas nada em minha nostalgia
Mudou! Novos palácios andaimos, lajedos,
Velhos subúrbios, tudo em mim é alegoria,
E essas lembranças pesam mais que rochedos(...)
(BAUDELAIRE, 1996)

A questão da participação ativa e imersão na vida da cidade também foi preconizada pelo grupo dos Situacionistas entre as décadas de 1950/1960. O grupo de pensadores e ativistas⁴ lutava contra o espetáculo, a não participação e passividade da sociedade frente à vida social, política e cultural da cidade. Guy Debord no *Relatório sobre a construção de situações e sobre as condições de organização e de ação da tendência situacionista internacional* de 1957 (2003, p.43), fala que a cada ano parece mais nítido o problema da dominação racional das novas forças produtivas, a formação de uma civilização, em escala mundial e a sua consequente decomposição ideológica. Aposto no trabalho coletivo e na utilização unitária de todos os meios de transformação da vida, não como uma forma de recusar a cultura moderna, mas de se apossar dela, e assim, chegar a sua negação.

Ele parte da ideia da construção de situações, isto é, a construção concreta de novas ambiências que sejam ao mesmo tempo produto e instrumento de novos comportamentos. Para tal, convém utilizar empiricamente, no início, as condutas cotidianas e as formas culturais existentes, mas contestando os seus valores. Assim, interagindo tanto com o espaço material da vida (a cidade), quanto com os comportamentos que ele provoca, acabavam realizando uma crítica às transformações da cidade em espetáculos urbanos e apontavam o Urbanismo Unitário, que seria unitário por ser contra a separação moderna de funções - baseado na carta de Atenas - como o emprego do conjunto das artes e da técnica que convergiriam para uma composição integral do ambiente (JACQUES, 2003).

O pensamento urbano situacionista ainda parece ser atual, principalmente quanto à problemática urbana e como crítica à própria disciplina do urbanismo. Podemos perceber que hoje os processos urbanos já não são mais passíveis de serem enquadrados em um modelo único e diversos profissionais das mais variadas áreas do conhecimento (dança, história, antropologia, arquitetura, urbanismo, sociologia, geografia, psicologia, etc.) estão em busca de novas formas de apreender as cidades através de diferentes olhares e sentidos dados a elas. Podemos ver em recentes eventos ou publicações, a existência de pesquisadores que buscam abandonar os cânones das pesquisas urbanas e iniciar outra prática ligada à estética e à adaptação da prática etnográfica, inserindo a visão do pesquisador que busca uma diferenciação no exercício investigativo estando aberto a espontaneidade e práticas da rua.

⁴ Dentre os membros da Internacional Situacionista destacam-se o artista escandinavo Asger Jorn, o artista inglês Ralph Rumney, a escritora francesa Michèle Bernstein, o escritor francês Guy Debord, dentre outros.

Autores como Nelson Ferreira dos Santos (1985), Paola Berenstein Jacques (2006, 2010 e 2012), Ana Clara Torres Ribeiro (2010), Jean Paul Thibaud (2012), Francesco Careri (2009), dentre outros, além de discutir acerca da cidade contemporânea, tratam de novos métodos de análise e estratégias de investigação que venham questionar os limites das ferramentas tradicionais de pesquisa, como também aproximar o pesquisador da própria vivência na cidade.

Jacques (2006, p. 118) chama de urbanista errante aquele que tem uma postura em relação ao urbanismo enquanto disciplina e prática, se preocupando mais com as ações e percursos, do que com as representações gráficas, projeções e planificações. Para a autora, esta postura de apreensão e compreensão que se aproximam da cidade, já está carregada de crítica aos métodos tradicionais da disciplina. A errância urbana pode ser um instrumento de aproximação do sujeito com a cidade, mas na verdade, existem várias outras ferramentas tão subjetivas e singulares quanto esta, que podem ser praticadas por qualquer um.

- *Novos modos de apreensão da cidade*

Partindo dessa ideia, além de focar na experiência urbana, percebemos a importância de se compartilhar e transmitir essas experiências. O que nos leva ao tema chave da discussão de Walter Benjamin acerca do fim da “arte de narrar”. O autor no seu texto intitulado *Experiência e Pobreza*, de 1933, atribui à experiência da guerra e às catástrofes dos campos de batalha um empobrecimento das narrativas, ao notar que os combatentes voltavam silenciosos e mais pobres de experiências comunicáveis. Fala da experiência e da autoridade dos mais velhos e da sua forma de transmissão através de narrativas e histórias, se questionando em seguida “Que foi feito de tudo isso?” (2012, p.123).

Em *O narrador*, destaca que a decadência da arte de narrar tem se desenvolvido concomitantemente com a evolução da técnica e sua introdução na vida cotidiana (2012). Em fins do século XIX, o ritmo fabril, as transformações urbanas e a velocidade nas cidades inauguram uma outra relação com o tempo - como foi retratado pelo *flâneur* de Baudelaire e Georg Simmel – e assim desvincula gradativamente o narrador dos seus ouvintes.

Neste mesmo texto Benjamin expõe:

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de alguma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (BENJAMIN, 2012, p.213).

Entretanto, Gagnebin (2007) expõe que Benjamin não declara o fim da “arte de narrar” como uma perda irreversível de um passado nostálgico, e sim, como uma possibilidade de criar outras narrativas baseadas em nosso tempo, com todas as limitações existentes e que escapem ao empobrecimento da vida isolada e busque as experiências coletivas.

Dessa maneira, a procura de recursos metodológicos que venham a registrar e facilitar essas narrativas e trocas de experiências é algo presente em várias áreas do conhecimento.

No caso deste trabalho, cujo objetivo é identificar as práticas cotidianas e os modos de uso dos dispositivos técnicos pela população de idosos no centro de João Pessoa, bem como, conhecer suas impressões desse espaço, suas memórias, seus hábitos e suas motivações para vivencia-lo, é de suma importância por duas razões: primeiro, porque lidamos com um público idoso que tenta transmitir suas experiências atuais em uma cidade que se transformou e já não é como antes, através da narração de suas memórias e histórias. Em segundo, por ser um trabalho de inspiração etnográfica, a forma de narração que utilizamos para melhor transmitir nossa experiência como pesquisadores está diretamente ligada ao trabalho de campo, de escuta do outro e a escolha dos interlocutores. Não podemos esquecer que a narração pode vir em várias formas – texto, fotografia, música, vídeo, desenho, etc. – e funciona, muitas vezes, como um facilitador do discurso e do registro.

Nessa dissertação, optou-se por utilizar, além da observação de campo e das entrevistas semiestruturadas, o recurso da fotografia e do desenho, inspirado no livro do *Quando a rua vira casa* de Carlos Nelson Ferreira dos Santos *et al*, de 1985. O autor que inaugurou um território até então pouco adentrado no campo da arquitetura e urbanismo, trouxe grandes contribuições para a pesquisa interdisciplinar e com inspirações etnográficas. Faz uso da combinação fotografia-desenho como uma forma experimental de chamar atenção para certos ambientes sócioespaciais expressivos de sua pesquisa.

Segundo Santos (1985, p.15), o desenho realça aspectos diluídos nas fotografias que confundem o pesquisador com sua “ilusão realista” imediata. Neste caso, pontos de encontros, centros de convívio, locais de jogos, dentre outros que faziam parte da vida do bairro estudado foram submetidos a observações e registros iconográficos detalhados. Os desenhos obtidos a partir das fotos permitiriam uma leitura sintética de uma série de eventos significativos.

Scott Mccloud (1995), quadrinista e defensor do quadrinho como uma forma literária e de arte, em seu livro *Desvendando os quadrinhos*, nos mostra que o desenho pode ser utilizado para diferentes fins. Seu vocabulário consiste em uma gama de símbolos visuais que quando colocados em sequência conseguem substituir o tempo pelo espaço, estimular sentidos, representar um mundo invisível e facilitar narrativas entre o leitor e o escritor. Logo, para o autor, os quadrinhos apresentam um inestimável portal através do qual podemos ver o mundo. São vitais para diversificar nossas percepções das coisas ao nosso redor e compreender o nosso meio ambiente através de vários pontos de vista. Assim, pode-se dizer que a combinação da fotografia – desenhos - quadrinho na narrativa que se busca transmitir viria facilitar a leitura do espaço trabalhado e das relações construídas, traduzindo com maior impacto as intenções da experiência vivida pela pesquisadora.

A seguir, serão apresentadas as etapas do desenvolvimento da pesquisa. O percurso da pesquisa de campo será esclarecido, assim como o porquê das estratégias metodológicas adotadas, com o intuito de fornecer subsídios para uma leitura crítica dos dados obtidos e das interpretações realizadas.

1.2 . ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

A primeira etapa da pesquisa inicia-se com a apresentação do procedimento de coleta de dados secundários e primários. Segundo Serra (2006, p.130), essa denominação é utilizada com frequência pelos pesquisadores para nomear tanto os dados que foram obtidos por outros pesquisadores e instituições - disponíveis em livros, teses, dissertações, documentos, mapas, fotos, estatísticas e a na internet - quanto os dados coletados pelo próprio pesquisador diretamente da realidade.

Logo após, serão descritas as técnicas utilizadas para a coleta dos dados de fonte primária: a observação sistemática e a entrevista semiestruturada. Em seguida é feita uma descrição detalhada dos procedimentos de investigação, desde a chegada ao campo até as mudanças de rumos e o decorrer do trabalho. E por fim, trata-se de como se deu a sistematização e análise dos dados coletados.

É importante dizer que este trabalho opta pela vertente qualitativa, portanto, há uma preocupação no aprofundamento e na compreensão do grupo social aqui trabalhado. A pesquisadora interfere e se permite interferir no meio pesquisado, o que ocasionou que a pesquisa tomasse rumos inesperados.

Coleta de dados de fonte secundária

- *Construção do referencial teórico conceitual*

A primeira parte do trabalho fornece o embasamento teórico necessário ao desenvolvimento da pesquisa. Procede a uma revisão da literatura constituída a respeito do tema e trata de reforçar os conhecimentos acerca de teorias urbanas desenvolvidas pelos autores citados anteriormente e de aprofundar, em particular, conceitos e teorias recentes, provenientes da arquitetura e do urbanismo e suas interfaces com a sociologia, geografia, psicologia ambiental e a antropologia urbana tais quais “experiência da alteridade”, “sociabilidade urbana”, “resistências urbana”, “hábitos cotidianos”, “memórias”, “apropriação”, “afetos”.

As discussões relativas a estes temas têm se tornado recorrentes no meio acadêmico, inclusive nas disciplinas cursadas no PPGAU-UFPB, retomando contribuições de teóricos do final do século XIX e meados do século XX. Além da bibliografia clássica de referencial, outra fonte importante para esta

pesquisa são as revistas e cadernos da área de arquitetura e urbanismo, como a Revista Redobra da UFBA e os Cadernos PROARQ - UFRJ, os anais de congresso, a exemplo, ENANPARQ – Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós graduação em Arquitetura e Urbanismo, ENANPUR - Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, os materiais produzidos pelo LECCUR/UFPB, entre outros, além das ferramentas de busca virtuais e as bases de dados de bibliotecas universitárias.

Pesquisa documental

A pesquisa documental deste trabalho ocorreu em sua maioria em arquivos públicos.

Foram consultados arquivos digitais da Prefeitura Municipal de João Pessoa, tais como: mapas da cidade de 2005 a 2008 disponíveis online, mapas de áreas livres, tabelas de obras públicas e mapa topografia social de João Pessoa de 2000. Também foram examinados dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), como dados dos setores censitários de João Pessoa e dados de pirâmides etárias da cidade e do país.

Nos arquivos da Biblioteca Central da UFPB foram encontrados livros de escritores e historiadores paraibanos como Wellington Aguiar (1993), José Octávio Mello (1990), Wills Leal (1992, 2007) que forneceram informações preciosas acerca da cidade em tempos passados, as memórias, dos coretos, dos cinemas, das festas etc. Dissertações recentes também foram utilizadas e forneceram fotografias e mapas que complementaram a investigação dos espaços trabalhados na pesquisa.

Definições do local de pesquisa

A pesquisa ocorreu no centro da cidade de João Pessoa entre 2013 e 2014. Área de grande concentração comercial e serviços é também local de shows, festas e manifestações políticas, o que lhe confere uma intensa movimentação diária de pessoas. Durante muito tempo, o centro foi o lugar de moradia e trabalho da alta sociedade paraibana e a arquitetura ali existente reflete os valores e significados desta época. Logo, guarda muitas memórias e desperta afetos, principalmente na população idosa, grande frequentadora para os diversos tipos de atividades.

Esleu-se estudar os trechos indicados na figura 01 das Ruas Duque de Caxias e Visconde de Pelotas. Em especial as seis praças e o trajeto pedestrianizado da Rua Duque de Caxias, uma vez que configuram-se como espaço coletivo, de convivência, circulação e encontros, propiciando a existência de um considerável volume de pessoas ali.

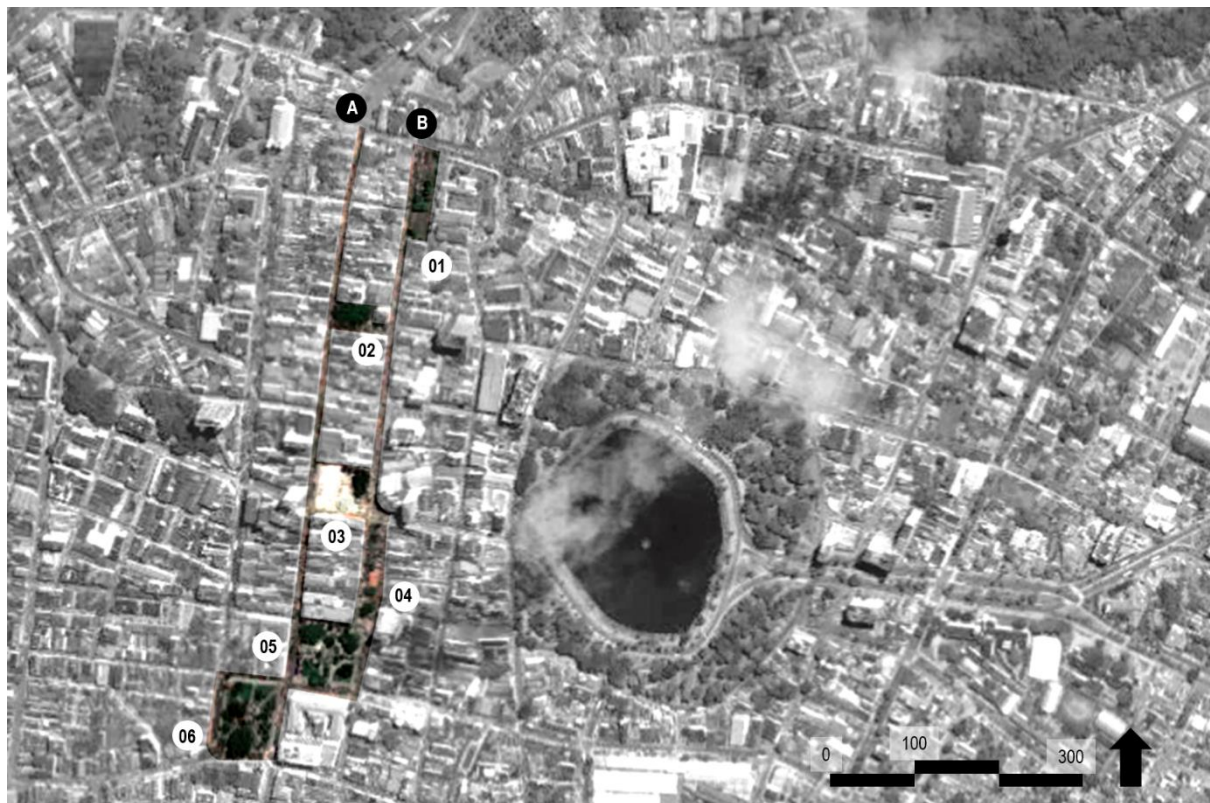


Figura 01: Imagem de satélite da área central de João Pessoa, com destaque para os locais de trabalho. A – Rua Duque de Caxias, B – Rua Visconde de Pelotas. 01 – Praça Dom Adauto, 02 – Praça Rio Branco, 03 – Praça Vidal de Negreiros (Ponto de Cem Réis), 04 – Praça 1817, 05 – Praça João Pessoa, 06 – Praça Venâncio Neiva.

Fonte: Imagem retirada do Google Earth 2014 e editada pela autora.

População e definição do grupo de participantes

Segundo Barros (2007), a visibilidade da velhice nas últimas décadas no Brasil pode ser percebida não só pelos dados demográficos divulgados pelos meios de comunicação de massa, mas também pela experiência cotidiana dos habitantes das nossas cidades que hoje convivem com idosos tanto nos domínios da vida privada e quanto em diferentes espaços públicos.

Vale ressaltar que diversos estudiosos afirmam que não existe um marco etário definido para a velhice, pois as fases da vida não se constituem em propriedades substanciais que os indivíduos adquirem com o avanço da idade cronológica, mas sim dos rituais que definem fronteiras de idade que não são, necessariamente, iguais em todas as sociedades (DEBERT, 2007).

No entanto, nesse trabalho, a definição de idoso utilizada será a adotada pela legislação brasileira (2003) – Lei Federal nº 10.741 - que considera idosos os indivíduos de 60 anos ou mais e que têm uma série de direitos fundamentais assegurados de forma que haja a preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade (BRASIL, 2004).

- *Definição do grupo de participantes*

No que se refere a definição do grupo estudado, a pesquisa de campo foi responsável pela identificação dos idosos contatados, assim como, também foi fator de definição do número de participantes. Ao final da pesquisa chegamos ao total de 14 idosos entrevistados, ressaltando que por se tratar de uma pesquisa qualitativa, o objetivo do número de pessoas é produzir informações profundas e ilustrativas, não a quantificação de valores.

Minayo (1999), Silveira e Gerhardt (2009) oferecem boas discussões a respeito do número de participantes, afirmando que na amostragem da pesquisa qualitativa não há uma preocupação com a generalização. Na verdade, há a necessidade de um maior aprofundamento e abrangência da compreensão. Ou seja, o pesquisador deve ser capaz de identificar e analisar dados não-mensuráveis, como sensações, pensamentos, comportamentos e motivações de um determinado grupo de indivíduos em relação a um problema específico.

Em se tratando dos entrevistados dessa pesquisa, não havia necessidade que fossem moradores do centro, e sim, que fossem frequentadores e experimentadores desse espaço. A escolha dos sujeitos foi feita no próprio local de estudo e a aproximação ocorreu após as observações de campo, quando foram identificados os possíveis participantes que aceitaram participar partilhando suas impressões, experiências e memórias.

Técnicas de coleta de dados de fonte primária

- *Observação de campo*

Na primeira etapa do trabalho de campo foi utilizada a observação de campo. Silveira e Gerhardt (2009) pontuam que a observação possibilita que o pesquisador veja, escute e examine os fatos que pretende investigar sem, necessariamente, se integrar com o grupo observado.

A observação possibilitou coletar parte dos dados necessários para alcançar os objetivos propostos. Foi possível: 1) Confirmar a existência de uma grande população idosa que se utiliza da área para as mais diversas atividades; 2) Ver quais são os locais mais frequentados por essa população; 3) Conhecer as dinâmicas desses locais e ver como o espaço é apropriado por essa população; 4) Que atividade realizam; 5) Quais dispositivos técnicos são utilizados; 6) Quais as barreiras e facilitadores existentes no espaço.

Foram dedicadas 23 visitas a área de estudo apenas para a pesquisa observacional de campo. As visitas aconteceram segundo o quadro 01:

Quadro 01: Cronograma das visitas em campo para pesquisa observacional					
Nº	Dias de semana	Horário	Nº	Feriados/fins de semana	Horário
1)	06.05.13	Manhã	19)	01.05.13	Manhã
2)	08.05.13	Manhã	20)	19.05.13	Manhã
3)	09.05.13	Manhã	21)	25.05.13	Tarde/Noite
4)	28.05.13	Manhã	22)	26.05.13	Tarde/Noite
5)	04.06.13	Manhã	23)	08.09.13	Tarde/Noite
6)	22.08.13	Manhã			
7)	06.09.13	Manhã			
8)	21.01.14	Manhã			
9)	27.01.14	Manhã			
10)	23.05.13	Tarde/Noite			
11)	27.05.13	Tarde/Noite			
12)	29.05.13	Tarde/Noite			
13)	03.06.13	Tarde/Noite			
14)	06.06.13	Tarde/Noite			
15)	29.08.13	Tarde/Noite			
16)	04.09.13	Tarde/Noite			
17)	14.11.13	Tarde/Noite			
18)	27.01.14	Tarde/Noite			

Juntamente com a observação de campo, foi realizado o registro fotográfico, levantamento arquitetônico do entorno e a caracterização do espaço físico.

- *Entrevista semiestruturada*

Na segunda etapa do trabalho de campo foi utilizada a entrevista semiestruturada. Silveira e Gerhardt (2009) apontam que a entrevista é uma alternativa para a coleta dados não documentados sobre determinado tema. Essa etapa desempenha um papel importante no contexto de descoberta e algumas vezes obriga o pesquisador a interagir mais profundamente com o entrevistado.

A entrevista semiestruturada organiza-se em torno de um roteiro de questões sobre o tema estudado, mas permite, e até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal.

Essa técnica foi a que melhor se adequou ao ritmo e aos objetivos do trabalho. Através dela foi possível: 1) Conhecer como esses idosos vão ao centro, com quem e a partir de que horas; 2) Descobrir o porquê da escolha de um determinado espaço em detrimento de outro; 3) Apreender a dinâmica social dessa população nos espaços trabalhados; 4) Identificar suas impressões do espaço atual e dos dispositivos técnicos existentes; 5) Pontuar suas memórias referentes ao espaço; 6) Reconstituir suas rotinas; 7) Compreender suas motivações para continuar usando-o.

Na maior parte das vezes, os encontros e as entrevistas ocorriam espontaneamente - nos bancos das praças, nos seus pontos de trabalho, em uma livraria local⁵, nos trajetos para a parada de ônibus (onde o idoso pegaria o transporte público) e mesmo no caminho da casa de um dos participantes. Neste último caso, a entrevista se estendeu da rua até a sua sala de estar. Devemos dizer que algumas vezes o idoso participante da pesquisa não estava só quando contatado pela pesquisadora, e sim, com outros colegas - idosos ou não - e a entrevista ocorria em grupo, quando os entrevistados respondiam simultaneamente às questões em uma espécie de conversa informal.

As entrevistas foram gravadas após consentimento livre do informante, para que fosse ampliado o poder de registro e a captação de elementos importantes na comunicação. Posteriormente, procedeu-se ouvindo as gravações e transcrevendo as partes que interessavam ao trabalho. Vale ressaltar que todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A proposta metodológica, o roteiro de entrevista e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foram submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Paraíba para a devida aprovação e registros (Anexo A e B).

Para executar as entrevistas semiestruturadas foram feitas 10 visitas a área de estudo em dias de semana, dedicadas aos primeiros contatos com os participantes, a outros encontros e a complementos de entrevistas. Elas ocorreram segundo o quadro 02:

⁵ A Livraria do Luiz está localizada na galeria Augusto do Anjos, na Praça 1817, Centro. Foi fundada na década de 1970 e ainda hoje atrai um público frequente, principalmente para encontros e bate papos.

Quadro 02: Cronograma das visitas em campo para as entrevistas				
Nº	Dia da semana	Horário	Local do início da entrevista	Entrevistados
1)	10.07.2013	Manhã	Praça João Pessoa	Sérgio
	10.07.2013	Manhã	Bancos no Ponto de Cem Réis e a Rua Duque de Caxias	João e Pietro
	10.07.2013	Manhã	Bancos no Ponto de Cem Réis e a Rua Duque de Caxias	Josil
2)	22.08.2013	Manhã	Praça João Pessoa	Sérgio
	22.08.2013	Tarde/Noite	Bancos no Ponto de Cem Réis e a Rua Duque de Caxias	Jonas e André
3)	29.08.2013	Tarde/Noite	Ponto de Cem Réis (Banca de revista)	Régis e Marco
	29.08.2013	Tarde/Noite	Bancos no Ponto de Cem Réis e a Rua Duque de Caxias	Paulo e Livia
4)	04.09.2013	Tarde/Noite	Bancos no Ponto de Cem Réis e a Rua Duque de Caxias	Paulo, Livia e Jacome
5)	06.09.2013	Tarde/Noite	Livraria do Luiz	Gleidson, André
	06.09.2013	Tarde/Noite	Livraria do Luiz	Josil
6)	08.09.2013	Tarde/Noite	Frente da casa da pesquisadora	Sérgio
7)	09.09.2013	Manhã	Rua Duque de Caxias	Ramon e Rosa
8)	02.10.2013	Manhã	Ponto de Cem Réis (Bancos sombreados)	Livia
	02.10.2013	Manhã	Rua Duque de Caxias	Gleidson
9)	23.01.14	Tarde/Noite	Bancos no Ponto de Cem Réis e a Rua Duque de Caxias	Pietro
	23.01.14	Tarde/Noite	Bancos no Ponto de Cem Réis e a Rua Duque de Caxias	Livia e Paulo
10)	28.01.14	Tarde/Noite	Bancos no Ponto de Cem Réis e a Rua Duque de Caxias	Gleidson e Marco

a) Roteiro de entrevista

A entrevista foi guiada por um roteiro de questões que iam sendo ampliados à medida que as informações iam sendo fornecidas pelo entrevistado. O roteiro final (Apêndice A) foi definido após um pré-teste e incorporando a vivência da pesquisadora.

As questões foram organizadas em 05 partes, totalizando 22 perguntas: 1) A primeira parte caracterizou o sujeito (idade, bairro onde reside, local de nascimento, escolaridade, se é ativo profissionalmente ou aposentado). 2) A segunda parte teve como objetivo descobrir como os idosos utilizavam o espaço do centro (motivação, acesso, frequência e atividades), 3) A terceira parte foi destinada a descobrir sobre as atrações, dinâmica e vínculos que se formam nesses espaços. 4) A quarta parte buscou saber suas avaliações do espaço físico do centro, ruas e praças em especial. 5) A quinta parte apresentou questões relacionadas a memória e rotinas do passado que ainda se fazem presentes nos dias de hoje.

Procedimento de investigação

- *Chegada ao campo e primeiras observações*

Entramos em campo com o objetivo de conhecer as experiências urbanas de idosos no centro de João Pessoa nos dias de hoje. Para isso, intencionávamos coletar dados que propiciassem essa resposta do presente através da observação de campo, o ensaio autofotográfico e a entrevista semiestruturada.

Para o ensaio autofotográfico seriam escolhidos alguns idosos que, com uma câmera fotográfica, tirariam um determinado número de fotografias solicitadas e posteriormente fariam uso das imagens produzidas como facilitadoras de narrativas de suas realidades. Daí ser considerado “autofotográfico”.

A entrevista semiestruturada ocorreria juntamente com a interpretação das fotografias, também auxiliaria na construção da narrativa desses sujeitos e a responder as questões centrais desse trabalho. Essa investigação foi proposta por Gomes e Dimenstein (2005) no artigo intitulado *Subjetividade e Narrativas Visuais* e foi utilizada como um recurso metodológico na pesquisa com crianças e adolescentes no campo da Psicologia. Poucos trabalhos em arquitetura e urbanismo como o de Lucrécia Ferrara (1981, 1988) fizeram uso desse procedimento, aparecendo, portanto, ainda como uma novidade nesta área.

Ao longo das observações de campo percebeu-se a existência de muitos idosos no local de trabalho. Alguns sozinhos, alguns em grupos, muitos apenas sentados observando o movimento, outros conversando, outros perambulando resolvendo pendências ou trabalhando, etc.



Figura 02: Desenhos representativos de idosos olhando o movimento da rua, reunidos no café, trabalhando e resolvendo pendências.
Ilustração: Marcela Dimenstein e Krysna Nóbrega

Percebemos que certos idosos se mostram usuários frequentes dos espaços públicos centrais, pois durante as visitas de campo passamos a identificar diversos idosos que frequentavam, de modo geral, sempre os mesmos locais, nas mesmas horas do dia, para a realização das mesmas atividades. Vale dizer que como as visitas de campo ocorreram em todos os períodos do dia, foi possível observar sujeitos que apareciam apenas pela manhã, sujeitos que apareciam apenas pela tarde/noite e outros que apareciam de manhã, tarde e noite.

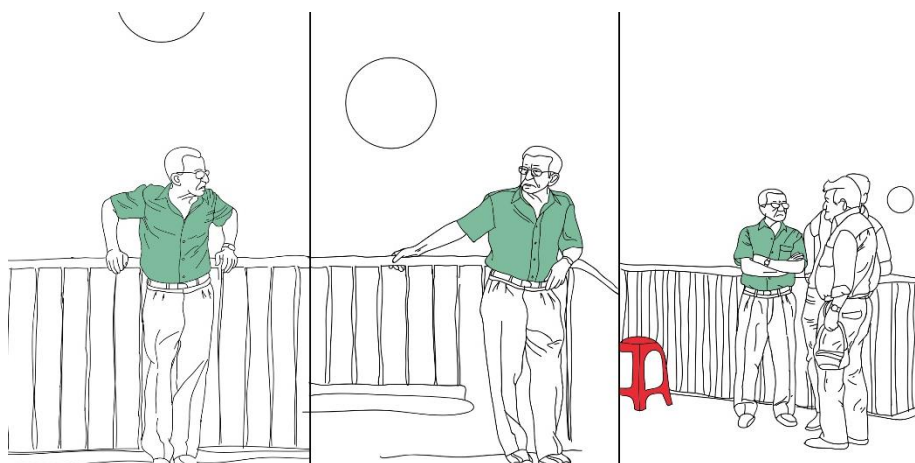


Figura 03: Desenho representativo de idoso em diferentes turnos do dia, sempre no mesmo local.
Ilustração: Marcela Dimenstein e Krysna Nóbrega

Dessa forma, acabamos por delimitar quem seriam os idosos a serem contatados para a realização das próximas etapas da pesquisa: Os idosos que utilizam cotidianamente o espaço e com quem seria possível encontrar mais de uma vez para serem feitos os primeiros contatos, a explicação do instrumento fotográfico e as entrevistas. Logo, acreditava-se que existia um público que era apropriado e que se tinha condições propícias para aplicar tais técnicas de coleta de dados.

- *Primeiros contatos*

Após as visitas observacionais e a escolha dos idosos da pesquisa, deu-se início as tentativas de estabelecimento dos primeiros contatos. Porém, esta etapa do campo começou a apresentar dificuldades que nos obrigariam realizar alterações no que havíamos pensado.

Primeiras dificuldades

A primeira dificuldade que nos deparamos foi a resistência de alguns idosos em participar da pesquisa quando mencionávamos que se tratava de um estudo sobre aquele espaço e era vinculado à UFPB. Os sujeitos respondiam rapidamente que não queriam participar, pois não sabiam falar sobre o tema e que estavam muito apressados. Alguns, mesmo depois de falarem que estavam atarefados permaneciam sentados, outros, se levantavam e iam embora.

Algo que percebemos foi a dificuldade ao tentar estabelecer o contato, estando a pesquisadora sozinha ou com outra mulher. Quando acompanhada de um homem, os entrevistados se sentiam menos indispostos, e muitas vezes respondiam as perguntas feitas pela pesquisadora em direção ao homem. Logo, para o estabelecimento dos primeiros contatos, preferimos contar com a presença de um homem como acompanhante.

Essas primeiras tentativas mostraram que o *approach* utilizado não estava correto e que seria necessário descobrir uma nova forma de aproximação com essa população.

Novo Approach

Depois dessas primeiras dificuldades, tentamos uma aproximação com os sujeitos mediante a ajuda de um estudante de jornalismo que trabalhava como estagiário do Jornal da Paraíba e já havia realizado entrevistas com este tipo de público. Percebemos que seu *approach* com a população idosa era diferente. O início da conversa não se dava com uma apresentação do entrevistador e sobre o que seria a entrevista. E sim, com uma pergunta vaga, como: “O senhor é daqui?”, ou mesmo com um comentário: “Está quente hoje, hein?!”.

Desta forma, em um clima mais descontraído, a conversa acontecia mais facilmente e foi possível inserir as perguntas do roteiro de entrevista à medida que os assuntos iam se desenrolando. A princípio, os sujeitos não se sentiam confortáveis dizendo seus nomes, nem onde moravam e muitas vezes, não percebiam que estavam participando de uma pesquisa até a apresentação formal das duas partes que acontecia durante a conversa quando trocávamos informações e experiências pessoais. Devemos esclarecer que esta foi apenas uma estratégia de aproximação com os sujeitos. A apresentação formal da pesquisadora e dos objetivos da pesquisa foram explicados ao longo da entrevista quando foi solicitado de todos os participantes, a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.



Figura 04: Desenho representativo das dificuldades dos primeiros contatos e o novo approach
Ilustração: Marcela Dimenstein e Krysna Nóbrega

Fazendo uso dessa nova abordagem foi possível iniciar os primeiros contatos com os idosos e perceber que alguns deles não estavam acostumados ao contato com a câmera fotográfica, tanto por não estarem familiarizados com elas e seus novos recursos, ou talvez por acharem que teriam que fazer boas fotos e seriam avaliados por isso. Estes, acabaram sendo fatores que causaram estranhamento nos idosos quando perguntados se poderiam tirar umas fotos do espaço para o trabalho.

Outro fator que impediu o uso da técnica da autofotografia foi que muitos dos idosos observados e contatados apresentavam algum tipo de sequelas da velhice, como por exemplo, muitos já não enxergavam direito, não conseguiam manejar objetos pequenos, tinham que andar de muletas e não conseguiriam manejar a câmera. Entretanto, acreditamos que o fator crucial para o não sucesso da técnica fotográfica se deu pelo fato de que muitos se intimidaram com o instrumento e, principalmente, de utilizá-lo na frente de outras pessoas.

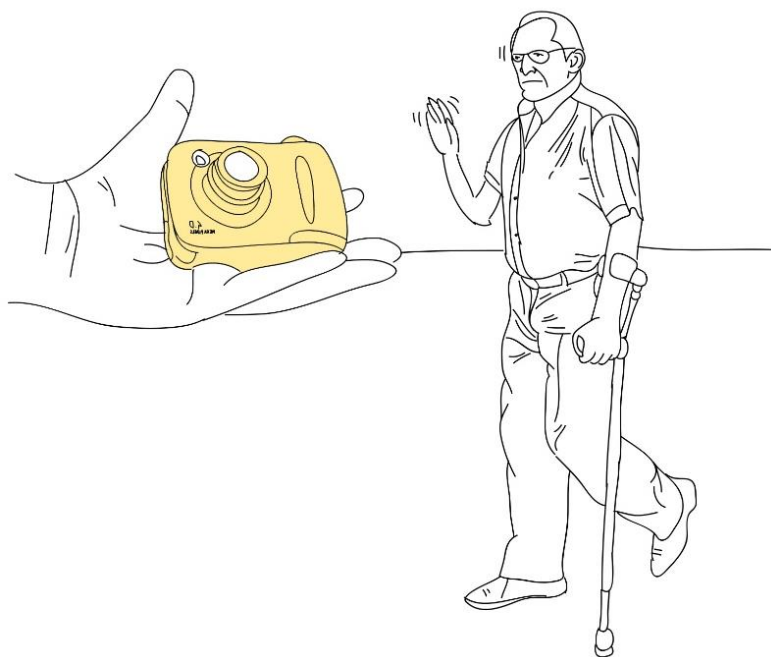


Figura 05: Desenho representativo de idoso recusando a câmera fotográfica.
Ilustração: Marcela Dimenstein e Krysna Nóbrega

Esta etapa de primeiros contatos foi decisiva para os rumos do trabalho. As dificuldades encontradas mostraram que a autofotografia não era conveniente para o andamento do trabalho, sendo necessário realizar várias modificações tanto relacionadas aos procedimentos e técnicas, quanto a minha visão deste universo.

Logo, foi preciso entender que a investigação é um processo de idas e vindas, flexível e que acontecimentos inesperados vão realimentar o processo sugerindo novos caminhos a serem tomados.

- *Mudanças de rumo*

Uma vez que a autofotográfica não se mostrava adequada, outro elemento começou a chamar atenção durante os primeiros contatos com os idosos. A narrativa gerada pelas entrevistas semiestruturadas traziam mais informações úteis do que era esperado, inclusive revelando que o roteiro de entrevista pensado teria que sofrer mudanças para se adequar aos diferentes assuntos que surgiam.

Notamos que os idosos contatados sempre falavam das suas experiências urbanas de hoje se remetendo ao passado e realizando sobreposições desses tempos. As comparações também eram inevitáveis e muitos dados importantes acerca de suas experiências urbanas no centro apareciam inesperadamente. Dessa forma, o processo de investigação da pesquisa, assim como as observações, as entrevistas e as narrativas resultantes, ganharam mais importância no trabalho, delineando a discussão acerca das experiências urbanas e novas formas de apreender a cidade.



Figura 06: Desenho representativo de idoso contando lembranças do passado durante entrevista semiestruturada.
Ilustração: Marcela Dimenstein e Krysna Nóbrega

- *O decorrer do trabalho*

Depois de todas as mudanças nos procedimentos e técnicas de investigação, assim como nos rumos do trabalho, voltamos a campo em busca de encontrar novamente os sujeitos já contatados e fazer novos primeiros contatos.

O fato de já termos visto maioria dos sujeitos contatados durante as observações de campo, foi um facilitador, pois já sabíamos os melhores horários e os locais para encontrá-los. Entretanto, tiveram casos de idosos que havíamos visto nas observações, fizemos os primeiros contatos, mas não conseguimos encontrá-los novamente. Também tiveram casos de contatos com sujeitos que não havíamos visto antes nas observações. Isto se deu, muitas vezes, porque a comunicação com os idosos ocorreu de forma não planejada. Uma coisa muito comum era o contato com novos sujeitos durante as entrevistas que aconteciam com outros sujeitos. A conversa descontraída e os temas tratados chamavam

atenção de colegas que estavam ali por perto que se aproximavam para dar suas contribuições. Nesses casos, a entrevista individual evoluía para uma entrevista em grupo e os entrevistados respondiam simultaneamente às questões de maneira informal.



Figura 07: Desenho representativo de conversas que atraíam pessoas que estavam de passagem.
Ilustração: Marcela Dimenstein e Krysna Nóbrega

Outro fato interessante foi a descoberta de um ponto de encontro sempre remetido nas narrativas de uma série de entrevistados: a Livraria do Luiz, que fica localizada em uma galeria da Praça 1817. Lá encontrávamos vários sujeitos familiares e conhecíamos outros mencionados por participantes.

Durante as 10 visitas feitas a campo para reencontrar os sujeitos contatados e realizar complementações das entrevistas, a relação entre a pesquisadora e os sujeitos foi ficando mais afetuosa, chegando a ser chamada de “minha netinha” por uma das entrevistadas. Uma confiança foi se desenvolvendo e os assuntos tratados ficavam mais íntimos. No caso da entrevistada que mora no centro, a conversa ocorreu dentro de sua casa.

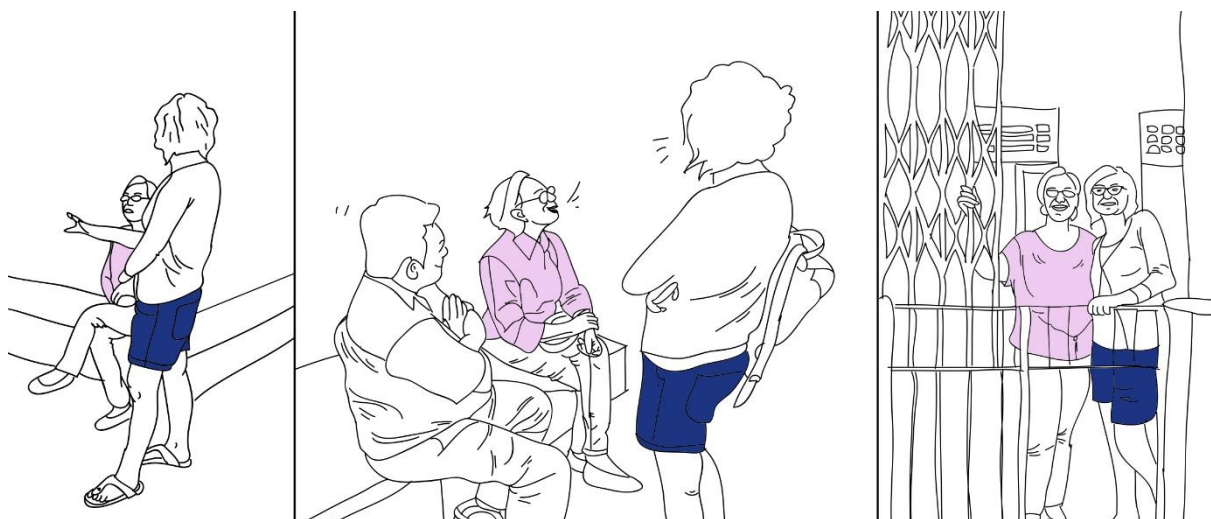


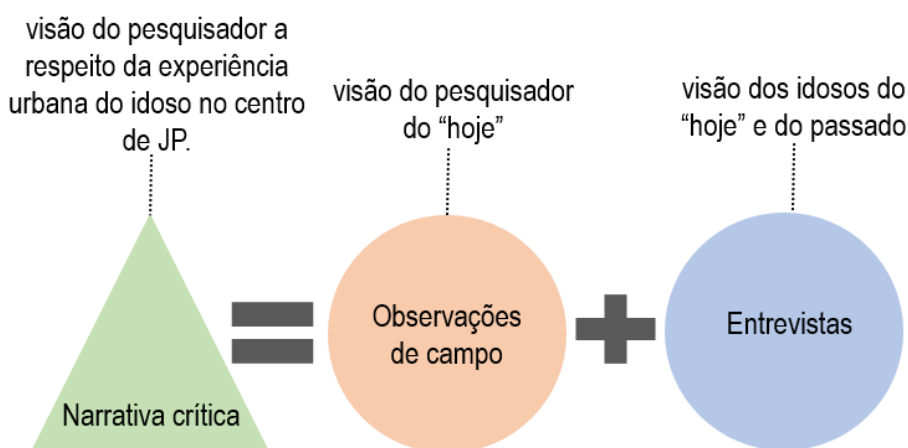
Figura 08: Desenho representativo de conversa que se iniciou na praça e se estendeu a casa da entrevistada.
Ilustração: Marcela Dimenstein e Krysna Nóbrega

1.3 SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Segundo Silveira e Gerhardt (2009), a sistematização dos dados tem como objetivo organizar o que foi coletado nas etapas anteriores de forma que seja possível alcançar os objetivos propostos.

Em mãos dos diversos dados coletados nas observações de campo, nas entrevistas semiestruturadas e na revisão bibliográfica fez-se necessário achar um meio de sistematizar todas informações para analisa-las e enfim, chegar a um resultado final. A forma que achamos mais adequada segue o modelo de estudo abaixo:

Modelo de estudo de síntese e análise dos dados



Fonte: Marcela Dimenstein.

A narrativa urbana crítica será o resultado da síntese das observações de campo (visão do pesquisador apenas do que se passa no momento atual), das entrevistas semiestruturadas (visão dos idosos entrevistados a respeito do que se passa atualmente e do que viveram no passado) e da revisão teórica a respeito dos temas estudados.

Sistematização dos dados observacionais e das entrevistas

- Dados observacionais

A organização desses dados converteu-se nos seguintes resultados: 1) Identificação dos espaços mais frequentados pela população idosa; 2) Detecção dos usos e concentrações no espaço; 3) Classificação das atividades observadas baseadas na categorização de atividades exteriores de Jan Gehl (2009) e 4) Representação da relação entre as atividades observadas, os dispositivos técnicos existentes e barreiras/facilitadores no espaço. Para tanto, acreditamos que a melhor forma de exibir

esses resultados se daria através de fotomontagens, onde seriam inseridas sobreposições dos aspectos mais relevantes encontrados.

- Dados das entrevistas

Primeiramente, realizou-se uma categorização das respostas obtidas em relação às 22 perguntas do roteiro de entrevista: 1) Perfil do entrevistado, 2) Motivação, Acesso, Frequência, Atividades, 3) Atrações, Vínculos e Dinâmicas, 4) Avaliações do espaço e 5) Memória e Rotinas. Depois de categorizadas, pôde-se desenvolver com mais facilidade a discussão sobre cada um dos questionamentos feitos aos entrevistados.

A discussão dos resultados foi subdividida em três tópicos: 1) O centro como lugar do apego, 2) Memória e interação e 3) Vivências nos dias atuais e fez-se mediante a síntese das observações de campo, das entrevistas semiestruturadas e da revisão teórica a respeito dos temas estudados. A narrativa gerada foi enriquecida com fotografias tiradas em campo e da bibliografia utilizada, trechos das entrevistas e desenhos feitos pela pesquisadora para auxiliar a visualização do leitor acerca das histórias dos entrevistados.

CAPÍTULO II

TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO E USOS COTIDIANOS DO CORPO IDOSO

2.1 O CENTRO DE JOÃO PESSOA E A POPULAÇÃO IDOSA

A primeira parte deste capítulo faz um apanhado geral das transformações urbanas ocorridas no centro de João Pessoa desde meados do século XX, as quais ocasionaram mudanças no perfil original de uso e ocupação do solo e no seu tecido urbano. Além disso, busca contextualizar o leitor acerca das políticas públicas de revitalização/requalificação para o centro histórico desde a década de 1980 até as últimas obras que ocorreram em 2010, procurando relacionar espaço, contexto e o público alvo desde trabalho. A seguir, abordará as implicações do corpo idoso no ambiente urbano e como as diferentes posturas corporais e mudanças nas competências motoras acabam revelando novos pontos de vista dos espaços.

Por fim, serão expostos os resultados das observações sistemáticas feitas em campo que tratam da relação de apropriação e uso da área pelos sujeitos da pesquisa, ressaltando como o entorno construído pode influenciar nas atividades desenvolvidas no espaço, questionando se os dispositivos técnicos existentes são apropriados para esse público, identificando os contra usos e as práticas cotidianas aí realizadas.

Do centro das memórias ao centro de hoje

A cidade de João Pessoa, ao longo dos seus 429 anos de existência, experimentou, como diversas outras cidades, inúmeras transformações que modificaram o seu perfil original de uso e ocupação do solo. Mas, foi a partir da década de 1970 que a capital paraibana apresentou um elevado aumento populacional e um grande crescimento de seu espaço urbano. Segundo Pereira (2008), nesse período, João Pessoa já contava com 221.546 habitantes e sua frota de automóveis com 10.724 unidades. Este elemento acabou por facilitar o deslocamento da população que se afastava cada vez mais da região central em direção aos novos bairros de classe média (Zona Leste) que acompanhavam as imediações da Av. Epitácio Pessoa, como também aos novos conjuntos destinados às classes populares nas zonas Sul e Sudeste.

Enquanto isso, no centro da cidade, observaram-se os primeiros indícios da transferência de usos habitacionais para usos voltados aos serviços “terciários”. As residências reservadas às camadas de alta renda foram, gradativamente, sendo substituídas por edifícios destinados ao comércio e serviços (ANDRADE, 2007). As décadas de 1970/80 marcaram a área central como grande foco de vitalidade

comercial para a cidade, permanecendo assim até o início da década de 1990. Foi durante este primeiro período que o centro presenciou obras de reforma urbana que visavam resolver problemas que acometiam a área. Foi o caso do primeiro viaduto da cidade que recortou a Praça Vidal de Negreiros (Ponto de Cem Réis) para construir uma passagem de nível entre a Cidade Baixa e o Parque Solón de Lucena.

Segundo Scocuglia (2004, p.115), durante a década de 1970, ainda havia no centro um tipo de sociabilidade semelhante a qualquer outro bairro da cidade. O comércio, as missas e a moradia conviviam com a reconhecida atividade noturna de prostituição e boemia que o estigmatizavam.

Em meados da década de 1980 iniciou-se o período de revitalização do Centro Histórico e de valorização do patrimônio cultural na cidade como estratégia de desenvolvimento econômico para atender às políticas voltadas para o turismo em nível nacional e internacional. O Convênio Brasil/Espanha de cooperação internacional teve início em 1987 objetivando revitalizar e reinventar a imagem da área em uma tentativa de trazer usos condizentes com o seu passado noturno e de boemia, uma vez que a área era vista como degradada e abandonada.

Esse argumento reforçou e ainda reforça a justificativa de revitalização em diversas cidades, entretanto, a dimensão social das políticas urbanas fica obscurecida ao se afirmar que essas áreas antes de serem revitalizadas eram abandonadas e desertas, pois de fato essas áreas sempre foram carentes de benefícios públicos, nunca de pessoas (SCOCUGLIA, 2004, p.90).

Daí surgiram as críticas às políticas conflitantes de revitalização implementadas em diversas cidades do Brasil e que vem ocorrendo em João Pessoa, por sua negligência para com uma população “invisível” que encontrou nas áreas centrais e históricas um local de refúgio, moradia e ganha pão.

Hoje, vem chamando atenção na cidade o destino da Comunidade do Porto do Capim, diante das decisões relacionadas ao PAC Sanhauá (Programa de Aceleração do Crescimento; figura 09).

A partir do ano de 1997, começou a ser pensado pelos poderes públicos um projeto de intervenção nessa área, transformando-a em polo turístico e cultural, buscando remover todas as unidades habitacionais ali existentes. Durante esse período, ocorreram várias mudanças no projeto inicial, assim como mudanças na gestão do município. Em todo esse percurso a comunidade não tem sido consultada e seus anseios e reivindicações não têm sido escutados. A Comissão Porto do Capim em Ação vem pretendendo chegar a um consenso com a Prefeitura em torno de um projeto que leve em consideração a vida dos moradores da área, a preservação ambiental e do patrimônio histórico, pontuando que a área não precisa de revitalização, mas de condições dignas de moradia, de educação, lazer, saúde e emprego.



Figura 09: Proposta de Revitalização do Porto do Capim.
Fonte: Comissão Permanente de Desenvolvimento do Centro Histórico de João Pessoa, 2010.

A intensificação das notícias nos principais jornais da cidade sobre as revitalizações no centro de João Pessoa e um maior interesse pelas questões relacionadas ao patrimônio histórico, principalmente por parte do poder público, foi percebida ao longo de quase duas décadas - 1987 até 2002 - com obras de intervenções em diversas áreas do centro histórico, como na Praça Dom Adauto (1989), Largo de São Francisco (1989), Antenor Navarro (1998), Casarão dos Azulejos (1999), Largo da Ladeira e Igreja de São Frei Pedro Gonçalves (2002), dentre outros. Mais recentemente, no final de 2007, com o tombamento do Centro Histórico de João Pessoa pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) foram liberadas verbas tanto pelo Instituto quanto pela Prefeitura para a realização de obras pontuais de requalificação de praças, calçadas, mobiliários e edifícios que se apresentavam em estado de precariedade. As praças receberam uma atenção especial, tendo 09 das 11 praças existentes no bairro recuperadas.

Apesar da notável melhoria em várias dessas praças - mudanças de pisos, mobiliários, arborizações e iluminação - acredita-se que as obras de requalificação poderiam ter sido otimizadas através de um estudo mais aprofundado sobre o contexto que estão inseridas, suas particularidades, as memórias que guardam, bem como o público que ali está.

No caso dos idosos, grandes frequentadores do centro, a relação existente entre eles e esse espaço assume uma importância fundamental, principalmente nos seguintes aspectos: 1) O centro sempre esteve presente em suas vidas como local de moradia, de trabalho e de diversão. Logo, é um lugar que guarda muitas memórias, reafirma seus costumes e ainda desperta afetos. 2) A arquitetura ali existente reflete a sociedade de uma época e está cheia de valores, de sentidos e significados que revelam fatos que os marcaram, como foi o caso da residência de personalidades muito ricas e

importantes na época ou a sorveteria Canadá que se localizava em uma loja no térreo do Paraíba Palace Hotel. 3) As várias mudanças que os espaços centrais sofreram ao longo dos anos acabaram por destruir vários dos referenciais urbanos, como os citados acima, e com isso uma parte da memória foi se perdendo e em seu lugar apareceram novas formas e novas relações. Por exemplo, alguns idosos sabiam que em uma determinada rua havia uma certa edificação, entretanto já não conseguiam identificar em que posição da rua ela ficava. 4) Por fim, como veremos a seguir, o centro de João Pessoa, dentre todos os bairros, ainda detém o maior percentual de idosos da cidade. Mesmo que muitos dos participantes já não morem mais no centro decorrente de inúmeros fatores, ainda é possível encontrar moradores e frequentadores assíduos flanando, observando o movimento nas ruas, descansando e conversando nas praças.

Os relatos dos idosos muitas vezes complementaram e confirmaram fatos narrados por vários autores e historiadores como Wellington Aguiar (1993), José Octávio Mello (1990), Wills Leal (1992, 2007) que resgataram a história de João Pessoa e reforçaram a representatividade do centro da cidade na vida cotidiana dos seus habitantes. Seus livros exploram elementos que hoje já não existem mais ou que perderam sua magnitude, mas que ficaram marcados em suas memórias – os coretos das praças, as festas populares, os cinemas, as sorveterias, os clubes, etc.

A relação de complementaridade entre o discurso dos entrevistados e as memórias dos livros permitiu recompor vários cenários que serão exibidos no capítulo 3.



Figura 10: Idosos na Rua Duque de Caxias – Centro.
Foto: Marcela Dimenstein, Jun.13

- *A distribuição dos idosos em João Pessoa*

Os temas relacionados à velhice estão mais evidentes no Brasil pelo aumento do número de idosos na sua população total. Este aumento está ligado a várias questões relativas a queda da mortalidade, avanços da medicina, melhorias nas condições gerais de vida e melhorias na higiene pessoal e ambiental, dentre outras. Em 2010, 11% da população brasileira estava acima dos 60 anos e a previsão para 2020 é que esse índice aumente para 13,67%.

Em análise dos dados do município de João Pessoa, percebemos que eles acompanham a média nacional e mostram um aumento significativo da população idosa. Em 2007, a cidade apresentava cerca de 667.000 habitantes e uma população idosa de cerca de 61.000 habitantes, sendo, 9,14% de sua população acima dos 60 anos (IBGE 2007 apud CUNHA, 2011). Já em 2010, a cidade possuía uma população estimada em cerca de 723.000 habitantes, dentre os quais 74.700 eram idosos, sendo então, 10,3% da população está acima dos 60 anos de idade (IBGE, 2010).

Segundo os dados disponibilizados de topografia social da cidade de João Pessoa em 2000, a cidade está dividida em 65 bairros, isto é, 59 bairros e 06 áreas especiais.

Mapa de porcentagem de idosos por bairro e setores censitários de João Pessoa em 2000.

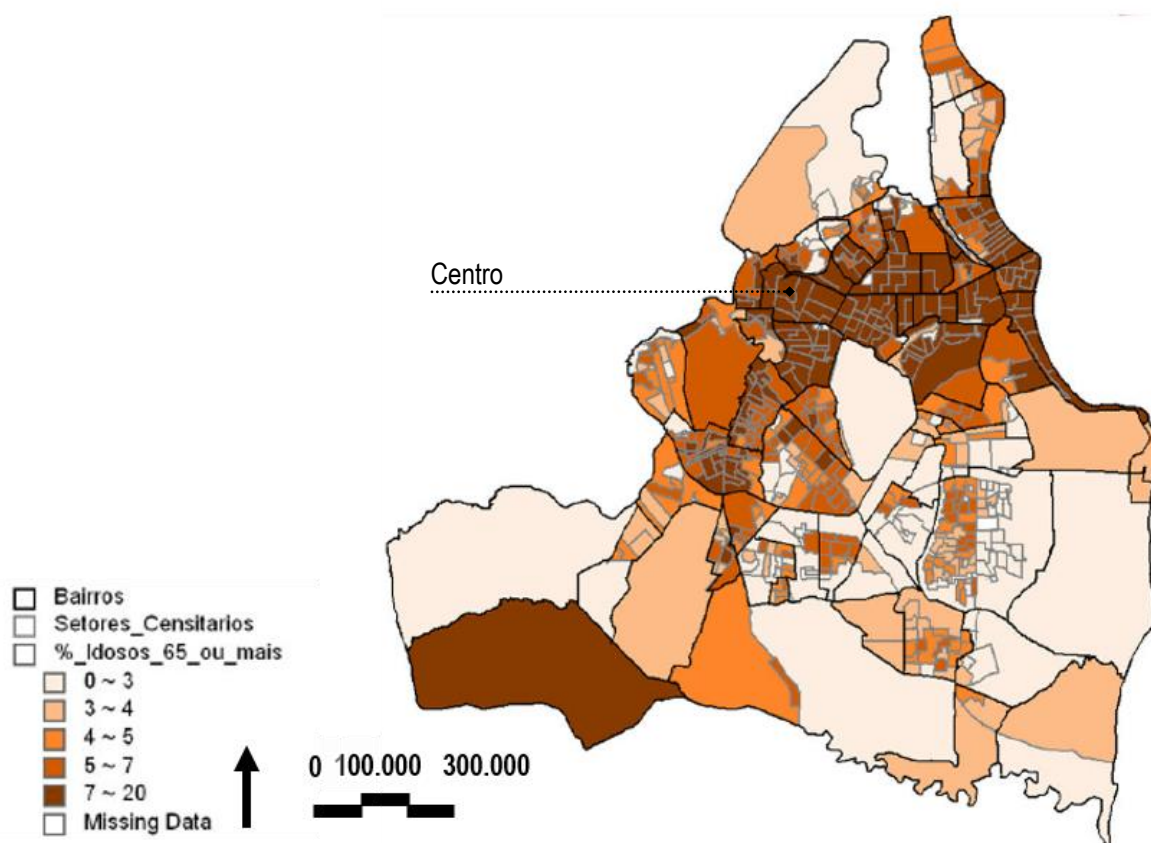


Figura 11: Porcentagem de idosos por bairro e setores censitários de João Pessoa em 2000.
Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, PMJP.

Pela figura 11, pode-se notar que a maior concentração de idosos está entre os bairros: Centro, com 19,67%, Jaguaribe com 17,34%, Pedro Gondim com 17,20%, Torre com 15,08%, Mussuré com 16,67%, Expedicionários com 15,48% e Bairro dos Estados com 15,42%.

Já os dados atualizados e disponibilizados em 2010 mostram que houve permanências e mudanças nesse quadro. O centro permanece com a maior concentração de idosos da cidade, com 20,49% e Bairro dos Estados, Pedro Gondim, Jaguaribe ainda aparecem com uma das maiores porcentagens da cidade. Entretanto, outros bairros como Cabo Branco, Tambaúzinho, Tambaú e Brisamar, em 10 anos, registraram um elevado aumento populacional, assim como da parcela de idosos.

No quadro 03, podemos ver o ranking dos 10 bairros de João Pessoa que apresentam a maior porcentagem de idosos em 2010 e uma comparação entre os dados desses mesmos bairros em 2000.

Quadro 03: Ranking dos 10 bairros que possuem maior nº de idosos e comparação dos dados de 2000 e 2010.

Bairro	População total residente (2000)	População total residente (2010)	População idosa residente (2000)	População idosa residente (2010)	Porcentagem pop. idosas residente (2000)	Porcentagem pop. idosas residente (2010)
1º Centro	4.540 hab.	3.644 hab.	893 hab.	747 hab.	19,67%	20,49%
2º Bairro dos Estados	5.962 hab.	7.458 hab.	919 hab.	1.460 hab.	15,42%	19,52%
3º Cabo Branco	6.566 hab.	7.906 hab.	938 hab.	1.482 hab.	14,29%	18,74%
4ª Pedro Gondim	3.316 hab.	3.360 hab.	570 hab.	615 hab.	17,20%	18,30%
5º Jaguaribe	14.105 hab.	14.651 hab.	2.445 hab.	2.617 hab.	17,34%	17,86%
6º Tambaúzinho	4.176 hab.	4.932 hab.	620 hab.	879 hab.	14,87%	17,82%
7º Tambaú	8.837 hab.	10.163 hab.	1.191 hab.	1.731 hab.	13,48%	17,03%
8º Torre	16.640 hab.	15.193 hab.	2.509 hab.	2.568 hab.	15,08%	16,90%
9º Brisamar	4.256 hab.	4.268 hab.	457 hab.	718 hab.	10,75%	16,82%
10º Expedicionários	3.646 hab.	3.625 hab.	546 hab.	580 hab.	15,48%	16%

Fonte: (IBGE, 2000 apud CUNHA, 2011) e IBGE 2010.

O centro da cidade certamente sofreu e ainda sofre um processo de esvaziamento. Contudo ainda é possível encontrar ali parte da população que remonta aos tempos enobrecidos da área, embora já envelhecida e com boa parte dos familiares migrados para outros bairros da cidade. Os que lá frequentam referenciam o centro como um lugar de boemia e da noite, mas essa representação sempre vem acompanhada do sentimento de pertencimento ao lugar e de afeto.

“Meu corpo já não é mais o mesmo”

O corpo constitui-se o elo fundamental de ligação do homem com o mundo. É o veículo utilizado por nós para expressar diariamente nossas relações com outros corpos e com os lugares.

Quando tratamos do corpo idoso no ambiente urbano, uma série de questões manifestam-se a respeito da sua relação com a cidade. As diferentes posturas corporais e as mudanças nas competências motoras acabam revelando novos pontos de vista dos espaços, uma vez que estes são capazes de colocar o corpo mais frágil em situações de desvantagem e reforçam suas deficiências. Logo, atividades básicas como caminhar nas ruas e se sentar nos bancos podem trazer novas percepções e experiências, influenciando nas suas reações emocionais, sensações e identificações com a cidade.

Como exemplo, houve o caso de um participante da pesquisa que com a idade adquiriu diabetes e uma das recomendações médicas era que bebesse muita água, o que o deixava com bastante vontade de urinar. Este participante que mora no Varadouro e vai a pé ao centro, confessou que a ausência de banheiro público é um grande problema. Este fato o obrigou a pedir a alguns comerciantes – que sabem do seu problema - que lhe deixasse usar o banheiro quando precisasse.

Socialmente, o processo de envelhecimento diz respeito à marcação da idade e se desenrola com o desgaste, limitações crescentes, perdas físicas e de papéis sociais. As perdas são tratadas principalmente como problemas de saúde, expressas em grande parte na aparência do corpo, pelo sentimento em relação a ele e ao que lhe acontece: enrugamento, descolorimento do cabelo, encolhimento, reflexos mais lentos, menos agilidade, dentre outros. Alda Britto da Motta (2002) e Guita Grin Debert (2007) concordam com a ideia de que as “idades” ainda são percebidas como parte do passar do tempo. Para o imaginário social, a identidade etária das pessoas ainda está definida pela presença do corpo como definidor do que é ou não velho e do que é ou não saudável.

Um aspecto bastante frequente durante a pesquisa de campo foram brincadeiras sobre as idades dos participantes. Em diversos momentos, aos serem questionados sobre a idade, me perguntavam qual idade eu achava que eles tinham. Em todos os casos, os reconheci como mais novos do que eram, o que não pareceu fugir de suas expectativas, uma vez que imediatamente me mostravam suas identidades e indicavam o ano que haviam nascido, como se dissessem: “Estou muito bem, não é?!”. Nessas situações, o corpo é o *locus* do conhecimento da velhice, pois é através da aparência que se deveria chegar a uma conclusão da condição de velho ou não.

Motta (2002, p.40) exprime que o “gestual humano” como a postura do corpo, é particularmente diferente segundo as idades e gerações. No caso dos idosos, isso é enfatizado e o comportamento corporal é demandado de fora para que se adeque ao modelo cristalizado do preconceito social. Mariele Correia (2009, p.37) corrobora com Motta (2002) ao falar em seu livro *Cartografias do envelhecimento*

na contemporaneidade, que ao procurar entender o conceito de velhice, pediu para que os participantes idosos representassem a partir de gestos e comportamentos típicos as várias idades da vida. Ao se solicitar que a velhice fosse representada, eles a caracterizaram como uma fase decrépita, como se o corpo estivesse em franco estágio de degenerescência e ruína. Entretanto, os próprios participantes não se encontravam naquela condição.

Debert (2007) questiona se não estamos restringindo o entendimento do envelhecer ao nos determos somente aos dados visíveis e cronológicos. Aponta que recentes estudos em diferentes culturas constataram diferentes formas de envelhecer, colocando em desuso a ideia que o envelhecimento é uma condição biológica que o indivíduo submete-se passivamente, visto que é um fenômeno tanto biológico quanto social/cultural e ao qual reagem com base no que adquirem ao longo da vida.

A grande quantidade de idosos na área trabalhada revelou diversas situações que foram esquecidas durante as recentes obras de requalificação. A ausência de manutenção dos pisos, a existência de bancos sem encostos, a falta de sombreamento e as mudanças bruscas de níveis na calçada são fatores que influenciam na atração de uma parcela de idosos de um local a outro.

A adequação climática foi um fator decisivo para um dos participantes de 82 anos. Religiosamente pelas manhãs gosta de ficar na Livraria do Luiz, local climatizado com ar condicionado e, as vezes, após o pôr do sol se dirige ao Ponto de Cem Réis para encontrar os amigos.

As figuras 12, 13, 14, 15 e 16 apresentam idosos identificados na área de trabalho e ilustram as possíveis dificuldades que seus corpos lhes impõem e como lidam com as condições físicas do espaço existente.



Figura 12, 13, 14, 15: Muletas e bengalas são elementos auxiliares comuns dentre os idosos. A forte incidência do sol na pele e nos olhos os obrigam a se protegerem. Foto: Marcela Dimenstein, Jun.13

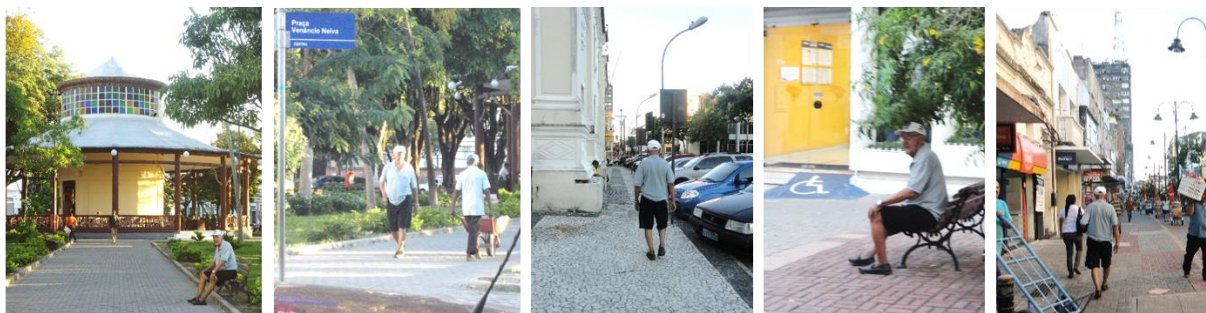


Figura 16: Sequência de fotos de idoso que precisou sentar-se várias vezes no trajeto entre a praça Venâncio Neiva e Ponto de Cem Réis indicando dor na perna. Foto: Marcela Dimenstein, Maio.13

- *O centro dos homens*

Um fato que chamou muita atenção durante as observações de campo foi o desequilíbrio na quantidade de homens e mulheres realizando atividades de permanência nos locais estudados. A grande maioria das mulheres estava sempre em trânsito, e as poucas vezes que estavam desfrutando do espaço, sentadas e conversando, ocorria mediante a realização de algum evento promovido pela Prefeitura, como por exemplo, as feiras de artesanato ou de flores. Este, certamente foi um fator decisivo que marcou a preponderância de homens dentre os sujeitos entrevistados.



Figura 17, 18: Idosas em feira de artesanato no Ponto de Cem Réis – Centro. Foto: Marcela Dimenstein, Maio.13

De certo modo, este fato pode ser explicado, segundo Motta (1999, p. 202), pelas diferentes expectativas sociais, historicamente construídas, que norteiam a trajetória de homens e mulheres, hoje já velhos. A mulher está mais ligada ao mundo doméstico, sofre maior repressão social, dificuldades de acesso ao mercado de trabalho, tem menor participação política, enquanto os homens sempre gozaram de maior poder político, intensa vida social e obrigação de ser provedor da família.

Os diferentes papéis sociais entre homens e mulheres foi tema muito citado pelos entrevistados. A maioria dos homens participantes da pesquisa eram casado, entretanto, estavam sempre

desacompanhados de suas esposas. Quando perguntados o porquê delas não estarem ali também, respondiam que elas preferiam ficar em casa, não viam muito sentido em ficar na rua sem um propósito específico. Enquanto isso, quando perguntados o porquê deles estarem na rua e não em casa, respondiam que sempre passaram a vida fora e agora que tinham tempo livre não havia o que fazer em casa. Preferiam ir aos espaços que costumavam circular quando trabalhavam, ver gente na rua, encontrar colegas e ver o movimento, etc.

As poucas mulheres participantes do trabalho comentaram que quando jovens, os passeios ao Jardim Público, aos cinemas e às sorveterias ocorriam sempre no período da manhã/tarde e nunca desacompanhadas. A vida noturna na área central não fazia parte dos seus itinerários, se restringindo a ficarem na calçada de suas casas com o resto da família. Hoje, uma das entrevistadas, ainda moradora da Rua Duque de Caxias, repara como os tempos mudaram e como todas as suas conhecidas já não moram mais ali. O que lhe restou foi se adentrar no mundo masculino, onde todos já lhe conhecem e se remetem a ela com muito respeito. Foi muito comum vê-la em meio a grandes rodas de conversas onde somente ela era mulher, o que não parecia lhe incomodar.

Motta (1999) aponta que são essas as expectativas que definem o modelo de masculinidade dos homens, agora velhos e aposentados. Para a socióloga, não estarem atrelados ao rótulo de “inatividade”, faz com que esses homens busquem manter sua masculinidade nessa nova fase da vida através de atividades que legitimam a sociabilidade masculina, ou seja, que não tirem a sua independência, não coloquem os trabalhos domésticos como prioridade e que possibilitem o encontro com outros homens para discutir os mais variados assuntos – desde política até esportes.

2.2 APROPRIAÇÃO E USOS COTIDIANOS DO ESPAÇO

O espaço existente e suas relações de uso

Autores como Jan Gehl (2009) e Jean Paul Thibaud (2012) em suas recentes publicações trazem à tona a questão do ambiente urbano, não como algo neutro e homogêneo dentro do qual se inscrevem as práticas, ao contrário, como um meio heterogêneo formador de práticas que o afetam.

Gehl em seu livro *La Humanización del espacio urbano* (2009) explora a relação entre os usos e atividades existentes no espaço público das cidades com a sua qualidade urbanística. Para o autor, o ser humano necessita realizar uma série de atividades exteriores e a cidade deveria ter características que propiciassem essas atividades. Elas podem ser influenciadas por diversos fatores e o entorno físico é um dos principais. Nesse sentido expõe:

Cuando los ambientes exteriores son de poca calidad, sólo se llevan a cabo las actividades estrictamente necesarias. Cuando los ambientes exteriores son de buena calidad, las actividades necesarias tienen lugar claramente a durar más, pues las condiciones físicas son mejores. Sin embargo, también habrá una amplia gama de actividades optativas, pues ahora el lugar y la situación invitan a la gente a detenerse, sentarse, comer, jugar, etcétera. (GEHL, 2009, p.19)

Jan Gehl ressalta também a importância que os arquitetos e urbanistas devem dar ao projeto desses espaços, uma vez que podem interferir nas inúmeras possibilidades de contato, encontros, de ver, ouvir e vivencia-lo. Não contesta a importância do caminhar como oportunidade de ter experiências intensas na cidade e como ponto inicial para o desenrolar de interações mais complexas.

Jean Paul Thibaud (2012) insere o termo “ambiência urbana” na discussão contemporânea sobre novas formas de conceituar e experimentar a cidade. Ambiência é definida como espaço-tempo experimentado pelos sentidos. Sua hipótese é que a noção de ambiência permite pensar o efeito mútuo entre o espaço construído e as práticas sociais. Alerta que muitas vezes os contextos sensíveis de um espaço repousam apenas em parte sobre as características formais e físicas desse espaço construído, tirando grande poder expressivo dos corpos em movimento.

Logo, partimos da ideia central proposta por esses autores de que a configuração dos edifícios e dos espaços urbanos afeta nosso jeito de interagir com o outro, assim como, influencia nossa forma de usar determinados lugares, interferindo nas localizações das atividades e apresentando barreiras e permeabilidades que favorecem ou restringem os possíveis usos.

Buscando verificar essa ideia e responder aos primeiros objetivos do trabalho - identificar as práticas cotidianas dos idosos e seus modos de usar os dispositivos técnicos – iniciamos a organização das diversas atividades catalogadas na observação de campo, a partir da categorização de atividades exteriores feita por Jan Gehl (2009, p.17). Seriam elas: atividades necessárias, opcionais e sociais.

É importante ter clareza de que apesar de estarmos realizando a separação de atividades em três classificações, esta categorização se dá apenas como ferramenta de sistematização dos dados, pois na experiência empírica se percebe que elas não ocorrem separadamente. Inclusive, observa-se com frequência, um sujeito que se desloca até o centro para a prática de uma atividade de categoria “A” e muitas vezes acaba por realizar atividades de uma categoria “B” ou “C”, evidenciando a simultaneidade existente entre estas classificações.

- *Atividades necessárias*

Estas atividades são as consideradas “mais ou menos” obrigatórias. Não sofrem tanta influência do ambiente físico ou climático e são realizadas quase todo o ano, independente do entorno.

As tarefas cotidianas e os tempos mortos (espera de alguém, esperar o ônibus) estão dentro dessa categoria. Foram identificadas no centro de João Pessoa: idosos trabalhando ou indo ao trabalho, pagando contas, caminhando para a parada de ônibus, fazendo compras, indo à farmácia, levando netos para a escola, resolvendo pendências, etc.



Figura 19: Sequência de fotos de senhor caminhando pela Rua Duque de Caxias em direção a parada de ônibus na Av. General Osório.
Foto: Marcela Dimenstein, Abril.13



Figura 20, 21, 22: Senhores trabalham nas praças como vendedor de livros, engraxate e negociantes de moeda raras ou antigas.
Foto: Marcela Dimenstein, Maio.13



Figura 23: Sequência de fotos de senhor caminhando pela Rua Visconde de Pelotas até o Viaduto Miguel Couto para pagar contas nas Caixas Lotéricas.
Foto: Marcela Dimenstein, Jun.13

- *Atividades opcionais*

São aquelas realizadas se existir desejo para tal ou se as condições climatéricas e o lugar forem convidativos. Logo, a configuração física do espaço e seus dispositivos técnicos, assim como o projeto arquitetônico tem especial importância para essas atividades. Foram identificadas as seguintes: idosos passeando, descansando nos bancos, flanando, tomando sol, fumando, caminhando, fazendo um lanche, etc. A maior parte das atividades recreativas e agradáveis se encontram nessa categoria.



Figura 24, 25, 26, 27: Senhores olham o movimento, descansam nos bancos, leem o jornal nas praças e ruas.
Foto: Marcela Dimenstein, Maio. 13



Figura 28: Sequência de fotos de senhor se aproximando para conversar com colegas reunidos na frente de um comércio e depois se afastando para fumar um cigarro nos bancos da praça.
Foto: Marcela Dimenstein, Maio. 13



Figura 29: Sequência de fotos de senhor flanando pelas praças e ruas sem nenhum objetivo específico.
Foto: Marcela Dimenstein, Maio. 13

- *Atividades sociais*

As atividades sociais são aquelas que dependem da presença de outras pessoas nos espaços públicos e acontecem de forma espontânea. São também chamadas de atividades resultantes, uma vez que se desenvolvem e são reforçadas quando em conexão com as atividades necessárias e opcionais. É o caso dos jogos de tabuleiro que acontecem nos bancos das praças, a reunião dos amigos na hora do cafezinho, os cumprimentos, conversas, atividades comunitárias e os contatos passivos – ver, olhar, ouvir a outras pessoas, etc.



Figura 30, 31, 32, 33: Senhores se encontram nas esquinas das praças, conversam nos dispositivos técnicos disponíveis, sentam e jogam xadrez nos bancos, se reúnem para descansar no café da praça.

Foto: Marcela Dimenstein, Ago.13

Após a catalogação dessas atividades, iniciamos a análise de outros dados coletados que indicaram onde estavam as maiores concentrações de idosos e possibilitaram conhecer as possíveis razões de alguns espaços atraírem mais idosos do que outros. O primeiro motivo que identificamos está ligado ao **uso e ocupação do entorno construído** das praças e ruas do centro. O segundo motivo, com a **qualidade e quantidade dos dispositivos técnicos** existentes nesses locais. O terceiro, está relacionado com a possibilidade de realização de **atividades que subvertem e são imprevisíveis** ao espaço projetado. É o que Rogerio Proença Leite (2007, p.214) inspirado por Michel de Certeau (1990), chama de contra usos do espaço. E o quarto motivo, reconhecido após as entrevistas realizadas, está ligado à **história dos lugares, dos costumes e das memórias** que despertam. Este último, será melhor detalhado no capítulo 3.

A seguir, os três primeiros aspectos acima elencados serão analisados mais pormenorizadamente.

- *O entorno construído x os usos dos idosos*

Gehl (2009, p.23) aponta que as atividades que ocorrem em um determinado espaço dependem muito do contexto que as produz e que nós, habitantes da cidade, necessitamos de contato. Logo, realizar atividades nos espaços públicos nos dão oportunidade de estar com outras pessoas, quando não há vida entre os edifícios, essa possibilidade diminui.

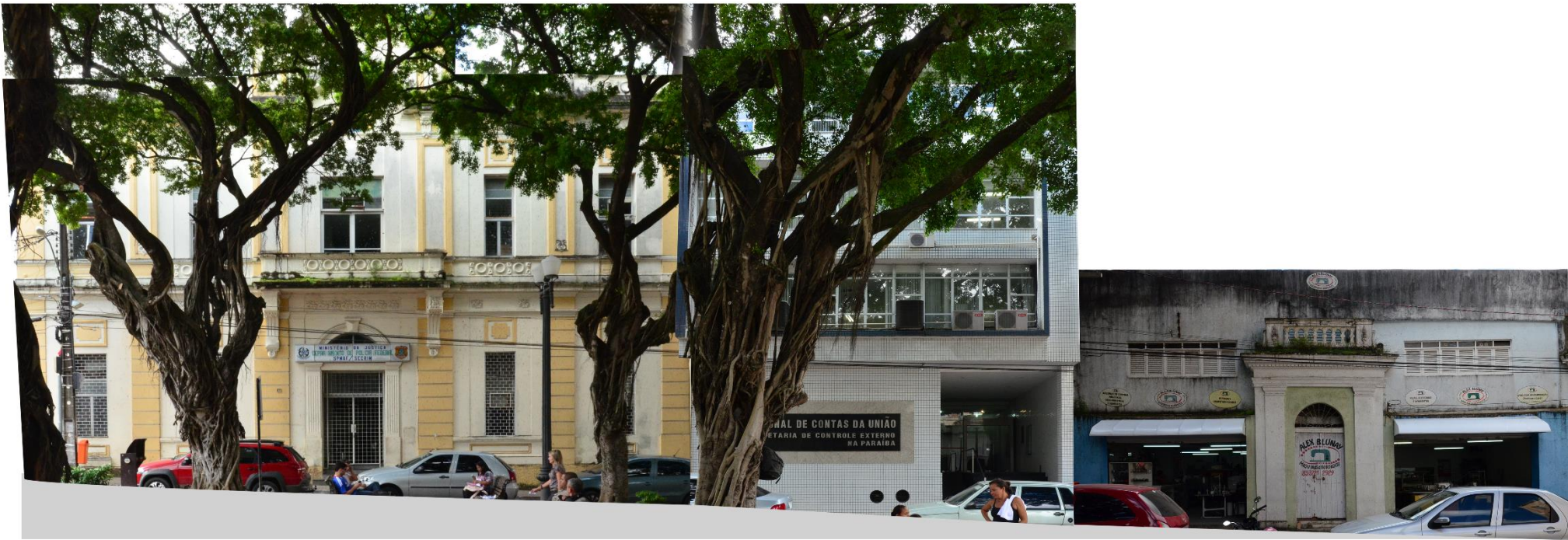
Esses contatos, mesmo que de baixa intensidade, podem levar a outras situações que se desenvolvem espontaneamente. Foi muito comum ver idosos iniciarem uma conversa, por estarem sentados no mesmo banco ou por verem alguém realizando alguma atividade interessante. Ou seja, o primeiro requisito para que haja interação é que existam pessoas no mesmo espaço, que haja possibilidade de se encontrar.

Durante as atividades de campo, pode-se perceber que existiam grandes diferenças no número de idosos nos espaços trabalhados. A área entre a Praça João Pessoa e a Praça Vidal de Negreiros - interligadas pela Rua Duque de Caxias; figura 34 – se destacou no que se refere a concentração de idosos circulando e utilizando o espaço, se compararmos com as outras praças estudadas.



Figura 34: 01 – Trajeto pedestrianizado da rua Duque de Caxias, 02 – Ponto de Cem Réis, 03 – Praça João Pessoa.
Fonte: Imagem retirada do Google Earth 2014 e editada pela autora.

Nos questionamos se porventura o entorno construído das cinco praças tinha alguma influência nesses cenários tão diferentes. A seguir serão mostrados os entornos construídos de cada uma delas, as atividades predominantes e as concentrações de pessoas nos espaços.



FACHADA NORTE



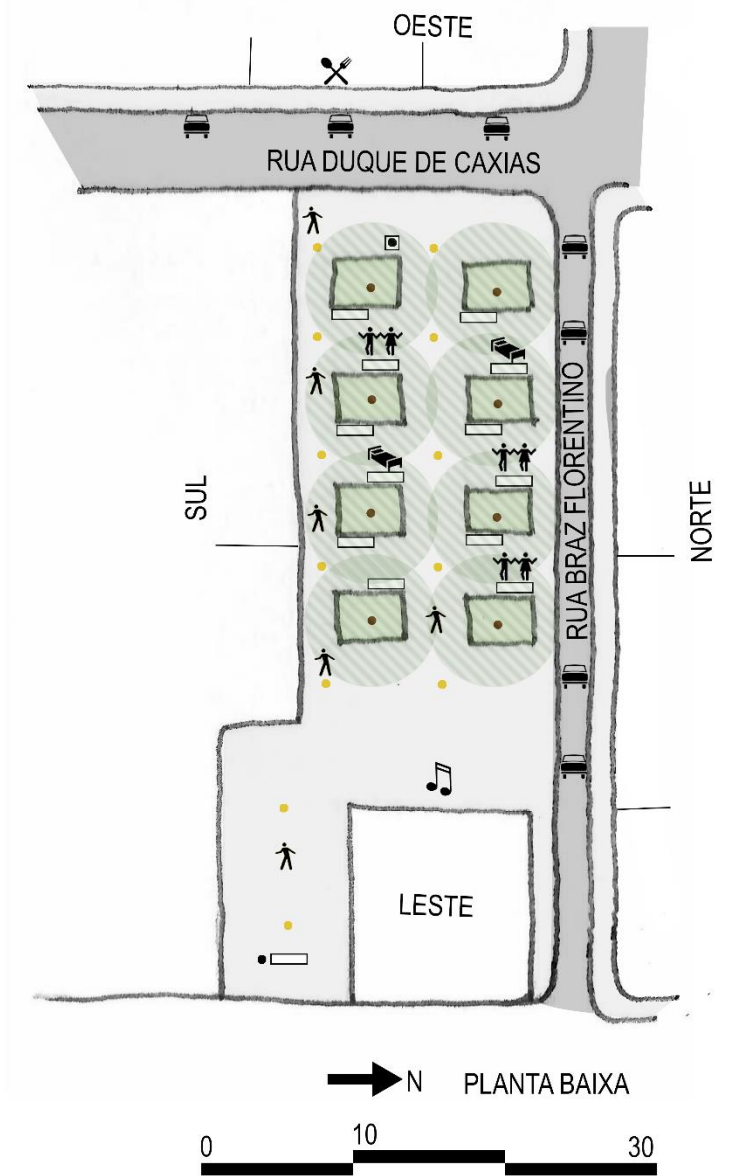
FACHADA SUL



FACHADA LESTE



FACHADA OESTE



LEGENDA

- COMÉRCIO
- ENTIDADE PÚBLICA
- SERVIÇO
- RESIDENCIAL
- TEMPLO
- DESOCUPADO/DESCONHECIDO

- ÁRVORES EXISTENTES

- BANCOS
- BUSTO (RIO BRANCO)
- ESTÁTUA (JACKSON DO PANDEIRO)
- CONVÍVIO
- ALIMENTAÇÃO
- MORADOR DE RUA
- CIRCULAÇÃO
- ESTACIONAMENTOS
- SHOWS/APRESENTAÇÕES

Praça Rio Branco

Uso e ocupação do entorno
construído e atividades
predominantes



FACHADA NORTE



FACHADA SUL

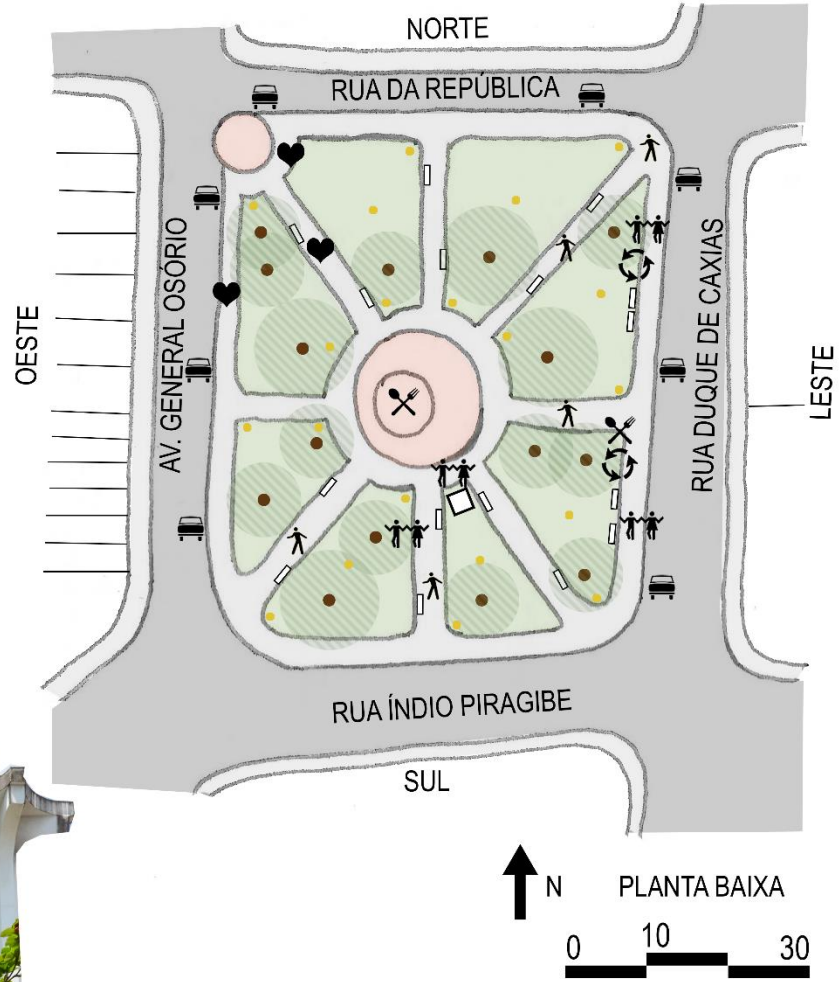


FACHADA LESTE



FACHADA OESTE

- LEGENDA
- CONVÍVIO
 - ALIMENTAÇÃO
 - PONTO DE PROSTITUIÇÃO
 - AMBULANTES
 - CIRCULAÇÃO
 - ESTACIONAMENTOS



- LEGENDA
- COMÉRCIO
 - ENTIDADE PÚBLICA
 - SERVIÇO
 - RESIDENCIAL
 - TEMPLO
 - DESOCUPADO/DESCONHECIDO
 - ÁRVORES EXISTENTES
 - ILUMINAÇÃO
 - BANCOS
 - BUSTO (VENÂNCIO NEIVA)

Praça Venâncio Neiva

Uso e ocupação do entorno
construído e atividades
predominantes

02/05



FACHADA NORTE



FACHADA SUL



FACHADA LESTE



FACHADA OESTE



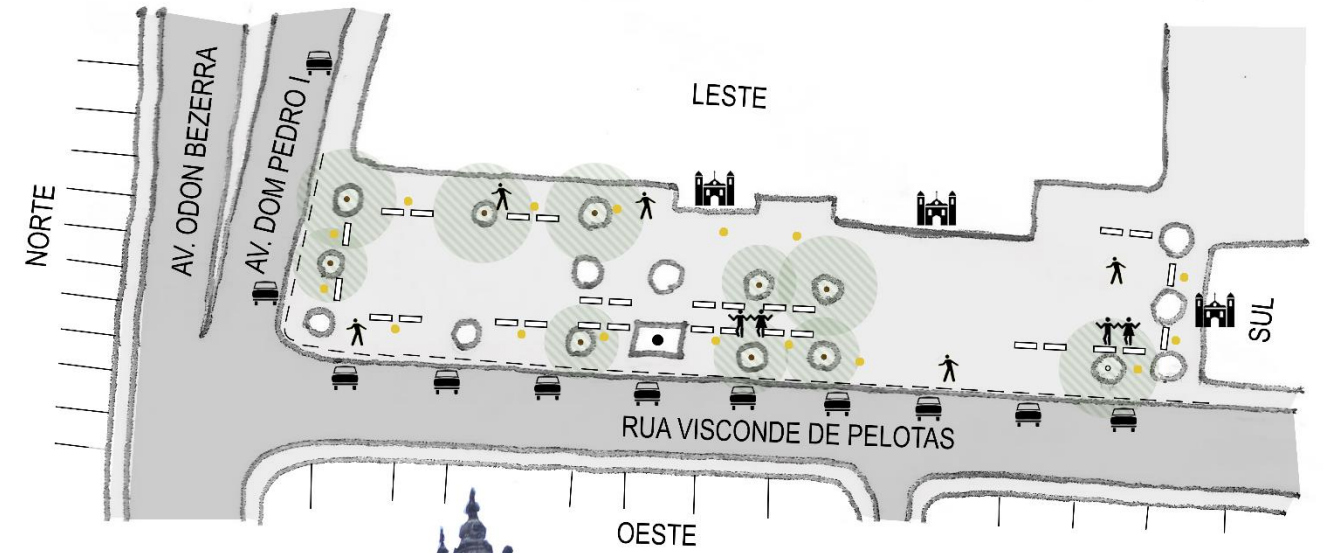
LEGENDA

- COMÉRCIO
- ENTIDADE PÚBLICA
- SERVIÇO
- RESIDENCIAL
- TEMPLO
- DESOCUPADO/DESCONHECIDO

- ÁRVORES EXISTENTES
- ÁRVORES RETIRADAS

- ILUMINAÇÃO
- BUSTO (DOM ADAUTO)
- BANCOS
- BALIZADORES

- CONVÍVIO
- USO RELIGIOSO
- CIRCULAÇÃO
- ESTACIONAMENTOS



Praça Dom Adauto

Uso e ocupação do entorno
construído e atividades
predominantes

03/05



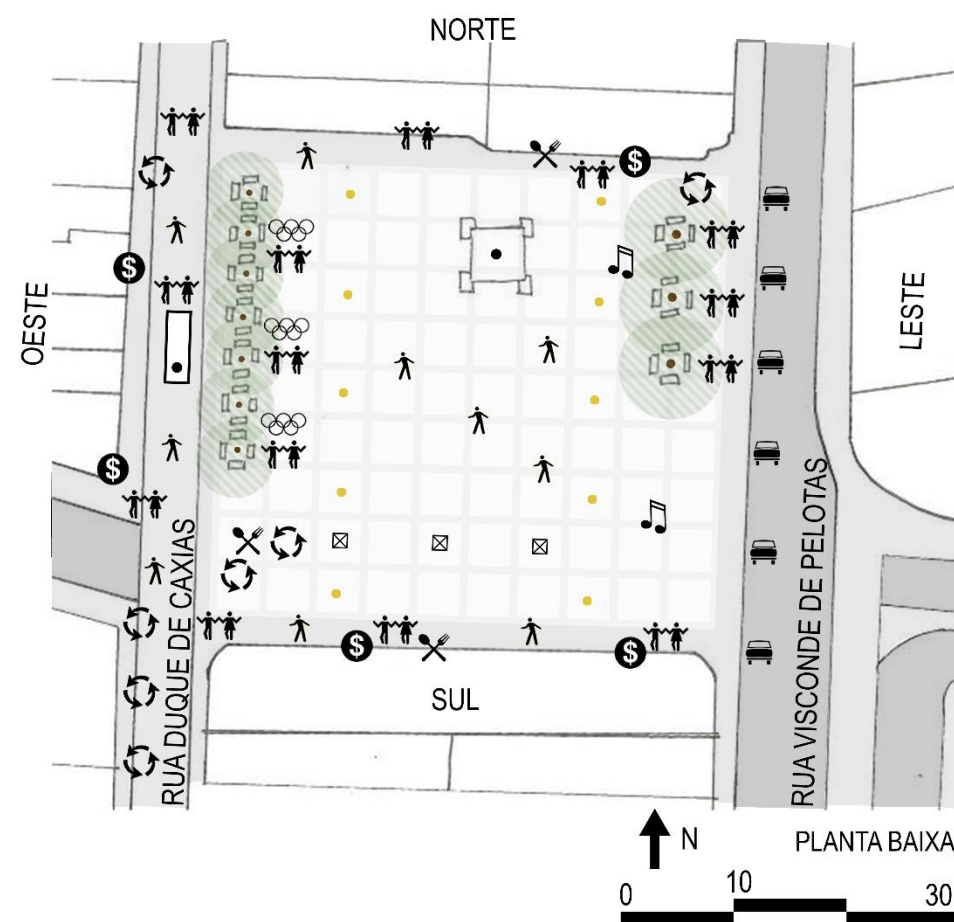
FACHADA NORTE



FACHADA LESTE



FACHADA OESTE



FACHADA SUL

LEGENDA

- COMÉRCIO
- ENTIDADE PÚBLICA
- SERVIÇO
- RESIDENCIAL
- TEMPLO
- DESOCUPADO/DESCONHECIDO

- ÁRVORES EXISTENTES
- ILUMINAÇÃO
- BANCOS
- EXAUSTORES (VIADUTO)
- BUSTO (VIDAL DE NEGREIROS)
- BUSTO (DUQUE DE CAXIAS)

- CONVÍVIO
- ALIMENTAÇÃO
- JOGOS
- COMÉRCIO
- AMBULANTES
- CIRCULAÇÃO
- ESTACIONAMENTOS
- SHOWS/APRESENTAÇÕES

Praça Vidal de Negreiros

Uso e ocupação do entorno
construído e atividades
predominantes

04/05



FACHADA NORTE



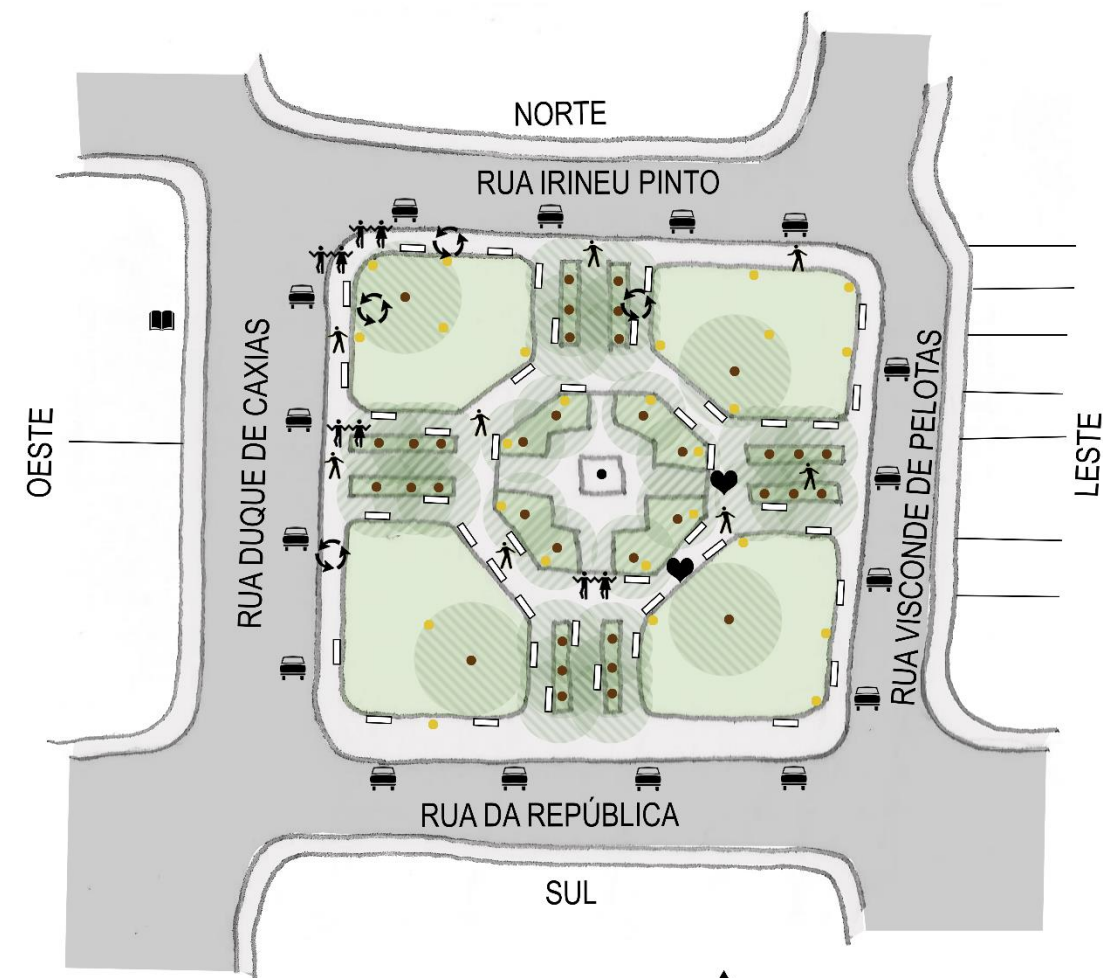
FACHADA SUL



FACHADA LESTE



FACHADA OESTE



- LEGENDA
- COMÉRCIO
 - ENTIDADE PÚBLICA
 - SERVIÇO
 - RESIDENCIAL
 - TEMPLO
 - DESOCUPADO/DESCONHECIDO
 - ÁRVORES EXISTENTES
 - ILUMINAÇÃO
 - BANCOS
 - BUSTO (JOÃO PESSOA)
 - CONVÍVIO
 - PONTO DE PROSTITUIÇÃO
 - AMBULANTES
 - CIRCULAÇÃO
 - ESTACIONAMENTOS
 - UNIVERSIDADE

Praça João Pessoa

Uso e ocupação do entorno
construído e atividades
predominantes

05/05

Foi possível perceber que os espaços onde se concentravam mais idosos eram: 1) os que possibilitavam maior contato com outras pessoas; 2) os mais estimulantes e propiciadores de diferentes experiências; 3) os que tinham mais atividades ocorrendo; 4) os com melhor localização, ou seja, que estavam mais perto de paradas de ônibus e dos eixos principais de circulação; 5) os mais arborizados e por fim, 6) os que despertavam mais lembranças do passado.

Notamos que o entorno das Praças Rio Branco e Venâncio Neiva (pranchas 01 e 02/05) é composto primordialmente de edifícios públicos de grande porte, como Tribunal de Justiça, Ministério da Justiça, Tribunal de Contas da União, Ministério do Trabalho e Emprego, ou seja, edifícios que ocupam uma generosa parcela do entorno imediato das praças e apresentam usos muito limitados, se restringindo apenas às pessoas que ali trabalham ou que buscam os serviços ofertados. O fato de somente as edificações da fachada oeste da Praça Venâncio Neiva apresentarem usos variados lhe proporciona pouca dinâmica, sendo ocupada principalmente como ponto de prostituição. No lado leste da praça estão os pontos de taxi e uma maior quantidade de pedestres, o que atrai alguns ambulantes. O Pavilhão do Chá, localizado no centro da praça, foi construído no início do século XX para fins de serviço do chá das cinco – ao estilo britânico, hoje se converteu em um restaurante chinês que atrai algumas pessoas para o almoço.



Figura 35: Praça Venâncio Neiva, com o Pavilhão do Chá localizado no seu centro.

Foto: Marcela Dimenstein, Set.13

A Praça Rio Branco, apesar das edificações públicas ou desocupadas em seu entorno, apresenta um movimento específico de um determinado tipo de público, uma vez que se encontram muito mais jovens que idosos em seu espaço. A praça, que já se fazia presente nas cartografias do século 17 da cidade, passou por muitos usos – pelourinho, Largo do Erário, estacionamento de carros – e após as reformas de 2009 recuperou-se o espaço como praça. O sombreamento existente atrai muitos a desfrutarem dos seus bancos durante os intervalos do trabalho ou após o almoço. Lá também é possível ver a existência de alguns moradores de rua. Contudo, o público idoso não é o seu alvo.



Figura 36: Praça Rio Branco – Centro.

Foto: Marcela Dimenstein, Set.13

A Praça Dom Adauto (prancha 03/05), certamente é a menos movimentada dentre as praças estudadas. A igreja do Carmo, a Arquidiocese e o prédio com lojas religiosas atraem um tipo específico de público para esse local. O fato da igreja abrir apenas em certos horários destinados à missa, a ausência de sombreamento, o número de casarios desocupados e o reduzido número de comércio contribuem para o pequeno número de pessoas que se utilizam da praça como local de permanência.



Figura 37: Praça Dom Adauto – Centro.

Foto: Marcela Dimenstein, Set.13

Certamente, a maior variedade de serviços e comércios existente entre o Ponto de Cem Réis (prancha 04/05) e a Praça João Pessoa (05/05), assim como, a maior proximidade dos eixos de circulação da cidade são fatores que atraem muito mais pessoas para essa área, se conformando como um local sedutor para muitos idosos que buscam se entreter e interagir com outras pessoas.

Publicação recente (DIMENSTEIN, BARROS, ALONSO, 2013) apresenta resultados de pesquisa acadêmica que discute as relações entre o espaço público e privado no Ponto de Cem Réis. Este, que apesar de abrigar uma série de edifícios abandonados e com usos irregulares em seus andares superiores, os seus térreos apresentam comércios e serviços bastante movimentados.

Chama a atenção no entorno a presença do Paraíba Palace Hotel, datado de 1920, símbolo da alta sociedade da época e recentemente adaptado para o uso de um shopping popular (figura 38). É

possível ver uma grande movimentação desse lado da praça, uma vez que é um dos poucos trechos que apresenta uma cobertura contra o sol por meio de uma laje plana que percorre toda a fachada do edifício. Apesar da sombra, a carência de mobiliário urbano nessa parte da praça faz com que as pessoas permaneçam em pé, favorecendo, dessa maneira, um fluxo contínuo, de alta rotatividade e de permanência não prolongada. O café existente no térreo do Paraíba Palace destaca-se por se conformar como o único ponto propício para encontros mais prolongados, já que só ele oferece lugares para sentar. A banca de jornal existente ali também atrai muitas pessoas ávidas por uma conversa ou para ver as novidades. Ao lado da banca, os peitoris das vitrines das lojas, com profundidade e altura favoráveis para utiliza-los como encosto ou assento, receberam elementos pontiagudos que impedem tal uso (figura 39).



Figura 38: Paraiba Palace e os diversos usos no seu térreo.
Foto: Marcela Dimenstein, Ago.13



Figura 39: Elementos pontiagudos nos peitoris das lojas do térreo do Paraíba Palace.
Foto: Marcela Dimenstein, Ago.13

As áreas de maior concentração de pessoas em intervalos de tempo mais prolongados pela manhã (caracterizando permanência e não apenas fluxo) estão na parte leste da praça, onde existem bancos sombreados por árvores frondosas. As edificações existentes em frente à praça, também de uso comercial, estão separadas pela Rua Visconde de Pelotas com grande fluxo de automóveis. Vale ressaltar a fachada ainda existente do antigo Cine Plaza, que, após reforma, passou a abrigar a Casa Pio (uso comercial).

Estes fatos também podem ser explicados pelo que coloca Gehl (2009, p.163) a respeito da localização de grandes concentrações de pessoas. O que intitula de *efecto de borde* trata de uma tendência de nos agruparmos nas bordas dos espaços. Justifica esse efeito afirmando que nessas localizações temos mais oportunidade de contempla-lo, assim como, estamos mais próximos das zonas de permanência e das funções dos edifícios circundantes. As zonas de permanência ou *zonas de estância* geralmente se encontram junto das fachadas ou nas zonas de transição entre um espaço e o outro, onde se pode ver ambos espaços ao mesmo tempo.

Esse cenário pode ser bem visualizado no Ponto de Cem Réis nas seguintes fotografias:

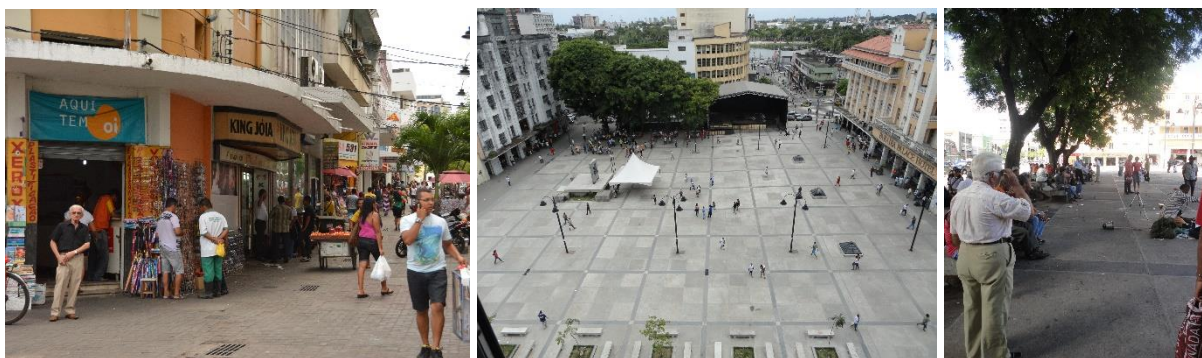


Figura 40, 41, 42: Zona de permanência nas esquinas, vista de cima do Ponto de Cem Réis mostrando as zonas de permanência nas suas bordas, idosos observando atrações artísticas nos bancos sombreados do Ponto de Cem Réis.

Foto: Marcela Dimenstein, Jun.13

A fachada oeste da praça apresenta diversas edificações comerciais e de serviços, com destaque para o edifício Regis, construído na década de 1970, que divide os usos de comércio e serviço. Esse lado da praça é muito movimentado, pois faz limite com o trajeto pedestrianizado da Rua Duque de Caxias, com ela estabelecendo continuidade de fluxos, gerando muitas atividades diante dos bancos e lojas comerciais criando um cenário muito instigante para a população idosa apreciar. Ao entardecer, ganha ainda mais vitalidade, pois os bancos existentes, até então ao sol, ficam sob a sombra projetada por essas edificações à sua frente e acabam atraindo muitas pessoas para o descanso e para jogos de tabuleiro, de maneira que, aos fluxos, somam-se permanências.

A existência do trecho de pedestre na Rua Duque de Caxias é um grande atrativo populacional, uma vez que seus transeuntes não são obrigados a dividir espaço com carros podendo circular com mais liberdade.

As lojas de varejo, de joias, papelarias, lanchonetes e agências de bancos existentes ao longo da rua, da mesma forma que as várias galerias que se adentram nos lotes ou que permeiam todo o quarteirão, agitam ainda mais a área. A Livraria do Luiz, localizada em uma dessas galerias que vai da Rua Duque de Caxias até a praça 1817, é um dos locais mais frequentados por uma série de idosos contatados nesse trabalho.



Figura 43: Rua Duque de Caxias.
Foto: Marcela Dimenstein, Set.13

A Praça João Pessoa (prancha 05/05) se interliga com a Praça Venâncio Neiva em dois pontos, pela fachada do Tribunal de Justiça e pelo Palácio do Governo. Apesar de composta principalmente por edificações de usos público de grande porte, o fato das entradas principais desses prédios estarem voltadas para a Praça João Pessoa confere a ela muito mais movimento que a Praça Venâncio Neiva.

O lado noroeste da praça certamente é o mais movimentado, não só pela proximidade com o final do trecho pedestrianizado da Rua Duque de Caxias, ponto onde o grande fluxo de pessoas diverge em diferentes direções, mas também por estar na frente da entrada principal da Assembleia Legislativa.

Percebeu-se que esse edifício é local de trabalho de muito idosos que durante os intervalos ou final do expediente se reúnem nos bancos e calçadas da praça para conversar e descansar. A grande árvore existente nessa área cria um ambiente sombreado para as rodas de conversa, o que atrai também muitos ambulantes que aproveitam o ambiente confortável e a concentração de pessoas para vender seus produtos.

A presença dos ambulantes nessa área entre o Ponto de Cem Réis e a Praça João Pessoa é algo muito forte. A grande quantidade e variedade de comércio popular atrai frenético movimento de pessoas, o que, por sua vez, também acaba suscitando o aparecimento destes. Foi possível ver alguns idosos usufruindo dos ambulantes principalmente para o consumo de frutas, verduras e picolés. A noite,

com o cenário movimentado pelos jogos de tabuleiro e pelas barraquinhas de churrasquinho, foi possível ver alguns idosos tomando cervejas enquanto olham os jogos, conversam e encontram os amigos.

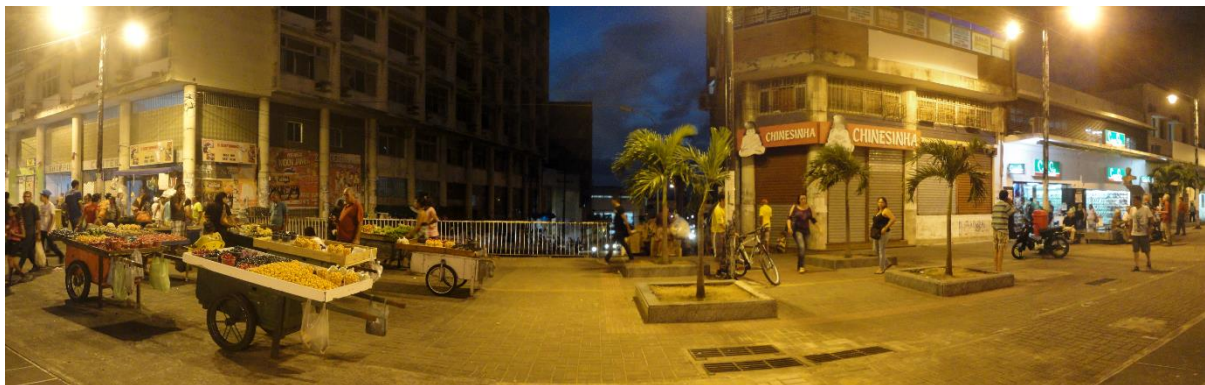


Figura 44: Ambulantes na Rua Duque de Caxias pela noite.
Foto: Marcela Dimenstein, Set.13

Em resumo, essas observações mostraram que as pessoas, suas atividades e os espaços onde elas se realizam precisam de atenção durante o processo projetual. A existência de espaços desertos em uma área tão vital da cidade indica que algumas mudanças precisam ser feitas para melhor se adequarem às necessidades da população. Os inúmeros imóveis sem usos e em estado de abandono não contribuem como um elemento de atração, mas afastam as pessoas que seguem em busca de espaços agitados, que concentram muitos usos e que os incitem a desfrutá-lo.

Os espaços descritos acima deveriam oferecer uma excelência de qualidade, entretanto, mesmo com as inúmeras deficiências projetuais e físicas que demonstram, ainda atraem muitas pessoas, o que reforça a seguinte frase de Jan Gehl: “La vida em los edificios y entre los edificios parece considerarse, em casi todas las circunstancias, más essencial y relevante que los propios espacios y edificios” (2009, p.37).

- *Os dispositivos técnicos x os usos dos idosos*

Entendemos os dispositivos técnicos como instrumentos dispostos no espaço urbano que se relacionam e interagem com o cidadão possibilitando ou inibindo contatos, encontros, ver, ouvir e vivenciar o espaço. Assim, o nível de atividades e o número de acontecimentos não descrevem por si sós a qualidade dos espaços públicos. Ao projetar um espaço não basta pensar nas melhores formas de ir e vir, mas também devem ser criadas condições favoráveis para andar, se entreter e realizar diversas atividades. Para isso o desenho dos dispositivos técnicos são fatores determinantes.

Gehl (2009, p. 143) sugere que as atividades que se fazem mais atraentes e significativas de estar no espaço público são também as mais sensíveis à qualidade do entorno físico.

O autor estuda uma série de exigências qualitativas do entorno exterior que atendem às atividades básicas e simples do cotidiano de um espaço público. Caminhar, estar em pé, sentar, ouvir, ver e falar são pontos de partida para quase todas as atividades que se possa realizar em um lugar.

Logo, as atividades de trânsito devem ocorrer mediante um espaço acessível, com um material de pavimentação de boa qualidade e antiderrapante, bem arborizado e sem diferenças de níveis. Já as atividades que ocorrem nas zonas de permanência devem ter elementos atrativos para que as pessoas fiquem e observem sem serem notadas, como toldos, colunatas, postes e árvores.

As atividades de permanência mais duradouras só ocorrem quando existe a possibilidade de se sentar. Se essas oportunidades são poucas ou inexistem as pessoas passam direto pelo espaço. O *efecto de borde* (efeito de borda) também atinge os bancos. Geralmente os que estão perto de paredes ou das fachadas e que apresentam respaldo são os mais visados pelos pedestres.

Um espaço público bem equipado deve ter muitas oportunidades para se sentar. Logo, além dos assentos principais (bancos e cadeiras), é de extrema importância que haja possibilidades de assentos secundários, ou seja, pedestais, escadas, muros baixos, etc. para as ocasiões em que a demanda de assento aumenta. Outro ponto importante quando tratamos do mobiliário urbano para o público idosos é a grande necessidade de assentos principais ou secundários para descansarem situados em intervalos regulares de mais ou menos 100 metros, uma vez que muitos apresentam dificuldades de se movimentar.

Os dispositivos técnicos desempenham um papel importante no desenvolvimento das possibilidades de permanência dos espaços públicos. Como já foi dito anteriormente, as diversas praças, em diferentes bairros da cidade, inclusive o centro de João Pessoa, passaram recentemente (de 2006 a 2010) por um processo de requalificação encabeçado pela Prefeitura Municipal. As obras incluíram mudanças de pisos, bancos, postes e a inserção de outros elementos de pequeno e grande porte que viriam a melhorar a qualidade dos espaços. Contudo, apesar das visíveis melhorias, diversas situações revelaram ausências, barreiras, dificuldades e incoerências com as atividades predominantes nesses locais recém requalificados.

A Rua Duque de Caxias apresenta o trajeto destinado a pedestres desde a década de 1980 após o fechamento do viaduto Damásio Franca. Antes da reforma realizada em 2010, a rua apresentava-se na configuração destinada para carros - calçadas elevadas e via de rolamento asfaltada – além de canteiros mal conservados e bancos defeituosos. Após a reforma, a rua foi nivelada com o Ponto de Cem Réis, recebeu pisos intertravados nas cores vermelho, amarelo e cinza e sinalização tátil para os portadores de deficiência. Ganhou também nova iluminação, novos bancos de madeira e rampas acessíveis.



Figura 45, 46, 47: Rua Duque de Caxias em 2009, antes da reforma. Em 2013, depois da reforma e em 2014 apontando danos já sofridos pelo piso. Fonte: Site Portal da cidade de João Pessoa. Acessado em 03.02.2014 <<http://paraibanos.com/joaopessoa/fotos-antigas.htm>>. E Marcela Dimenstein, Jun.13, Jan.14.

Já o Ponto de Cem Réis passou por uma mudança completa (figura 48 e 49). Após a reforma em 2009, a praça passou a se constituir como um amplo largo pensado para grandes concentrações e eventos. Antes de iniciadas as obras, o espaço encontrava-se em um estado de conservação precário. O piso de ladrilho hidráulico estava em grande parte quebrado e os canteiros e o mobiliário estavam sem manutenção. O viaduto que cortava a praça acabava criando diferentes níveis no piso, o que impedia uma total integração do espaço. Com a reforma, o piso anterior foi trocado por lajotas de concreto, os poucos bancos existentes nas bordas da praça, agora, seguem o modelo padrão das praças da Prefeitura (em concreto, sem encosto), os postes de luz também foram modificados. Também foi criado um busto elevado de André Vidal de Negreiros e foram retiradas algumas árvores existentes, e outras foram plantadas junto aos novos bancos (figuras a seguir).

As modificações no espaço, a aridez e o predomínio do vazio dificultam a estadia ou mesmo a simples passagem das pessoas em horários de maior insolação. Por outro lado, retiraram barreiras visuais, descortinaram a paisagem e terminaram por valorizar seu entorno e evidenciar os edifícios à sua volta, com variedade de usos e de gabaritos, mas revelando junto o estado de degradação em que muitos deles se encontram.



Figura 48, 49: Vista aérea do Ponto de Cem Réis, 1974. Vista panorâmica do Ponto de Cem Réis, 2014. Fonte: Revista Manchete. Acessada em 03.02.2014. <<http://centrohistoricojp.blogspot.com>>. E Marcela Dimenstein, Jan.14.

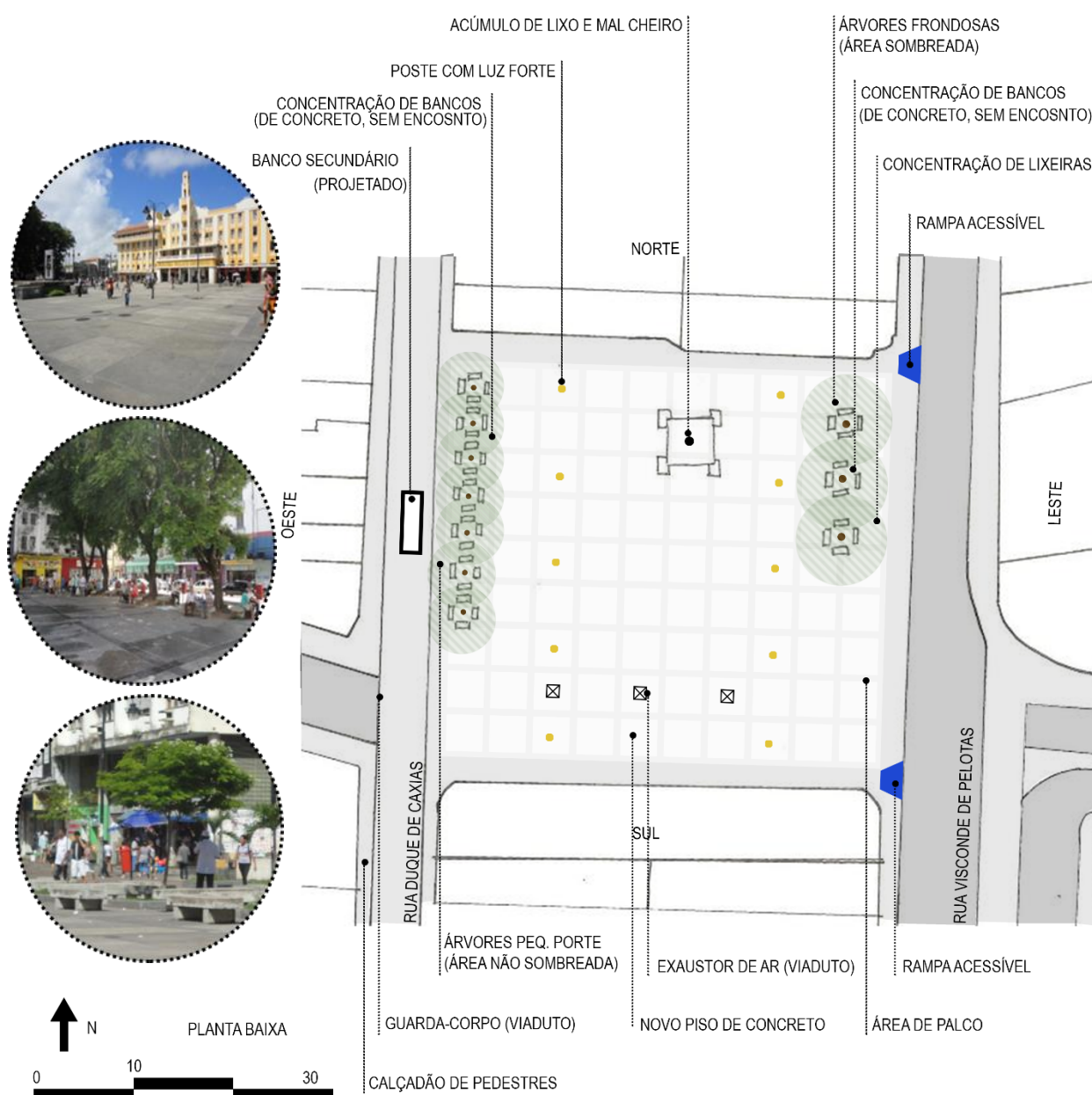


Figura 50: Dispositivos técnicos existentes/ausentes no Ponto de Cem Réis, 2014.

Fonte: Imagem editada pela autora.



Figura 51, 52, 53: Assentos principais seguindo o padrão da Prefeitura e assentos secundários do Ponto de Cem Réis.

Foto: Marcela Dimenstein, Jun.13

A praça Rio Branco que antes da reforma se configurava mais como um estacionamento do que como uma praça (figura 55) teve seu espaço totalmente reconfigurado. Ela ganhou novo desenho de piso, novos bancos, iluminação, canteiros e teve a rua que permeava a face sul da praça fechada para pedestres.

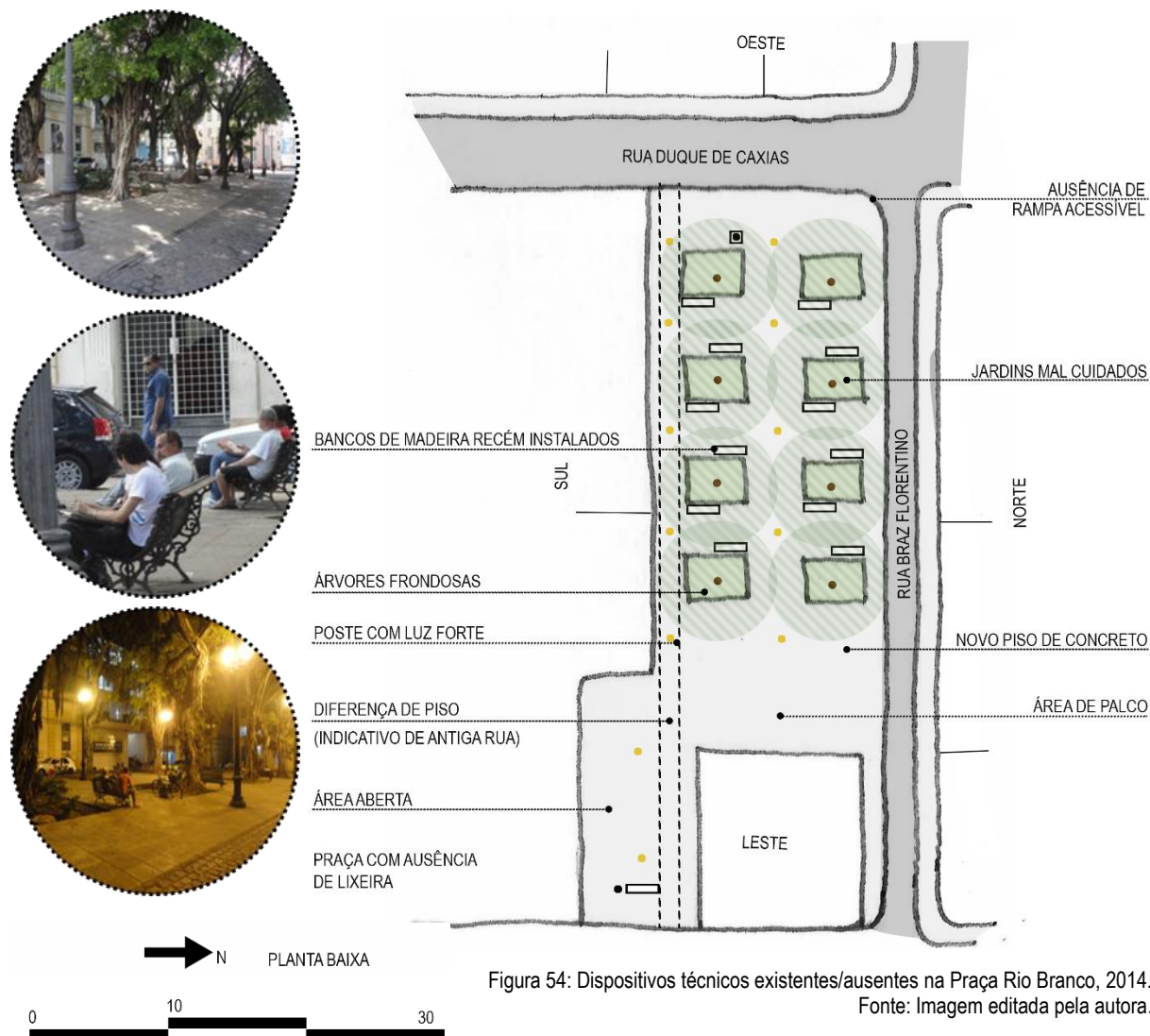


Figura 54: Dispositivos técnicos existentes/ausentes na Praça Rio Branco, 2014.
Fonte: Imagem editada pela autora.



Figura 55: Praça Rio Branco antes da reforma, 2010.
Fonte: Revista Mais PB. Acessada em 03.06.2014. < <http://www.maispb.com.br> >.

No caso da praça João Pessoa, as recentes obras modificaram os pisos e mobiliários defeituosos, deram uma manutenção simples nos canteiros arbóreos existentes e instalaram rampas acessíveis. Os outros dispositivos não sofreram alterações.



Figura 56, 57, 58: Banco e piso em péssimas condições na Praça João Pessoa. Troca do piso e bancos defeituosos na praça após reforma. Fonte: Site da Assembleia Legislativa da Paraíba. Acessado em 03.02.2014 <<http://www.al.pb.gov.br/10926/ivaldo-moraes-apelo-reforma-praca-joao.html>>. E Marcela Dimenstein, Jun.13

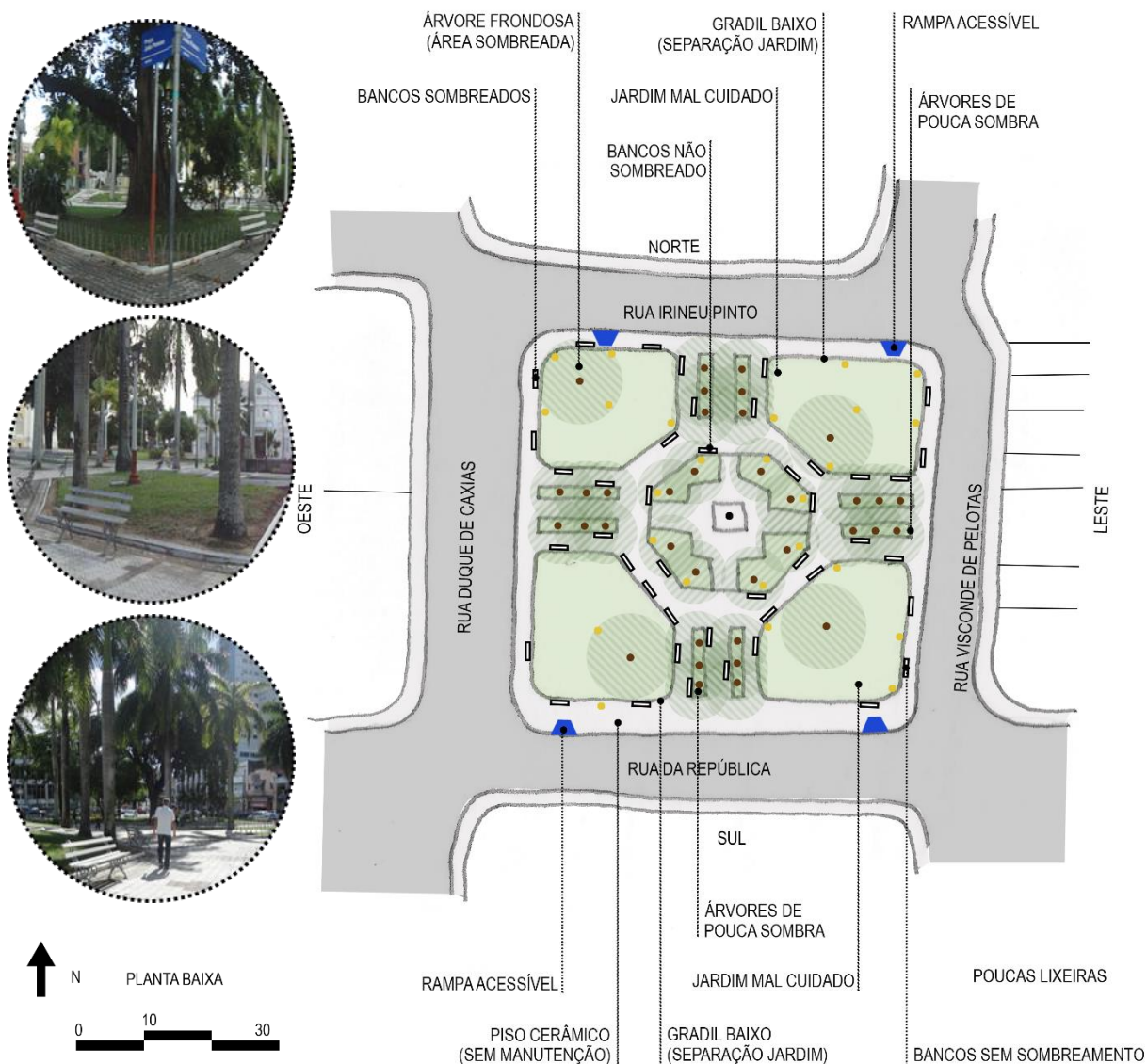


Figura 59: Dispositivos técnicos existentes/ausentes na Praça João Pessoa, 2014.

Fonte: Imagem editada pela autora.

Nas praças Dom Adauto e Venâncio Neiva foram instaladas rampas acessíveis e houve uma manutenção simples nos canteiros arbóreos, porém os outros dispositivos não sofreram alterações.

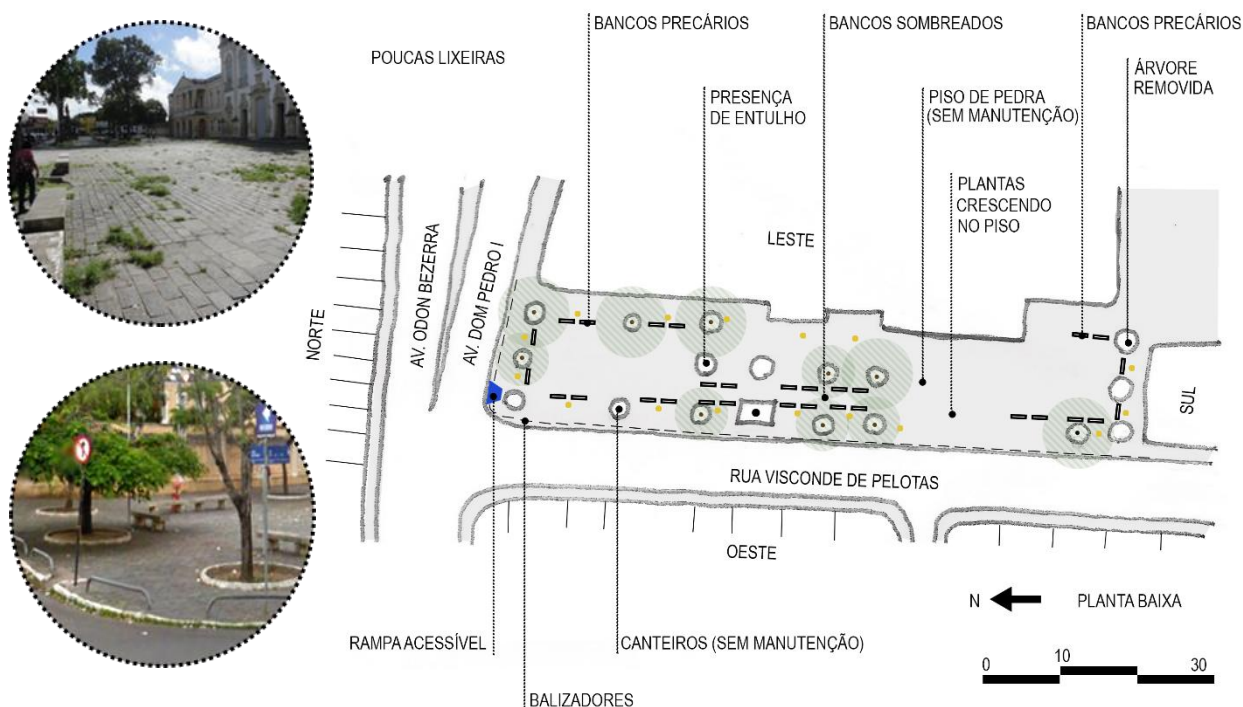


Figura 60: Dispositivos técnicos existentes/ausentes na Praça Dom Adauto, 2014.

Fonte: Imagem editada pela autora.

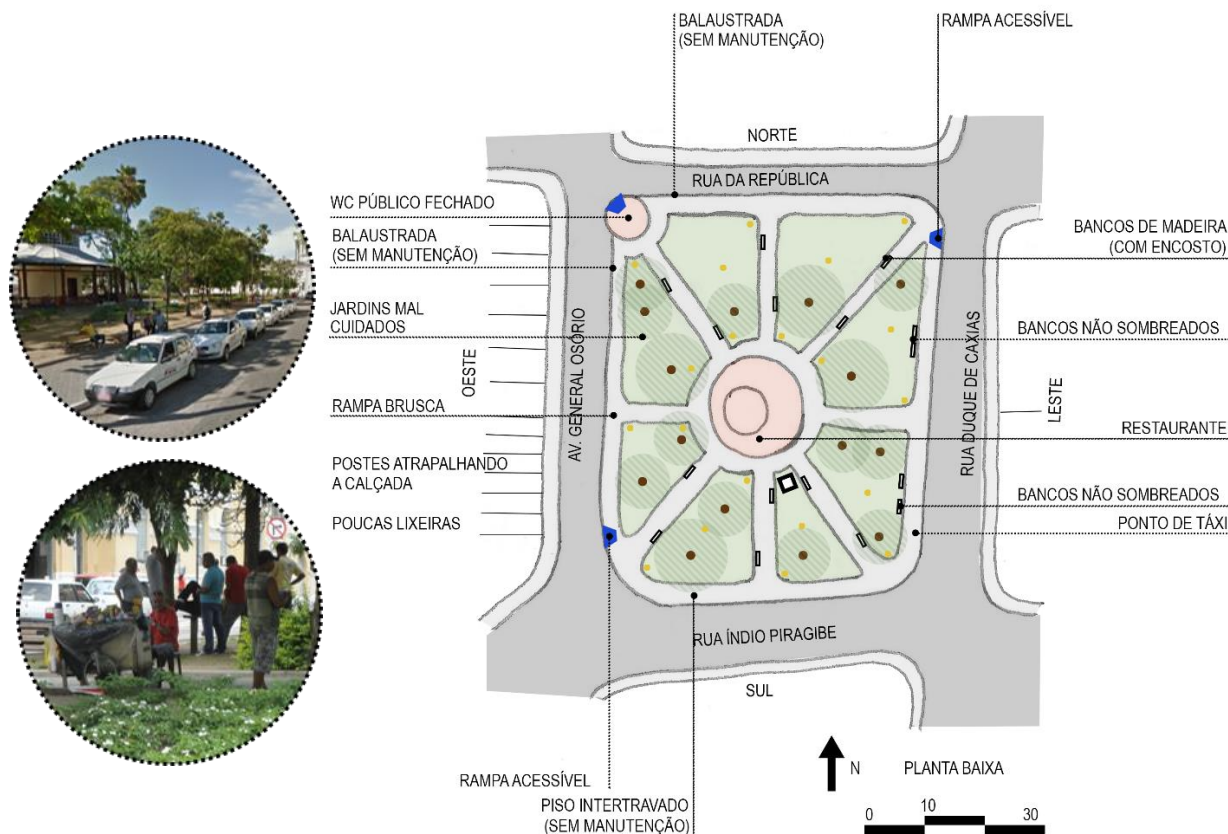


Figura 61: Dispositivos técnicos existentes/ausentes na Praça Venâncio Neiva, 2014.

Fonte: Imagem editada pela autora.

O que observamos nos casos detalhados é que apesar das melhorias de piso, bancos, postes, arborização, dentre outros, as reformas negligenciaram uma série de exigências qualitativas do espaço referentes às atividades simples do cotidiano. Além dos elementos básicos condizentes com um espaço bem equipado e acessível, outros aspectos relativos tanto às edificações no entorno imediato, quanto às atividades cotidianas e públicos frequentador de seus espaços deveriam ter sido levados em conta no projeto de reforma. Foi percebido que muitas das atividades exteriores tratadas acima não estão sendo atendidas pelos dispositivos técnicos que foram oferecidos, levando a população a suprir suas necessidades contrariando usos pré-estabelecidos no espaço.

- *Contra usos nos espaços*

Rogério Leite (2007, p.212) afirma que nenhuma cidade excessivamente planejada e controlada segue invariavelmente o modelo que gerou. Entendida como produto cultural, a cidade é sempre o resultado convergente de distintas influências formais e cotidianas. Entretanto, essa polissemia dos lugares é constantemente abafada nas estratégias de planejamento no espaço público.

Michel de Certeau (1990, p. 97) ao discutir sobre “estratégias” e “táticas” oferece formas de repensar as dissensões relativas aos usos no espaço urbano. Por “estratégias”, o autor entende como operações nos espaços capazes de produzir, mapear e impor um conjunto de práticas. As “táticas” são colocadas como “um movimento dentro do campo de visão do inimigo”, ou seja, são práticas desviantes no espaço controlado, não têm lugar próprio, por isso são móveis, manipuladoras e alteradoras do espaço.

Essa ideia de Certeau corrobora com o que fala Nelson Ferreira do Santos (1985, p.7) a respeito das obras urbanas no Brasil. Muitas vezes não há uma preocupação em se verificar a eficácia dos postulados e estratégias dos projetos urbanísticos quando levados à prática. As atividades dos planejadores, urbanistas, técnicos e políticos geralmente se restringem aos mapas, memoriais, orçamentos, leis, e ao se transformar em linguagens físicas seus trabalhos são dados como terminados. Porém, a transição do papel para a prática se faz essencial à própria manutenção da ideia do urbanismo, uma vez que mostram as possíveis táticas e lógicas contaminadoras e cambiantes que fazem parte da heterogeneidade do espaço urbano.

Um fato que chamou atenção na área trabalhada foi a dos tabuleiros de xadrez nos bancos existentes na interseção do Ponto de Cem Réis com a Rua Duque de Caxias. Esse local ao entardecer concentra jogos de carta, damas, etc. Percebeu-se que em alguns dos bancos haviam tabuleiros pintados com tinta preta, o que facilitava a organização dos jogadores que não contavam com as peças tradicionais do jogo. Durante uma conversa com os jogadores, descobrimos que esses jogos são treinos

para os campeonatos que ocorriam na Lagoa, mas que foram proibidos e agora ocorrem no Ponto de Cem Reis. “Seu Pipoca”, senhor aposentado que organiza os campeonatos, nos contou que a mudança de local incitou um dos jogadores, conhecido do secretário de esportes, a solicitar tabuleiros fixos nos bancos. O resultado pode ser visto nas figuras 62, 63 e 64:



Figura 62, 63, 64: Tabuleiros pintados nos bancos em 2013. Bancos com cerâmica que imita tabuleiro em 2014.
Foto: Marcela Dimenstein, Ago.13 e Jan.14.

As táticas desviantes produzidas pelos idosos nos espaços trabalhados são chamadas de contra usos, segundo Leite (2007). Foi possível identificar contra usos relacionados às mais diversas atividades, que serão mostradas a seguir.



Figura 65, 66, 67, 68: Contra usos de idosos para sentar-se.
Foto: Marcela Dimenstein, Jun.13



Figura 69, 70, 71, 72: Contra usos de idosos para trabalhar.
Foto: Marcela Dimenstein, Jun.13



Figura 73, 74, 75, 76: Idosos lavando as mãos em canteiro de plantas, urinando no local do busto de Vidal de Negreiros, comprando frutas com ambulantes e jogando xadrez nos bancos das praças.

Foto: Marcela Dimenstein, Jun.13

Levando em consideração que as atividades exteriores, o entorno construído, a qualidade e quantidade dos dispositivos técnicos e os contra usos existentes não se desenvolvem separadamente, inclusive estão todos interligados e se influenciam mutuamente, acreditamos que a melhor forma de representar como os idosos se utilizam cotidianamente destes espaços, seria através de fotomontagens que retratariam os aspectos mais importantes dos resultados encontrados.

Elas podem ser vistas a seguir:



Praça Vidal de Negreiros

Fotomontagens apropriação e uso cotidiano do espaço



Rua Duque de Caxias
Fotomontagens apropriação e uso
cotidiano do espaço

02/04



Praça João Pessoa

Fotomontagens apropriação e uso
cotidiano do espaço

03/04



Praça Vidal de Negreiros
Fotomontagens apropriação e uso
cotidiano do espaço

04/04

CAPITULO III

NARRATIVAS URBANAS: O CENTRO NO TRÂNSITO DAS EXPERIÊNCIAS

3.1 RESULTADOS

Este terceiro capítulo apresenta os resultados e a discussão sobre a experiência urbana de idosos no centro de João Pessoa. Busca-se responder aos objetivos finais deste trabalho, isto é, conhecer as impressões, memórias e hábitos de idosos na área central, bem como, descobrir suas motivações para continuar vivenciando-a.

O capítulo tem início com a exposição dos resultados obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas. Primeiramente, foi feita uma caracterização dos entrevistados para que o leitor se familiarize com o público participante do trabalho. Após essa etapa, realizamos uma categorização das respostas obtidas em relação às perguntas do roteiro de entrevista.

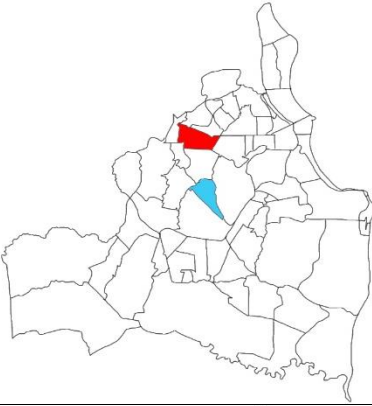
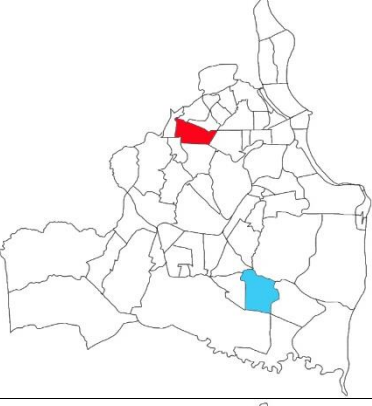
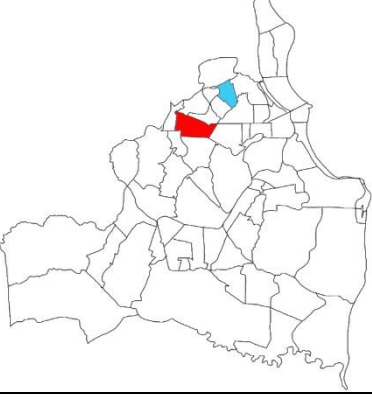
Após a finalização desse tópico, iniciamos a discussão dos resultados. Fazemos uma análise crítica da síntese das observações de campo, das entrevistas semiestruturadas e da revisão teórica a respeito dos temas estudados. A discussão foi enriquecida com fotografias tiradas em campo e da bibliografia utilizada, trechos das entrevistas e desenhos feitos pela pesquisadora para auxiliar a visualização do leitor acerca das narrativas urbanas relatadas.

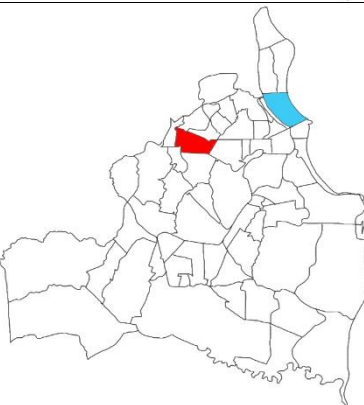
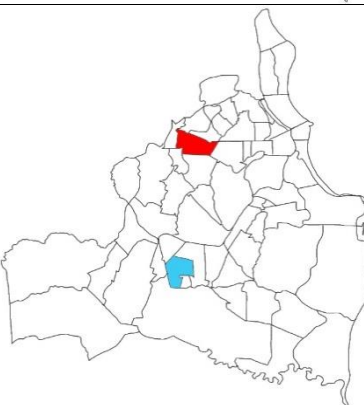
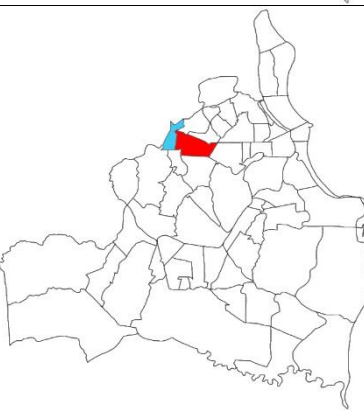
Perfil dos participantes

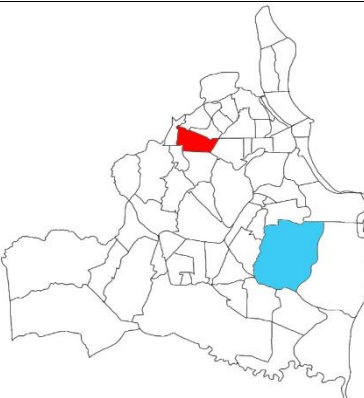
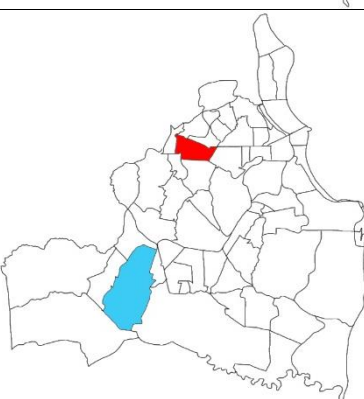
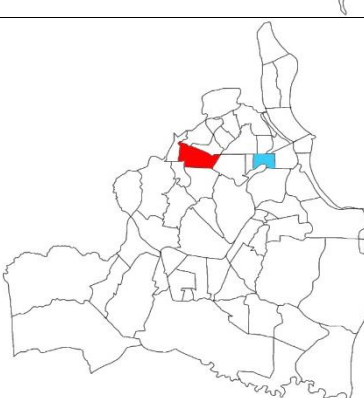
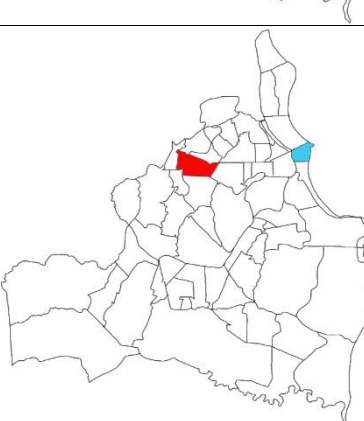
Foram entrevistados 14 idosos – 12 homens e 02 mulheres - sendo que apenas 02 são moradores da área central. Foram 05 entrevistados na faixa etária dos 60 anos, 07 dos 70 anos e 02 na faixa dos 80 anos. Dentre eles, 06 têm Ensino Superior completo, 05 têm o Ensino Médio completo e 03 têm o Ensino Fundamental completo. Do total de entrevistados, 08 já estão aposentados, 05 ainda trabalham e 01 nunca trabalhou.

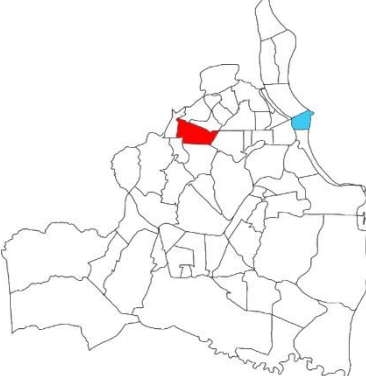
Esses dados estão melhor detalhados a seguir:

Quadro 04: Perfil dos participantes

Participante	Breve descrição	Mapa de deslocamento
Sérgio <i>Idade:</i> 60 anos <i>Onde mora:</i> Varjão <i>Estado Civil:</i> Divorciado <i>De onde é:</i> Caldas Brandão - PB <i>Escolaridade:</i> Ensino Fundamental completo <i>Trabalho:</i> Eletricista, mas hoje trabalha como vendedor de picolé Pardal à 5 anos.	Seu Sérgio vem todas as manhãs ao centro e encosta seu carrinho de picolé na Praça João Pessoa, em frente a Faculdade de Direito. Vem a pé do Varjão, onde mora sozinho, mas nos relatos que deixa seu carrinho de picolé guardado em um local perto da praça por 10 centavos. Não se incomoda de vir a pé, apontou a preferência por esse meio de transporte no lugar do ônibus ou carro. Nos contou que nos fins de semana vai vender na praia, pois o movimento no centro é muito pequeno.	
Jonas <i>Idade:</i> 74 anos <i>Onde mora:</i> Valentina <i>Estado Civil:</i> Casado <i>De onde é:</i> - <i>Escolaridade:</i> Ensino Fundamental completo <i>Trabalho:</i> Padeiro aposentado	Seu Jonas inicialmente morava no centro, mas depois se mudou para Torre. Lá era vizinho do seu grande amigo André. Se conheceram nas concentrações carnavalescas que tinham no Bairro de Jaguaribe. Diz que quando moço trabalhou como pintor e vivia andando pelo centro. Lembra dos tempos dos carnavais e da Festa das Neves com muita saudade. Conheceu sua esposa em uma escola de samba. Diz que hoje o centro está lindo, não falta nada, tudo que precisa ele encontra. Tem local pra comer e tomar café à vontade.	
André <i>Idade:</i> 68 anos <i>Onde mora:</i> Mandacaru <i>Estado Civil:</i> Casado <i>De onde é:</i> Sapé – PB. <i>Escolaridade:</i> Ensino Fundamental completo <i>Trabalho:</i> Ferreiro aposentado	Seu André morava no Bairro de Jaguaribe e depois se mudou para a Torre. Lá era vizinho de seu grande amigo Jonas. Diz que antigamente não existia “ter uma profissão” para eles mais humildes. A pessoa fazia o que chamassem eles para fazer – pintar, pastorear carro, entregar coisas, etc. Depois começou a trabalhar como ferreiro e se aposentou. Lembra que andava muito de bonde, que era uma diversão. O centro era muito movimentado e sempre tinha serviço para fazer.	
João <i>Idade:</i> 64 anos <i>Onde mora:</i> Longe do centro <i>Estado civil:</i> - <i>De onde é:</i> Interior e mora em João Pessoa a 60 anos. <i>Escolaridade:</i> Ensino Médio completo <i>Trabalho:</i> Vendedor de remédios	Seu João vem todas as manhãs ao centro para trabalhar. Vem de ônibus, mas diz que isso não é um problema. Desce na Lagoa e circula a pé pelo centro. Adora encontrar os amigos para um bate papo e lembra do centro como um lugar que já foi melhor e que apresentava mais oportunidades de lazer. Nos contou que sente falta dos muitos restaurantes, cafés e outros tipos de entretenimento, como o bonde e os pavilhões com engraxates e diversos comerciantes.	O participante não quis informar

Régis <i>Idade:</i> 73 anos <i>Onde mora:</i> Rua da República, Centro. <i>Estado Civil:</i> Casado <i>De onde é:</i> - <i>Escolaridade:</i> Ensino Médio completo <i>Trabalho:</i> Aposentado	Seu Régis tem sua banquinha de revista a 45 anos abaixo da marquise do Parahyba Palace. Todos os dias monta e desmonta a barraca e guarda seus produtos dentro do antigo hotel. Costuma vir a pé até o PCR, pois mora ali perto. Antigamente só vendia jornal, mas hoje já vende livros, quadros, filmes, etc. Com a conversão do Parahyba Palace em um shopping popular, alugou uma lojinha nos andares superiores, mas cotidianamente abre a banquinha no térreo.	
Josil <i>Idade:</i> 71 anos <i>Onde mora:</i> Manaíra <i>Estado civil:</i> Viúvo <i>De onde é:</i> Areia - PB <i>Escolaridade:</i> Ensino Superior completo <i>Trabalho:</i> Professor de agronomia aposentado da UFPB	Seu Josil mora em João Pessoa desde 1979 no bairro de Manaíra, mas vem pelo menos 3 vezes por semana ao centro. Geralmente vem de carona ou de ônibus, pois seu carro é utilizado por sua filha diariamente. Gosta de ir pagar contas por lá, assim como utilizar-se dos bancos e também de ir a livraria do Luiz, onde encontra amigos e já é conhecido por todos. Por fazer parte do mundo acadêmico por muito tempo, sabia como funcionava o trabalho de campo e respondeu às perguntas sem resistências.	
Marco <i>Idade:</i> 63 anos <i>Onde mora:</i> Funcionários II <i>Estado Civil:</i> Casado <i>De onde é:</i> - <i>Escolaridade:</i> Ensino Superior completo <i>Trabalho:</i> trabalha no DER	Seu Marco após o trabalho gosta de dar umas caminhadas na Lagoa e ir ao PCR ou Terceirão ver se encontra algum amigo para conversar. Gosta de dar esse passeio pelo centro, pois o trânsito das 18h é muito pesado e prefere esperar as coisas se acalmarem para ir embora. Morou durante muito tempo no centro, mas depois que casou se mudou para longe. Lembra desse espaço como um local maravilhoso e fala que apesar da cidade ter crescido muito, o centro ainda possui um sossego que gosta.	
Pietro <i>Idade:</i> 72 anos <i>Onde mora:</i> Varadouro <i>Estado Civil:</i> Casado <i>De onde é:</i> Interior mas mora em JP desde 1987. <i>Escolaridade:</i> Ensino Médio completo <i>Trabalho:</i> Aposentado de uma firma	Seu Pietro conta que antigamente não frequentava muito as praças porque tinha que trabalhar em uma Firma por ali. As vezes passava um tempinho quando tinha que resolver coisas, mas hoje vem todo dia e fica até anoitecer. Mora perto da Integração com a esposa e vem caminhando para as praças, mas brinca que se quisesse podia vir correndo. Vem ao centro porque gosta de conversar e como é aposentado tem muito tempo livre. Seu Pietro é diabético e por isso toma muitos remédios e precisa usar o wc frequentemente.	

Jacome <i>Idade:</i> 60 anos <i>Onde mora:</i> Mangabeira <i>Estado Civil:</i> Casado <i>De onde é:</i> - <i>Escolaridade:</i> Ensino Superior completo <i>Trabalho:</i> Funcionário do Tribunal de justiça	Seu Jacome morou durante muito tempo atrás do INSS, mas hoje se mudou para o bairro de Mangabeira. Mesmo tendo carro, prefere ir trabalhar de ônibus, pois dessa forma evita o engarrafamento das 18h. Lembra do centro como um lugar boêmio, onde vinha com os amigos e ficava perambulando pelas madrugadas. Tem uma opinião muito forte sobre as reformas que ocorreram no centro. Diz que apesar de ter melhorado, as coisas ainda estão ruins, desorganizadas e inseguras.	
Paulo <i>Idade:</i> 79 anos <i>Onde mora:</i> Distrito Industrial <i>Estado Civil:</i> Casado <i>De onde é:</i> Pilões - PB <i>Escolaridade:</i> Ensino Médio completo <i>Trabalho:</i> Aposentado e lojista	Seu Paulo morou 14 anos em natal. Saiu de lá fugido da revolução de 1960 pois fazia parte da Liga Comunista. Foi perseguido e preso em Recife, porém conseguiu ser solto pois utilizava um nome falso. Em 1974 veio morar em JP, mais antes passou pelo Rio de Janeiro, Bolívia, São Paulo. Quando saiu a anistia, recebeu uma quantia de dinheiro e comprou uma casa no Distrito Industrial e uma lojinha de material de construção. Brinca que escolheu esse local pois era a saída mais próxima da cidade caso acontecesse algo.	
Gleidson <i>Idade:</i> 82 anos <i>Onde mora:</i> Tambauzinho <i>Estado Civil:</i> Casado <i>De onde é:</i> Ingá - PB. <i>Escolaridade:</i> Ensino Superior completo <i>Trabalho:</i> Advogado aposentado	Seu Gleidson chegou em João Pessoa em 1972. Morou em vários bairros da cidade – Roger, Centro, Manaíra, Tambaú e Tambauzinho. Sua grande recordação de infância está relacionada aos bondes e o trajeto que sempre fazia para a praia de Tambaú, o qual chamava de aventura. Hoje é um frequentador assíduo da Livraria do Luiz, onde encontra os amigos para um bate papo, onde descansa no ar condicionado e toma um cafezinho. Mora em Tambauzinho e se utiliza do ônibus para se locomover até o centro.	
Ramon <i>Idade:</i> 80 anos <i>Onde mora:</i> Tambaú <i>Estado Civil:</i> Casado <i>De onde é:</i> Ibiara - PB <i>Escolaridade:</i> Ensino Superior completo <i>Trabalho:</i> Médico aposentado	Seu Ramon mora em Tambaú desde a década de 70. Se mudou para lá quando a família começou a crescer. Trabalhava no centro da cidade e conta que sempre ia aos cinemas Rex, Plaza e Brasil. Recorda que quando trabalhou no edifício 18 andares, no final do expediente ia encontrar os colegas para um cafezinho na Sede do Clube Cabo Branco. A sua vida noturna nunca foi muito agitada devido ao curso de medicina que era muito puxado, mas lembra que haviam muitos bares no centro e muita bebedeira.	

Lívia <i>Idade:</i> 76 anos <i>Onde mora:</i> Centro <i>Estado Civil:</i> Solteira <i>De onde é:</i> João Pessoa <i>Escolaridade:</i> Ensino Médio completo <i>Trabalho:</i> Nunca trabalhou	Dona Lívia sempre morou na mesma casa na Rua Duque de Caxias. Suas irmãs e primas se casaram e foram morar na praia, mas devido a uma doença, Lívia nunca saiu de casa. Hoje, já curada, aproveita para sair e conversar com os amigos todos os dias no Ponto de Cem Reis. Reclama que é a única mulher, mas não se sente intimidada. Lembra que antigamente sua rua que era muito familiar e estava sempre cheia de vida. Hoje tudo está mudado, seus vizinhos se mudaram e está praticamente sozinha ali.	
Rosa <i>Idade:</i> 72 anos <i>Onde mora:</i> Tambaú <i>Estado Civil:</i> Casado <i>De onde é:</i> João Pessoa <i>Escolaridade:</i> Ensino Superior completo <i>Trabalho:</i> Professora de música aposentada da UFPB	Rosa quando solteira, morava vizinho ao teatro Santa Rosa. Estudava no colégio das Neves e sempre após as aulas ia ao cinema, a sorveteria Canadá ou a Lagoa com as amigas. Lembra-se dos tempos antigos de Festa das Neves quando ia com os irmãos e com os pais fazer o corso e pular ao som das marchinhas. Depois que casou, se mudou para a Torre e depois para Tambaú. Teve 3 filhos, o que dificultou as suas idas ao centro com tanta frequência, mas lembra ainda do espaço com muito carinho.	

*Em vermelho está o centro da cidade e em azul estão os bairros de moradia dos idosos. Fonte: Marcela Dimenstein.

Categorização dos resultados

- *Motivação, Acesso, Frequência, Atividades*

Este primeiro grupo categórico foi organizado a partir das cinco primeiras questões do roteiro de entrevista: 1) Porque você geralmente vem ao centro? 2) Como você vem para o centro? 3) Quantas vezes por semana você vem ao centro? 4) O que você geralmente faz por aqui?

As respostas indicaram que a maior parte dos entrevistados se dirige ao centro em busca dos amigos e conhecidos para conversar e passar o tempo. Os que vão necessariamente à área para trabalhar também afirmaram que nos horários vagos sempre procuram amigos para um bate papo nas praças e estabelecimentos do bairro. Outra parcela dos entrevistados disse que vai ao centro para passear, caminhar pelas praças e ruas, ir à livraria e, eventualmente, comprar alguma coisa que esteja faltando em casa, ou pagar contas e ir a bancos. Uma mínima parcela vai diretamente ao comércio da região para comprar algo que esteja necessitando em casa.

Com relação ao meio de transporte utilizado, a grande maioria se locomove de ônibus. Os participantes que moram no centro ou em bairros vizinhos fazem seus percursos a pé. Apenas uma

minoria se utiliza do carro: os que conseguem carona, os que vão rapidamente resolver suas necessidades no comércio e um dos participantes que trabalha ali.

No que diz respeito à frequência dos participantes na área, a grande maioria afirmou vir ao centro de segunda a sexta em algum período do dia. Os que trabalham como ambulantes geralmente vão no período da manhã, os que trabalham em órgãos públicos frequentam as praças apenas nos horários de almoço e após o expediente. Os que trabalham com comércio local estão sempre no centro, de segunda a sábado até o final do horário comercial e às vezes no domingo de manhã. Já os aposentados em geral não têm um horário fixo, alguns preferem ir pela manhã, alguns no começo da tarde e outros no final da tarde/ início da noite. Apenas um dos participantes vai em média três vezes por semana e outros dois que vão em geral uma vez por mês.

Quanto às atividades realizadas no centro, surgiram respostas variadas. Muitos gostam de ficar sentados nas praças conversando, reencontrando e fazendo novas amizades. Alguns gostam de passear pelas ruas, caminhar um pouco, ver o movimento, ir às livrarias, no Terceirão (Camelódromo), nas bancas de jornais, tomar um café com os amigos, um caldo de cana com pastel em um antigo bar da área. Outros aproveitam para ir ao banco, lotéricas e comprar algo no comércio local. Um dos participantes chegou a dizer que utiliza a orla da Lagoa para fazer exercício físico. Outro falou que alguns dias da semana frequenta as discussões sobre atualidades e política na Livraria. A participante que mora no centro vai muito em mercadinhos, mercearias e farmácias. Existem os que trabalham no espaço como ambulantes. E parte dos entrevistados disse que frequenta ou já frequentou os eventos existentes nas praças.

- *Atrações, Vínculos e Dinâmicas*

O segundo grupo categórico foi organizado a partir das três seguintes questões: 5) O que você veio fazer hoje no centro? 6) Você costuma encontrar conhecidos? 7) Você costuma frequentar os eventos que acontecem nas praças do centro?

A primeira pergunta desse grupo diz respeito às atividades que os participantes estavam fazendo naquele dia do encontro com a pesquisadora. Alguns responderam que estavam indo ou saindo do trabalho. Outros disseram que estavam apenas descansando e conversando com colegas. Dois dos participantes afirmaram que tinham ido ao centro para reencontrar grandes amigos e relembrar do passado. Outros 02 participantes tinham ido comprar o mesmo livro na famosa Livraria do Luiz. Algumas vezes encontramos a moradora do centro indo comprar algum alimento ou utensílio nas mercearias. Outros 02 estavam no Terceirão comprando algum elemento para suas casas.

Com relação ao encontro de conhecidos, a grande parte dos entrevistados falou que nunca veio ao centro para não encontrar um conhecido/amigo ou não fazer alguma nova amizade. Um dos senhores até brinca dizendo “Depois de 30 anos frequentando o centro, não era para menos que eu conhecesse todo mundo”.

E por fim, apesar da maior parte dos entrevistados falar que não frequenta os eventos musicais e teatrais existentes nas praças por motivos de falta de infraestrutura e segurança, uma parte deles disse que às vezes vai ao chorinho do sábado na praça Rio Branco, ao som das 18h no Ponto de Cem Reis, dentre outros.

- *Avaliações do espaço*

O terceiro grupo categórico foi organizado a partir das perguntas: 8) O que você achou das reformas ocorridas no centro? 9) Você mudaria ou acrescentaria alguma coisa? 10) Você acha o espaço apropriado para pessoas da sua idade? 11) Você utilizava as praças antes das reformas?

Sobre as reformas recentes que ocorreram no centro, a maior parte dos participantes falou que houve melhorias significativas de infraestrutura física do espaço, mas que ainda não ficou excelente. Alguns falaram que do jeito que se encontra hoje já está ótimo, outros falaram que não notaram mudança nenhuma. Poucos falaram que estava ruim ou péssimo. A grande maioria sugeriu mudanças e acréscimos para que o espaço ficasse mais apropriado para elas, como abertura de banheiros públicos, conserto de pisos quebrados, implantação de mais árvores, bancos mais confortáveis, etc. Todos eram frequentadores do centro antes das reformas ocorridas em 2009. Porém, os que começaram a frequentar o centro após as reformas de 1970 falaram que agora está bem melhor que antes, mas os que frequentavam o espaço antes da reforma de 1970 apontaram que esta (de 1970) nunca deveria ter ocorrido, pois visava resolver problemas que acometiam a área naquele período criando um viaduto sob a Praça Vidal de Negreiros (Ponto de Cem Réis), recortando o espaço e gerando passagens de nível entre a Cidade Baixa e o Parque Solón de Lucena.

- *Memória e Hábitos*

O último grupo categórico foi organizado a partir das três últimas questões: 12) Quais suas lembranças antigas desse lugar? 13) Existe alguma coisa que você fazia antes e que hoje não faz mais? 14) Você gosta de vir ao centro?

Essas foram as perguntas que mais renderam conversas entre os entrevistados e a pesquisadora. Se não todos, a grande maioria tratou de assuntos relacionados aos transportes de

antigamente, como o bonde, as marinetes e os carros. Falaram sobre o que faziam nos momentos de lazer como os cinemas, as sorveterias, as festas e carnavais, etc. Comentaram dos seus trabalhos, de suas casas, famílias, da segurança, das gestões públicas, dos colégios, da igreja e da história da cidade.

Todos apontaram que os tempos de hoje não são mais como os de antes em nenhum dos aspectos citados acima. Lamentam que seus netos nunca vão saber como eram saudáveis e divertidas as Festas das Neves e os carnavais. Que a cidade hoje não tem a segurança de antes, e que as pessoas não podem apreciar bem a vida como se fazia antigamente. Contudo, apesar de todas as mudanças que ocorreram na cidade, o centro ainda lhes desperta muito afeto, lembranças e falaram que enquanto tiverem condições de ir, irão com certeza.

3.2 DISCUSSÃO

O centro como lugar do apego

Através das visitas de campo, em especial após os primeiros contatos, pudemos perceber a forte relação existente entre os idosos e o centro. Contudo, os participantes não conseguiam explicar o porquê dessa ligação, apenas sabiam que gostavam daquele espaço e que aquele era o local que vinham quando queriam encontrar os amigos ou passear.

Alguns conceitos da psicologia ambiental ajudam na compreensão dessas relações que se estabelecem entre as pessoas e o ambiente físico, como os de *identidade de lugar* e *apego*. Antes de tudo, para tratar desses dois conceitos cabe explicar que a ideia de **lugar** constitui a base do processo de apropriação e significação dos espaços, fundamentais na construção de um laço identitário e afetivo com este.

Identidade de lugar, segundo Mourão e Cavalcante (2011, p.208, 209), está relacionado à percepção de um conjunto de cognições ao longo da vida (memórias, sentimentos, valores, atitudes, etc.) e ao estabelecimento de vínculos emocionais e de pertencimento ao entorno significativo do sujeito. Para os psicólogos ambientais, questões referentes à nossa identidade – “quem somos nós” – estão intimamente ligadas à pergunta “onde nós estamos”. Proshansky et al.(1983), referências na área segundo as autoras, dizem que a identidade de lugar tem como função principal a criação de um cenário interno que sirva de sustento e proteção à nossa auto identidade.

Este cenário é a base para as possíveis modificações na identidade advindas das transformações no ambiente (2011, p.2010). Ou seja, o sentimento de pertencimento a um lugar resulta em uma construção pessoal, de experiências diretas com o ambiente físico e do nosso esforço de regular o nosso entorno, e assim, sustentar um senso de coerência em nós mesmo.

De fato, os edifícios históricos e os elementos do urbano presentes no centro, assim como, o contexto sócio cultural que refletem, podem ser referências de pertencimento a um local ou grupo. Todavia, os cenários físicos não só dos centros urbanos, mas das cidades em geral, cada vez mais mutantes em um tempo cada vez mais efêmero (CARLOS, 2004, p.9) acarretam mudança na sua capacidade de satisfazer as necessidades e desejos dos seus praticantes, exigindo destes, um novo esforço de apropriação e identificação.

Este fato pôde ser percebido nesta pesquisa, uma vez que as diversas mudanças físicas na área central geraram perdas de referenciais urbanos que impactaram diretamente na memória do público trabalhado e na forma com que se apropriam desses novos espaços.

Um fato muito comum durante as entrevistas foram algumas incongruências nas falas dos participantes com relação a localização ou uso de alguma edificação que havia sido demolida ou descaracterizada. Foi o caso dos cinemas, das padarias, das residências de pessoas ilustres, dentre outros.

Abaixo vemos trechos de três entrevistas que tratam do mesmo edifício – o antigo prédio do Jornal União – hoje atual Assembleia Legislativa (Apêndice B).

Lembro da **Rádio Tabajara** que era na Praça João Pessoa, mas colocaram a baixo, o prédio era muito lindo. Hoje é um Fórum, ou algo parecido (Ramon, 80 anos).

(...) A Praça João Pessoa sempre foi meio parada. Mais do que hoje. Ali tinha o **prédio da União**. Derrubaram um prédio lindo. Um fascista era o Ernani Sátiro, era terrível aquele homem (Gleidson, 82 anos).

(...) Antigamente tinha mais sorveteria, cafés, o **Jornal da União** que foi demolido (Lívia, 76 anos).

Como podemos ver, o prédio em si não lhes fugiu a memória, mas para o primeiro participante, houve uma confusão com relação ao seu uso antes e depois da demolição. Para ele, lá era a Rádio Tabajara e não a Sede do Jornal União e após a demolição se tornou um Fórum e não a Assembleia Legislativa.



Figura 77, 78: Prédio do Jornal União, 1920. Prédio da Assembleia Legislativa, 2014.
Fonte: STUCKERT FILHO, 2007 e Marcela Dimenstein, Jan. 14

Portanto, é importante refletir sobre os efeitos dessas constantes mudanças no nosso sentimento de pertencimento ao lugar e como elas influenciam nos nossos vínculos emocionais com o entorno.

Já o conceito de apego ao lugar despontou como um importante componente na compreensão da forte ligação emocional que se estabeleceu entre os idosos contatados e a área central. Maria Vittoria Giuliani (2004, p. 90) pontua que todos nós já experimentamos alguma forma de laço afetivo – sentimentos, disposições de ânimo, emoções – com algum lugar, e que são esses afetos que ajudam a definir o que eles são e significam, influenciando intensamente na definição da nossa identidade e nos valores e sentido da nossa vida.

Elali e Medeiros (2011, p. 53) explicam que o apego ao lugar (também conhecido como *place attachment*) é um conceito complexo e multifacetado que foca na relação do espaço físico e os significados simbólicos/afetivos a ele associados pelo indivíduos e/ou grupos. A literatura da área distingue pelo menos três dimensões diferentes que podem resultar em um sentimento de apego: funcional, simbólico e relacional.

O primeiro diz respeito ao papel desempenhado do espaço físico em atrair, encorajar ou inibir movimentos, interferindo nos comportamentos que ali ocorrem. A qualidade do local ante as necessidades do indivíduo prevalecem no “apego funcional”, ou seja, se o espaço já não é satisfatório e não se pode muda-lo para melhor, o apego diminui.

Essa primeira dimensão foi encontrada nos seguintes trechos das entrevistas quando perguntamos aos participantes qual o local que eles mais frequentavam no centro:

Gosto de ficar aqui na **Praça João Pessoa** porque é um lugar que a pessoa fica sentado, conversando. Todas as praças são boas, mas aí o negócio é fazer amizade, encontrar as pessoas. Aqui tem muita gente. (...) Gosto das árvores, como é verde, os passarinhos, a natureza. Eu gosto daqui (Sérgio, 60 anos).

Eu fico aqui no **Ponto de Cem Réis**, depois dou um passeio em outras praças, na João Pessoa, mas ali é muito parado, as vezes vou pra lagoa (Pietro, 72 anos).

Aqui é bom, tem essa praça aqui, tem a João Pessoa ali, mas a gente prefere essa daqui (**Ponto de Cem Réis**). É mais animada (Jonas, 74 anos e André, 68 anos).

Eu prefiro vir a **Livraria**. A praça Rio Branco hoje tá com jeitinho de praça, mas era horrível. A João Pessoa sempre foi meio paradona. E não gosto muito de ir ao Ponto de Cem Réis não. Não tem nada ali. Não tem um lugar pra se sentar, pra uma cerveja, não tem nada. Eu venho aqui (Livraria do Luiz) porque aqui tem ar condicionado, é silencioso (Gleidson, 82 anos).

Nos trechos acima podemos ver como os lugares não têm necessariamente o mesmo significado para todas as pessoas. Para o primeiro entrevistado a Praça João Pessoa atende a todos os seus requisitos para se estar e não a troca por nada. Para os outros 3 entrevistados a Praça João Pessoa lhes parece muito parada e preferem o Ponto de Cem Réis e para o quarto entrevistado, a livraria que frequenta é muito melhor e mais confortável que o Ponto de Cem Réis.

Para Macedo et al (2008), a escolha do lugar que mais gostam ou lugar favorito é determinado por níveis de bem-estar e pela coerência/compatibilidade com eventos do passados ou atuais.

Uma das funções dos lugares preferidos é possibilitar variados tipos de experiências restauradoras, que podem ocorrer tanto em ambientes naturais, quanto em ambientes construídos. O fato de se estar em um lugar favorito induz mudanças fisiológicas ao proporcionar alterações de humor no sentido positivo, equilibrar a capacidade de atenção e possibilitar maior contemplação dos próprios sentimentos (MACEDO et al, 2008).

Já a segunda dimensão refere-se ao significado que um lugar tem ou teve para a formação da identidade de uma pessoa/grupo em uma determinada época. Para o “apego simbólico” o local que desempenhou um papel importante em uma etapa da vida, pode não desempenhar o mesmo papel em outra etapa, embora permaneça significativo na identidade da pessoa/grupo.

Giuliani (2004, p.95), diz que nesse caso, o tempo não é necessariamente importante. Um lugar ligado a uma época significativa pode deixar uma marca, mesmo que um curto período de tempo tenha se passado ali. As entrevistas também mostraram a existência desse apego pelos entrevistados:

Moro aqui nessa rua (Duque de Caxias), nasci aqui também, assim como a minha mãe. A casa que eu moro meu pai comprou eu tinha 5 anos. Era do meu avô, quando se casou com a minha vó, dá época do início da rua (Livia, 76 anos)

Eu morava vizinho ao teatro Santa Rosa. Isso era 1943, 44. Depois subimos mais um pouquinho e ficamos em frente à Praça Aristides Lobo. O meu primeiro colégio era interno e ficava ali Av. General Osório. E o prédio triangular amarelo. Eu saí da Praça Pedro Américo e fui pra João Machado. **Lembro me que papai me levava de carro até Lagoa. Eu estudava francês na Lagoa.** Depois em 1961 eu me casei e fui morar na Torre, lá tinha um cinema, tinha as marinetes, os bondes, mas depois já em 70 eu me mudei pra Tambaú (Rosa, 72 anos).

Uma coisa que me marcou: 1982, 83, 84, eu era funcionário da secretaria da agricultura e normalmente na sexta e no sábado vinha aqui a este Paço Municipal (**Ponto de Cem Réis**) em pleno final de revolução. **Tinha o café São Braz e teve um papo com um político local e outros também aqui e isso me marcou.** O papo rolou aqui as 17h da tarde (Josil, 71 anos).

Aqui podemos ver três exemplos de lembranças que falam do significado de um lugar na formação identitária dos entrevistados em uma determinada época. O primeiro trecho mostra que o tempo teve grande influência no seu apego pela Rua Duque de Caxias, pois esta sempre fez parte da sua história e da sua família.

O segundo trecho mostra que mesmo vivendo em um espaço por menos tempo que a primeira entrevistada, Rosa foi afetada pelos locais acima citados que, porventura, lhes deixaram uma marca e foram significativos.

Já no terceiro trecho, podemos ver que uma única conversa ocorrida às 17h da tarde no Ponto de Cem Réis com políticos locais se fixou nas lembranças do entrevistado devido a relevância do acontecimento e das pessoas envolvidas. Destacamos também que o participante chamou a Praça Vidal

de Negreiros ou Ponto de Cem Réis de Paço Municipal, devido ao simbolismo histórico, social e político que esse espaço tem para cidade de João Pessoa e, em especial, para o participante que sempre esteve ligado ao setor público.

A terceira e última dimensão corresponde à interação dinâmica entre o estrato social cotidiano e as características do ambiente onde a interação acontece. O laço com o local não se deve às suas qualidades específicas, mas ao sentimento de bem estar e segurança quando o indivíduo percebe que pertence a um grupo e a um lugar. Está intimamente ligado aos lugares da vida cotidiana e da experiência contínua (ELALI et al, 2011; GIULIANI, 2004).

A gente vem esperar o tempo passar aqui (Ponto de Cem réis), passear, encontrar os amigos. De manhã eu passo lá na ferraria onde tô aposentado, dou uma olhada. Ai de tarde venho pra cá rever os amigos. A gente fica lembrando as coisas do passado (André, 68 anos).

Todo dia a gente tá aqui. Tomamos um cafezinho ali. Tem muita gente que eu conheço a muito tempo, mas outras são mais recentes. Sempre nos aniversários um dos outros a gente faz uma festa aqui. Já colocaram uma faixa pra mim. Paulo por exemplo conheço a muito tempo, mas a gente ficou mais próximo porque ele é muito inteligente e adoro conversar com ele. (...). Eu tenho outro amigo que também era revolucionário: Gleidson. Mas ele frequenta mais a livraria. Ele as vezes anda comigo até o Ponto de Cem Réis, mas só as vezes (Lívia, 76 anos)

Eu venho quase todo dia aqui ao centro. Todo canto aqui eu conheço gente, no café, o motorista de praça, na livraria, caixa de banco (...) (Josil, 71 anos).

Eu nunca fiquei em casa pra ver jogo de futebol não, eu não aguento não. (...) A minha casa agora é só eu e minha mulher, agora eu cometo um crime né!? Ela fica em casa e eu venho pra cá. Mas ela não gosta de vir, ela gosta de ficar em casa trabalhando. Já tenho 55 anos de casado. Quando a gente casou o compromisso era esse, eu saia pra trabalhar e ela ficava em casa. Agora que eu aposentei, ficou ruim pra ela. **Eu não vou ficar em casa, eu não tenho costume** (Gleidson, 82 anos).

Gosto de vir aqui para conversar (Ponto de Cem Réis), vou ficar dentro de casa fazendo o que!? Preciso esticar as pernas também, a gente precisa andar quando tá ficando idoso. Vou muito no café que tem aqui, eu tomo muita água por conta que tomo muito remédio ai vou sempre lá (Pietro, 72 anos).

A ida dos participantes ao centro, na grande parte das vezes, não está condicionada a um propósito específico como ir a bancos ou fazer compras. Muitos utilizam o espaço como ponto de estabelecimento e manutenção de relações sociais. Nos três primeiros trechos pode-se notar que o hábito de estar diariamente no centro acaba facilitando a sociabilidade dentre os idosos.

Clarice Peixoto (1995), aponta que no Brasil não existe uma política social destinada à velhice, logo cabe aos próprios idosos assegurar suas estratégias de sociabilidade. As transformações ocorridas ao longo dos anos nas relações e núcleos familiares, levam essas pessoas a buscarem companhia e distrações nos espaços públicos. Nos exemplos acima, podemos ver que a conquista de um outro espaço

de sociabilidade que não a casa muda a imagem que habitualmente são impostas aos idosos e isso lhes é muito atraente, pois lhes confere uma sensação de independência e liberdade.

No quarto e quinto trecho vemos que os dois entrevistados apontam que nunca tiveram o costume de ficar em casa quando mais jovens, pois tinham que trabalhar. Agora que estão aposentados, não conseguem ficar dentro de casa e recorrem aos lugares que durante muito tempo fizeram parte de seus cotidianos.

É válido dizer que essas três dimensões não são mutualmente exclusivas. Pelo contrário, elas atuam juntamente e formam laços de apego em relação a um único lugar. Essa junção de apegos foi detectada nas entrevistas, pois os mesmos não enxergavam a área central apenas como local que residem ou residiram em uma época, mas como espaço onde se divertiram na juventude, sofreram, trabalharam, circulavam diariamente e se apaixonaram. O centro é um lugar que desperta tantos afetos que lhes provoca saudades.

Eu venho muito aqui. **Mas antigamente era muito diferente.** Antes tinha onde estacionar o carro, tinha um café São Braz ali no Ponto de Cem Reis, era muito bom. Mas eu cheguei de vez aqui em 1972, já tinham mexido em muita coisa. Ali onde tem o Banco Bradesco era várias lojinhas, mas as coisas vão se acabando. O cinema Rex ali na Duque de Caxias, eu vinha demais. O Plaza ali do lado também e também tinha o Cine Brasil que era descendo a Guedes Pereira. Mas uma coisa que eu gostava muito e que sempre me lembro quando venho aqui era de andar de bonde. Andava muito. **Eita, que foi um tempo bom danado!** (Gleidson, 82 anos)

Inúmeras interpretações do centro apareceram durante as entrevistas, mostrando a área como um espaço heterogêneo que compõe um mosaico de afetos. As mudanças históricas, morfológicas e sociais afetaram os diversos aspectos da vida dos seus habitantes e consequentemente, geraram nesses idosos - testemunhas de muitas dessas mudanças - uma noção de pertencimento e apego a ele.

André (68 anos) comenta: “Eu sempre gostei daqui do centro. Teve uma vez que fui visitar um primo em Natal, ai chegando lá eu adoeço. Já tô acostumado com aqui, se eu sair eu adoeço. Aqui fico feliz, fora não”.

O apego a um lugar é considerado uma necessidade humana fundamental. Entretanto, Giuliani (2004, p.92) nos adverte que essa é uma necessidade que a sociedade está cada vez menos capaz de satisfazer, devido à tendência de seguir gradualmente em direção a uniformidade espacial e a grande mobilidade, desenvolvendo, portanto, um relacionamento puramente funcionalista com os lugares.

A autora chama atenção para o fato de que sentimentos de afinidade mútua, de comunidade, de fraternidade, assim como aversão e hostilidade estão frequentemente relacionadas às questões de vínculos aos locais. Essa possível “disfunção do apego”, como a autora coloca, é vista como uma falha na satisfação dos requisitos do apego “seguro”. Tal disfunção poderia ser encontrada na agressividade

em relação àqueles que por acaso queiram compartilhar os lugares que somos apegados e na inability de estabelecer novos vínculos afetivos com os lugares e deles cuidar (GIULIANI, 2004, p.101,102).

Um fato que muito incomoda os entrevistados é o descaso que a população e o poder público têm com os espaços por eles frequentados no centro. Muitos falaram que após os grandes eventos que acontecem nas praças, o volume de sujeira é enorme. Apontaram que os ambulantes que vendem seus produtos ali sujam muito, principalmente porque jogam restos no chão, o que acaba entupindo os bueiros. Também falaram que o palco do Ponto de Cem Réis fica montado por muito tempo, mesmo dias após os shows. Dois entrevistados colocam: “Demoram muito para montar e retirar os palcos das festas. E quando retiram, rapidamente colocavam de novo” (Pietro, 72 anos). Seu Josil de 71 anos diz que o palco ali tira muito da beleza do espaço. Do mesmo modo, se queixaram que alguns jovens vão as praças para picha-las.



Figura 79, 80, 81, 82: Lixeiro varrendo o PCR após festa, 2014. Resíduo dos isopores dos ambulantes jogados no chão do PCR, 2014. Pichação no chão do PCR e Vista do palco de eventos montado no PCR, 2014.

Fonte: PMJP e Marcela Dimenstein, Jan. 14

Memória e Interação

Em se tratando do centro da cidade, essa localidade pode despertar diversos sentimentos em uma sociedade. Alguns podem enxergar um conjunto de casas ou prédios antigos e abandonados, e outros podem ver como um local de saudade e de um passado bom. Esse sentimento atinge até os que não viveram o período auge da área devido ao caráter simbólico das edificações que sobreviveram ao tempo e são provas vivas de uma época e seus significados.

Além do simbolismo, outro aspecto que pode inferir na relação espaço-pessoa, é a memória. Esta que, na maioria das vezes, está associada a capacidade de armazenar e conservar informações, também é um elemento essencial na forma de representar o passado e a identidade de um lugar.

Ecléa Bosi, inicia o último capítulo de seu livro *Memória e Sociedade: Lembrança de velhos* com a seguinte frase: "Quando relatamos nossas mais distantes lembranças, nos referimos, em geral, a fatos que nos foram evocados muitas vezes pelas suas testemunhas" (1994, p.406). A autora que se baseia nos estudos de Maurice Halbwachs, explica que nossas lembranças e ideias não são originais. Muitas recordações que incorporamos ao nosso passado não são nossas, simplesmente nos foram relatadas por nossos parentes e depois lembradas por nós.

Quando perguntamos a Rosa (72 anos) o que ela costumava fazer na sua infância quando morava no centro, ela respondeu se remetendo ao ano de 1943, quando tinha apenas 2 anos. Para que se constituísse a lembrança do passeio de velocípede na praça Aristides Lobo, é possível que essa história lhe tenha sido contada algumas vezes. Logo, esse acontecimento provavelmente marcou não só a sua vida, mas também a de outros membros da família, que o recontou diversas vezes.

Halbwachs (2009) fala que nossas lembranças são coletivas e que nos são lembradas pelos outros, mesmo que trate de acontecimentos nos quais só nós estivéssemos envolvidos e com objetos que só nós vimos. Isso se deve, na realidade, porque nunca estamos sós. Fazemos parte de grupos com os quais mantemos relações afetivas e que nos proporcionam encontrar em nós mesmos modos de pensar a que não chegaríamos sozinhos. Aponta para a necessidade de pertencimento a uma comunidade afetiva para a reconstrução e conservação de lembranças, pois uma vez que deixamos de fazer parte de um grupo e de concordar com suas memórias, a lembrança vai se perdendo. Logo, não existe uma memória puramente individual. O autor coloca:

Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mas ainda o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio (HALBSWACHS, 2009, p.54).

A memória coletiva tira suas forças e duração de uma base comum a um conjunto de pessoas que lembram enquanto integrantes do grupo. Essa massa de lembranças comuns não aparece com a mesma intensidade para cada indivíduo. Não podemos esquecer que a cidade não é um coletivo de vivências homogêneas e que os pontos de vista individuais variam de acordo com os grupos que fazemos parte e os ambientes que nos relacionamos. Então, a vida na cidade dá origem a várias memórias coletivas que têm como ponto de comum a cidade.

Bosi explica que é por isso que existem fatos que não repercutiram coletivamente, mas que só mexeram profundamente em nós. O indivíduo é o memorizador das camadas do passado e tem acesso a coisas que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum (1994, p.411). Isso ocorreu com Seu Jonas (74 anos), quando nos falou que antigamente para namorar com uma menina era complicado e com Seu Marco, ao tratar de um incidente no Ponto de Cem Réis durante a copa do mundo de 1958. Lembram-se:

As meninas eram muito diferentes, as saias eram até o joelho. Só podiam sair acompanhadas com pai e mãe. Você pra namorar com uma menina era complicado (Risos) Era você aqui namorando nesse banco e o pai sentado do lado. Passei muito por isso. Tinha umas véias ignorantes. Sentava do seu lado e fingia que tava cochilando. Se você se abestalhasse ela pegava no flagra (Jonas, 74 anos).

Em 1958 eu vinha pra aqui menino ouvir a decisão do jogo Brasil e Suécia. Nessa época passava numa difusora, não era nem rádio. Ai soltaram uma bomba tão pesada daquelas que os vidros do ponto chique caíram mesmo (Marco, 63 anos).



Figura 83: Desenho representativo da final da Copa do mundo de 1958 com bomba explodindo os vidros do Ponto Chique que existia no Ponto de Cem Réis. Ilustração: Marcela Dimenstein

Apenas o pequeno número de integrantes desses grupos guarda essa lembrança, não repercutindo mais amplamente. Entretanto, durante as entrevistas realizadas, percebemos que uma série de recordações se repetiam nas falas dos participantes. Foi o caso dos cinemas, da Festa das Neves, carnavais, sorveterias, do bonde, dentre outros.

Halbswach (2009, p.66) pontua que o passado que conseguimos evocar quando desejado, ou com mais facilidade, é aquele que está em terreno comum, ou seja, é fácil acessar pelos outros. Os fatos

de nossas vidas que estão mais presentes para nós também foram gravados na memória do grupo que somos mais chegados. Logo, se a lembrança existe para todo mundo, isso significa que podemos nos apoiar na memória dos outros. Contudo, o autor também chama atenção que se a memória coletiva tira forças e duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo (2009, p.69).

Bosi (1994, p.413) e Halbswach (2009, p.69) colocam que a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva e que este ponto de vista muda segundo o lugar que ocupa e as relações que mantem com outros ambientes. Por isso, durante as entrevistas, apesar de nos depararmos com lembranças comuns a vários participantes, foi inevitável que nem todos tivessem a mesma posição a respeito delas.

- *Lembranças comuns e pontos de vista*

Um fato interessante percebido durante as entrevistas foi que apesar de todos os entrevistados participarem de um mesmo grupo de pessoas frequentadoras do centro da cidade, ocorriam mudanças de perspectivas nas narrativas das pessoas de classes sociais diferentes e também de homens e mulheres. Também é importante dizer que o idoso mais velho entrevistado tinha 82 anos, ou seja, nasceu no início da década de 1930. Logo as lembranças aqui tratadas vão se remeter aos finais da década de 1930 em diante.

- a) *Cinemas/ sorveteria /clubes / padarias*

Um das lembranças mais recorrentes estão ligadas ao lazer na cidade. O cinema foi apontado como uma das grandes diversões da época e sempre apontavam o Cine Rex e o Plaza como os melhores que existiam. Wills Leal fala em seu livro *Cinema na Paraíba, Cinema da Paraíba* de 2007, que a cidade viu aparecer e desaparecer muitos cinemas desde que chegou a Paraíba em 1897, como o Cine Theatro Pathé, Cine Rio Branco, Popular, Edson, Morse e São João, dentre outros. Contudo, os mais lembrados pelos entrevistados são os que surgiram a partir da década de 1940, como o Cine Rex, Cine Plaza, Brasil Cine Teatro, Cine Theatro Torre, Cine Jaguaribe, Cine Teatro Santo André, Cine Municipal.

O Cine Rex e Plaza são apontados pelo autor como os cinemas que toda cidade “chique” precisava (Apêndice B). Tinham o melhor som e imagem da cidade, além de estarem localizados no coração do centro – Rua Duque de Caxias e Ponto de Cem Réis. O Rex foi inaugurado em 1935 e tornou-se um ambiente de requinte e encontro da sociedade. Além de cinema, foi cassino, teatro e funcionava quase como uma extensão da Sede do Clube Cabo Branco que se localizava na sua frente.

Leal (1995) destaca que antes mesmo do cinema Rex, a Sede do Cabo Branco já existia ali e atraía muitos grandes nomes da cidade não só por conta do futebol, mas principalmente pelos jogos de cartas. Também coloca que nos tempos dos carnavais, os blocos carnavalescos eram de grande elegância e os sócios eram obrigados a usar *smoking* ou traje a fantasias para entrar no salão de dança. As figuras 84 e 85 mostram fotos do antigo cine Rex e atualmente como o Banco HSBC. Abaixo vemos as figuras 86, 87 e 88, que mostram a Sede do Clube Cabo Branco em 1938, 1950 e atualmente como a Fundação Cultural de João Pessoa – FUNJOPE.



Figura 84, 85: Cine Rex e Edifício do como Banco HSBC, 2014.
Fonte LEAL, 2007 e Marcela Dimenstein, Jan. 14



Figura 86, 87e 88: Sede do Clube Cabo Branco em 1938, 1950 e 2014.
Fonte: LEAL, 1995 e Marcela Dimenstein, Jan.14

O Cine Plaza, inaugurado em 1937 em pleno Ponto de Cem Réis era o maior em tamanho e passou por duas grandes reformas. A primeira em 1953 que mudou a decoração interna e maquinário, e outra em 1963, quando praticamente foi construído um novo edifício. As figuras 89 e 90 e 91 mostram o edifício em 1942, depois nos anos 1960 e atualmente em 2014.

Os três prédios - Cinema Plaza, Rex e a Sede do Clube – externamente não sofreram grandes mudanças e sempre são facilmente identificados pelos participantes do trabalho. Umas das entrevistadas até fala: “Tinha cinema, a gente ia muito. Ali era o Plaza, continua ainda no mesmo jeitinho. E ali tinha o Rex, o Brasil (...) dava muita gente aqui de noite, o povo vinha muito” (Lívia, 76 anos).



cartão postal, coleção Allen Morrison



Figura 89, 90 e 91: Vista aérea do Ponto de Cem Réis com o antigo edifício do cinema Plaza, 1942. Cine Plaza após reforma na década de 1960 e Edifício atual como Casa Pio, 2014. Fonte: STUCKERT FILHO, 2007, LEAL, 2007 e Marcela Dimenstein, Jan.14

A maioria dos entrevistados lembra do centro como um lugar agitado, que atraía muita gente e que de noite fervia com muitos bares, sorveterias, jogos, música e cinema.

Ah, cinema era a maior diversão da cidade. Sábado era a matinê do Plaza, domingo era a matinê do Rex, então a gente vestia a melhor roupa que tinha, se penteava todinha, colocava uns vestidinhos todos armados, lindas de morrer, ai ia. Ai depois da sessão de cinema íamos pra Lagoa ou marcava com as meninas pra tomar sorvete na Canadá. **Teve uma vez que o Rex tirou todas as cadeiras da metade do cinema para que a gente fosse aprender a dançar rock and roll com filme.** A gente saía do colégio e todas bonitinhas, com roupas de preguinhas e a gente ia dançar. Ai a gente emendava uma sessão na outra e aproveitava para paquerar também. O Rex e o Plaza eram os melhores da época. O cine brasil, o dia era a quinta de tarde, tinha a matinê das moças. Em frente ao Rex tinha a Sede do Clube Cabo Branco. Era ali mesmo onde ficava a nata. Eles iam jogar, etc. O cinema mudo era o cinema Ascopo. O primeiro filme que passou foi O Manto Sagrado com Richard Barton. Ai também tinha o cinema Santo André em Jaguaribe, muita gente ia (Rosa, 72 anos).



Figura 92: Desenho representativo da aula de dança do Cine Rex. Ilustração: Marcela Dimenstein

Tinha a matinê no ástrea, no Rex, no Plaza, **no sábado tinha a matinê no Plaza e no domingo no Rex, ai terminando, ia todo mundo pra Lagoa, que lá tinham os**

bares e tal (...). Tinha um ali na Rua da Republica, esse era da época que eu pra faculdade, o Astória. Tinham muitos ne!? O municipal, e o Brasil. Eita, lembrei que foi lá que assisti Joana D'arc, chorei muito (Ramon, 80 anos).

Eu vinha sempre ao cinema e trazia uma namorada ou vinha só mesmo. Era muito bonito. Vinha comer muita pipoca. Tinha muito pipoqueiro. Tinha algodão doce...**Eu só vivia no Ponto de Cem Réis antigamente e também na lagoa porque era o ponto mais animado da época**, sempre tinha gente dançando e música nas esquinas. Adorava assistir. O povo era mais humilde nessa época. Ah, o povo era muito arrumado. Eu vinha todo arrumado. De camisa e sapato social e ia la pra Lagoa. Ah, ali era muito bom de ficar (Sérgio, 60 anos).

Tinha de tudo, a cidade tava crescendo. Tinha padaria Fluminense aqui. Tudo animado. Tinha o cinema ali onde é a Casa pio, era o Plaza. E o Rex era ali encima. **A gente frequentava porque a gente era novo e trabalhava pra entrar ne!? E tinha o dia do pobre o dia do rico. A gente vinha no dia do pobre.** Era assim: Primeiro eles passavam o filme e tinha um dia que passava o mesmo filme que já tinha sido passado na semana anterior. Na frente tinha o Clube Cabo Branco, só tinha o povo nobre, granfino. A gente usava suspensório, tinha que tá tudo nos trinques. Se rasgasse, a gente mesmo que tinha que costurar. (...) Mas a gente antes ia pro colégio, pra igreja, todo mundo se respeitava. (...) Hoje tudo é igreja. Você vê que os cinemas são tudo alugados pra uma igreja (Jonas, 74 anos e André, 68 anos).

Ali era o Plaza, continua ainda no mesmo jeitinho. E ali tinha o Rex, o Brasil. **Dava muita gente aqui de noite, o povo vinha muito. Tinha uma sorveteria aqui, Canadá, todo mundo ia depois do cinema.** Tinha um restaurante Flórida, onde é o Bradesco. Tinha um Bar de hits, o Ponto frio. Ai atrás tinha a Padaria Fluminense, hoje em dia ela tá ali mais pra cima. Ali era a sede do Clube Cabo Branco, ficava cheio de moços e a gente passava paquerando, mas lá só pra quem era membro. A minha memória não é muito boa. Mas lembro que o primeiro filme que assisti foi Casa de Bonecas, no Rex. Fui até com uma tia que amava cinema. Engraçado que eu lembrei que quando eu ia ao cinema, por causa do pânico, eu chegava bem cedo e sentava na última fila perto de uma porta, porque eu não podia ter gente nas minhas costas. Tudo era na última fila, até quando eu ia pra igreja (Livia, 76 anos).



Figura 93: Desenho representativo do cenário descontraído que existia na sorveteria Canadá.
Ilustração: Marcela Dimenstein

Os trechos acima mostram a grande animação que contagiava a área central, tanto pela manhã quanto pela noite. Entretanto, podemos ver algumas diferenças nos discursos de alguns entrevistados.

Os que tinham um maior poder aquisitivo frequentemente faziam o passeio: Cinema – Sorveteria – Lagoa. Lembram das casas de show, dos restaurantes e dos bares, etc. Também podemos ver que as duas mulheres entrevistadas nunca estavam desacompanhadas e se remetem a esse ambiente borbulhante com um olhar romântico e de paquera.

Enquanto isso, os menos favorecidos recordam do esforço que faziam para ir ao cinema, das estratégias de irem nos horários mais baratos, que traziam as namoradas para comer pipoca e algodão doce nas barraquinhas de rua, lembram-se dos locais onde o pessoal mais grã-fino frequentava, do zelo pelas roupas que usavam, que sempre se empenhavam para também estar bem vestidos, lembram que antigamente as pessoas eram mais humildes e se respeitavam mais.

Um local de destaque para alguns entrevistados foi a lanchonete Querubim Bar que até hoje existe na descida da Rua Guedes Pereira (Apêndice B). O pastel com caldo de cana era conhecido por ser barato e gostoso, fazendo sucesso com todo tipo de gente. Um dos entrevistados não deixou de nos contar o trocadilho que se fazia com o nome do estabelecimento: Para quem sobe a rua era Bar Querubim e para quem desce é Querubim Bar.

Lembro que depois do expediente tomava um cafezinho por ali, encontrava uns amigos. Quando eu trabalhava no IPASE descia ali e tal, quando trabalhava no 18 andares aí eu ia pra Cabo Branco, eu era sócio, todo mundo se reunia ali. Tinha um bar na frente do IPASE, **o Querubim Bar que tinha o melhor caldo de cana da cidade** (Ramon, 80 anos).

Ah, aqui tem o caldo de cana, até no meio da rua a gente toma. Descendo aqui tá o caldo de cana. Ele tá lá desde antigamente. A gente sempre vai lá. **Eu era menino e esse caldo de cana já tava aí, era o Querubim bar.** Antigamente a cana vinha no cavalo, traziam pra vender no centro, mas hoje já vem tudo prontinho, o povo não tem mais trabalho. O caldo chega é azedo (Jonas, 74 anos e André, 68 anos).

Outro local muito citado pelos que moraram ou ainda moram no centro foi a Padaria Fluminense que se localizava na Rua Duque de Caxias em frente ao Ponto de Cem Réis (Apêndice B), e hoje ainda permanece na mesma rua, mas em outro ponto. Também recordaram da sorveteria Canadá, localizada abaixo da marquise do Paraíba Palace Hotel, e da sorveteria que existia no Pavilhão do Chá.

Tinha uma padaria ali onde é a King Joias, mas saiu. Era uma padaria muito conhecida, de muitos anos. Quando eu morei aqui no centro, a gente comprava pão lá, mandava entregar em casa. (...) Era um tempo bom, porque ainda era uma tranquilidade. A gente de tarde ia pra Bica ou ia pro Pavilhão do Chá, nessa época era muito chique vir ao Pavilhão do Chá. Era uma da sorveteria (Gleidson, 82 anos).

A praça João Pessoa era mais animada antes que hoje. **O Pavilhão do chá era uma sorveteria.** Tinha uma radiola que se colocava dinheiro e se tocava umas músicas. E no Ponto de Cem Réis tinha a sorveteria Canadá (Livia, 76 anos).

Olhe, **as vezes no domingo íamos ao Pavilhão do Chá**, mas poucas vezes. Mamãe não levava muito a gente. Eram 3 filhos e dava muito trabalho (Rosa, 72 anos).



Figura 94, 95: Atual Querubim Bar, 2014 e Atual padaria Fluminense, 2014.
Fonte: Marcela Dimenstein, Jan.14

b) Festa da Neves

Os entrevistados também citaram a Festa das Neves como uma grande atração da cidade. A festa é uma homenagem religiosa à padroeira da cidade de João Pessoa, Nossa Senhora das Neves que acontecia na rua General Osório, onde está situada a Catedral de Nossa Senhora das Neves. Ali era onde se reuniam as pessoas mais tradicionais e abastadas da cidade que exibiam os melhores vestuários e desfilavam para cima e para baixo. As calçadas da rua eram cheias de barracas de venda de cachorro quente, bola de borracha, maçãs de mel e roletes de cana, porém, os passeios e as barracas só tinham início depois do término das novenas, quando era comum a queima de fogos, anunciando que era o momento de festejar (LEAL, 1992, p.26).

Seu Gleidson (82 anos) comenta: “Na festa das neves tinha maça do amor e cachorro quente. Tinha a Dona Neide que era a pessoa que melhor sabia fazer cachorro quente na Paraíba”.

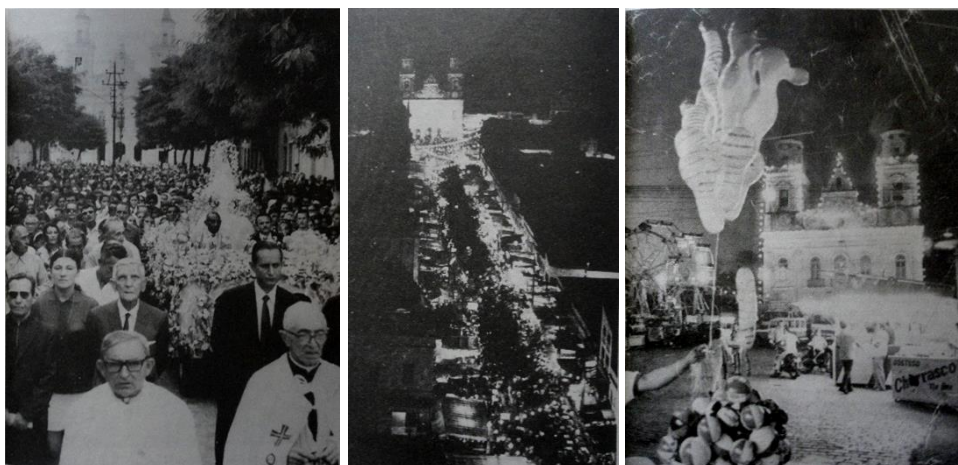


Figura 96, 97, 98: Procissão nos anos 70. General Osório em dia de festa. Brinquedos e barraquinhas, anos 70.
Fonte: LEAL, 1992.

Para os que não tinham muito dinheiro e não faziam parte das famílias mais ricas da cidade, as festividades culminavam na **Bagaceira**. Leal (1992, p.78) fala que a bagaceira faz parte da tradicional festa e sempre abrigou os mais pobres. Não passava de várias barracas de bambu e madeira com cobertura de palha e cadeiras improvisadas, localizada na descida da ladeira da Borborema. Era o local dos boêmios e dos grandes bebedores. As entrevistadas falaram que mulheres direitas não podiam nem pensar em passar por lá. Não pegava bem. Já os homens comentaram:

Antes tinha uma missa e depois que acabava, tinha um palco montado na frente da igreja. Na General Osório tinham várias barraquinhas com cachorro quente, até o pavilhão do chá. **Eu tomei muita cachaça na bagaceira, era muito bom**, mas não tinha nada de bagaceira ali não, era um pessoal muito arrumado (Jacome, 60 anos).

Ah, na Festa das Neves tinha a bagaceira, **eram várias barraquinhas que vendiam de tudo**. Tinha a barraca famosa, eu esqueci o nome da mulher, mas ela fazia o mais delicioso ensopado de siri da cidade. Ia todo mundo pra lá tomar esse ensopado (Marco, 63 anos).

Tinha a bagaceira, na ladeira da Borborema. Eu não ia não. **Era um cheiro terrível, porque não tinha onde fazer xixi e os cabras iam tudo mijar nas paredes**. E descia tudo la pra baixo (Gleidson, 82 anos).

Ai tinha a bagaceira. Só funcionava altas horas. **Não era para mocinhas. Era onde os diabos dos namorados da gente iam depois que nos deixavam em casa**, e ia pra lá. Ai tinha bebida, comida....Era por ali, descendo o colégio das neves, ladeira da Borborema...ah minha filha, era uma bagaceira só (Rosa, 72 anos).



Figura 99: Tradicional Bagaceira, anos 70.
Fonte: LEAL, 1992.

As **Retretas** eram bandas militares que tocavam nos coretos e ruas do centro. Segundo Leal (1992, p.131) atingiu seu ápice durante as guerras, quando as cidades estavam se modernizando e a moda europeia estava presente nas ruas da capital.

Todo 5 de agosto a gente ia ver a música tocar no coreto do pavilhão do chá. Tinha a banda da polícia e a militar. Mas eu vinha poucas vezes. Se chamava Retreta, eu vi pouco, porque eu já não podia sair de noite. As moças do meu tempo casavam todas donzelas (Rosa, 72 anos).

Na retreta, os homens passeavam por um lado e as mulheres pelo outro. E no meio a banda tocava. A banda do exército ficava tocando, mas eu preferia a da polícia, que era melhor. Isso acontecia na Praça João Pessoa (Gleidson, 82 anos).

A festa que também era palco de flertes e namoros, costumava iniciar no dia cinco de Agosto, dia da fundação da cidade, e seguia por mais nove dias, onde a cada noite era rezado um novenário. Hoje, com o grande aumento populacional e a evasão dos moradores mais abastados da área central, a festa mudou muito. Não apresenta mais o mesmo “glamour”, nem os mesmos percursos, nem atividades tradicionais e diminuíram os dias de festividades, muito embora ainda seja uma festa bastante popular na cidade.

Eu vinha a festa das neves, era bem melhor antes. Bem organizado. Era mulher, menino, rapaz tudo brincando e namorando. Eu ficava ali na frente da Catedral e ia seguindo a procissão. O cine Rex e Plaza ficavam as filas imensas pra entrar. Antes era melhor porque tinha menos pessoas, não existia aquela bebedeira. Aqui tinha barracas com algodão doce, maçã do amor. E hoje eu não venho, perdeu a magia, não presta mais (Marco, 63 anos).

Quando eu era mais nova, eu ficava no carrossel, montanha russa, canoa, monga, etc. Mas depois de mais velha, ia pra paquerar. Tinha muita gente nas calçadas, os rapazes olhavam e abraçavam a gente, eles diziam: “Ahhh, o doutor receitou esse remédio”. Também tinha o **Quem me quer que era um serviço que oferecia música ao povo**: “Esta música vai para fulana com muito amor, “Alô fulano, tem alguém que te ama muito que está te esperando na calçada na frente do carrossel e está te oferecendo essa canção”. E as vezes erravam e não dizia o nome da gente ou quem enviou. Lembro que minha mãe comprava uns trajes completos pra gente. Um vestido lindo, um chapéu de boneca, eram uns 10 trajes de tafetá, tinha que ser um pra cada dia (Rosa, 72 anos).

Na festa das neves, era muito animado, tinha muita paquera. Os homens passavam de um lado e as mulheres no meio. **Hoje não é quase nada ne!? Antigamente eram 10 dias** (Livia, 76 anos).



Figura 100: Desenho ilustrativo das moças andando pela Rua General Osório em clima de paquera.
Ilustração: Marcela Dimenstein

c) Carnaval

Quando falávamos de grandes festividades no centro, os entrevistados não esqueciam do carnaval. Todos lembraram do **corso** que acontecia na rua Duque de Caxias e da grande festa com serpentinas, confetes e lança perfume.

Wills Leal no seu livro *No tempo do Lança Perfume* (2000, p.33) conta que o carnaval de João Pessoa se torna um elemento de destaque no início do século 20, principalmente pelas ações dos grandes clubes: Astréa, Diários, América, Juventude e Cabo Branco, mas também pelos pequenos blocos dos bairros. Na década de 1940, Paraíba Palace, o Cassino e o Pavilhão do Chá também realizavam grandes festas.

A chegada dos carros e das marinetes consagraram o corso na rua Duque de Caxias - centro das festividades carnavalescas. Dos carnavais de bairro, Jaguaribe se destacava justamente pela tradição dos velhos blocos, mas também por abrigar pequenos clubes e a moradia de algumas personalidades da cidade. Depois, ganha força os blocos das escolas de samba que vinham desfilar no centro. Dois dos entrevistados, Jonas e André (74 e 68 anos) faziam parte de uma das escolas de samba de Jaguaribe e relembram o carnaval como a melhor época do ano.

Antes tinha gente nas calçadas, vinham olhar a escola de samba que a gente participava passar, todo mundo parava pra olhar e ficava nas janelas vendo. A gente fazia parte da escola do Jaguaribe. Nos conhecemos lá. Eram tempos bons demais, a gente adorava a folia. Eu (Jonas) conheci a minha esposa na escola de samba (Jonas, 74 anos e André, 68 anos).

No carnaval, tinha o **Corso**, os carros passavam e ficavam no **mela-mela**. Muita maisena, graxa, danava na cabeça das pessoas. O **lança perfume** era liberado, o povo usava muito, mas não era como hoje não. Era normal usar (Marco, 63 anos).

Ah, meu pai era um carnavalesco. Ele tinha uma caminhonete, aí ele tirava a parte da carroceria e colocava um assento. Aí ficava como um conversível. Aí ele enfeitava aquele conversível todo como fogos, não sei o que mais...e a gente ia tudo pra fazer o famoso Corso. Era assim: **tinha gente nas calçadas olhando e a gente fazia o corso, brincando com quem estava nos carros, caminhonetes, ou carros assim abertos. Então a gente atirava serpentinas de um carro pro outro**. Ah, tinha um negócio que papai trouxe de Recife, que era um bombom que tinha um papel celofane e a gente pegava esse bombom e ficava jogando nas pessoas e nos amigos. Bombom, serpentina...lança perfume. (...) E como o corso andava muito devagarzinho, andava 2 metros e parava aí a gente saltava e ficava brincando o trajeto todo em alto falantes, músicas de carnaval, jogando bombom, serpentina. Era uma brincadeira muito gostosa, muito saudável. Esse corso, imagina aí, saía da Igreja de São Francisco e descia a Duque de Caxias, aí chegava na João Pessoa, Aí na João Pessoa, arroteava a João Pessoa, voltava pela Visconde de Pelotas, e chegava na São Francisco de novo. Era bom demais!! Depois que me casei, meu marido era membro do Clube Cabo Branco, e começamos a frequentar os bailes (Rosa, 72 anos).

Ah, o carnaval era bom demais. **No início eu brincava nas ruas mas depois eu fiquei sócio do Clube Cabo branco aí frequentava mais o carnaval dos clubes**. Ia com minha esposa pra os bailes de carnaval que tinham orquestra e banda. Primeiro era lá em Jaguaribe, depois foi lá pro Miramar (Ramon, 80 anos).

O carnaval, assim como a Festa das Neves, apesar de atrair pessoas de todos os níveis sociais para as ruas, missas e festejos, apresentava uma distinção entre quem era pobre e quem era rico. Para a elite pessoense, os festejos ocorriam nos grandes casarões ou nos clubes, onde aconteciam bailes de máscaras, as valsas e as orquestras (Leal, 2000). As famílias mais abastadas faziam o corso e desfilavam em seus carros pela rua Duque de Caxias, jogando serpentinas, bombons e lança perfumes nos que assistiam das calçadas. Esses elementos carnavalescos eram muitas vezes trazidos de Recife para ser um diferencial, como foi dito por Rosa (72 anos). As famílias menos favorecidas vinham as ruas apreciar o movimento e participar do mela-mela e das brincadeiras, assim como aproveitar as barraquinhas que eram montadas.

A expansão da cidade em direção à orla mudou o carnaval tradicional da cidade e a partir da década de 1980 começam a aparecer os blocos da orla e trios elétricos. Recentemente, a Prefeitura Municipal de João Pessoa, em busca de resgatar o carnaval tradicional da cidade, criou o Projeto Folia de Rua que conta com diversos blocos antigos da cidade, como: Picolé de Manga, Anjo Azul, Bloco do Pinguim, Bloco dos Atletas, dentre outros. Porém, apesar do interesse do poder público nesse resgate da cultura popular, o grande aumento da população pessoense e as transformações na cultura carnavalesca implicaram numa grande perda da tradição que existia.



Figura 101, 102: Carnaval no PCR, 1952 e Tradicional Corso na Duque de Caxias.

Fonte: LEAL, 2000

d) Transporte

Os entrevistados lembraram muito dos carros de antigamente, das marinetes e de como andavam a pé pela cidade, mas sem dúvida, o bonde foi o que lhes trouxe mais lembranças. Segundo Oliveira (2006, p. 63), o serviço regular de bondes elétricos em João Pessoa se iniciou em 1914, após a substituição do bonde a tração animal e instalação dos serviços de iluminação pública. Até a década de 1930, os bondes não haviam sofrido nenhuma melhoria e a população sofria com a péssima qualidade do serviço, já que estavam desgastados e a rede elétrica não tinha força para suprir a demanda.

Com as obras de melhoramento, os bondes seguiram com força até meados da década de 1950, quando a indústria automobilística se desenvolveu e teve uma grande repercussão nos transportes

urbanos (OLIVEIRA, 2006, p. 83). Os bondes no auge da sua operação, trafegavam por nove linhas: 1) Linha do comércio, 2) Linha Cruz das Armas, 3) Circular Jaguaribe-Montepio, 4) Linha Mandacaru, 5) Linha Rua do Rio, 6) Ferrovia Tambaú, 7) Linha Tambiá, 8) Linha da Torre e 9) Linha Trincheiras.

Os entrevistados contam as seguintes histórias:

Aqui antes tinha muito mais opções de coisas pra fazer, só de parar aqui pra olhar os bondes já era uma diversão. E nessa época ainda tinham os pavilhões com os engraxates e a bomboniere. Era um tempo agitado que só (João, 64 anos).

Ah, **aqui era animado demais**, ficava os bondes passando e tinha o ponto chique. Isso aqui fervilhava. Você sabe que aqui se chama Ponto de Cem Réis devido ao bonde ne?! Porque cem réis era o preço da passagem e aqui era o ponto final (Livia, 76 anos).

O que tinha de muito interessante na época era o bonde. Saia do Ponto de Cem Réis. **Pra Tambaú, o melhor jeito era de bonde, porque a estrada era péssima, de barro. Toda vez que papai ia a Tambaú, o carro voltava todo ruim.** O bonde era um transporte como o ônibus, normal, andava mulheres e homens! Tinha na época as **marinetes**. Era um tipo de ônibus desses que tem fusinho. Ai o povo gritava: “Lá vem a Marinete”!! Também andei muito nessa marinete. Mamãe ia buscar os filhos no colégio de marinete (Rosa, 72 anos).

Uma coisa que eu gostava muito e que sempre me lembro era de andar de bonde. Eu morava essa época no Roger ai a gente pegava o bonde ali naquela principal, ai fazia a volta no Ponto de Cem Réis e ai pra Tambaú. Toda vez a gente fazia isso. **Porque papai tinha muito calor aqui, ai iam muito pra praia. Um 20h da noite por ai, ai esperava um pouquinho e ai voltava pra casa.** A gente não fazia NADA! Ninguém vinha a praia essa hora. **Ai era uma aventura.** As vezes meu pai e minha mãe levavam um livro pra ler ou qualquer coisa pra fazer e a gente tomava conta do bonde. Ai a gente virava os bancos todinhos pra um lado, depois todinhos pro outro. Isso em 1937, 38. Mas eram uns bondes bons, bem antigos. Tinha horário de chegar, eram umas 19h05 da noite ai vinha um. Pontual. Era uma empresa inglesas ne!? Ai tem esse negócio da pontualidade (Gleidson, 82 anos).

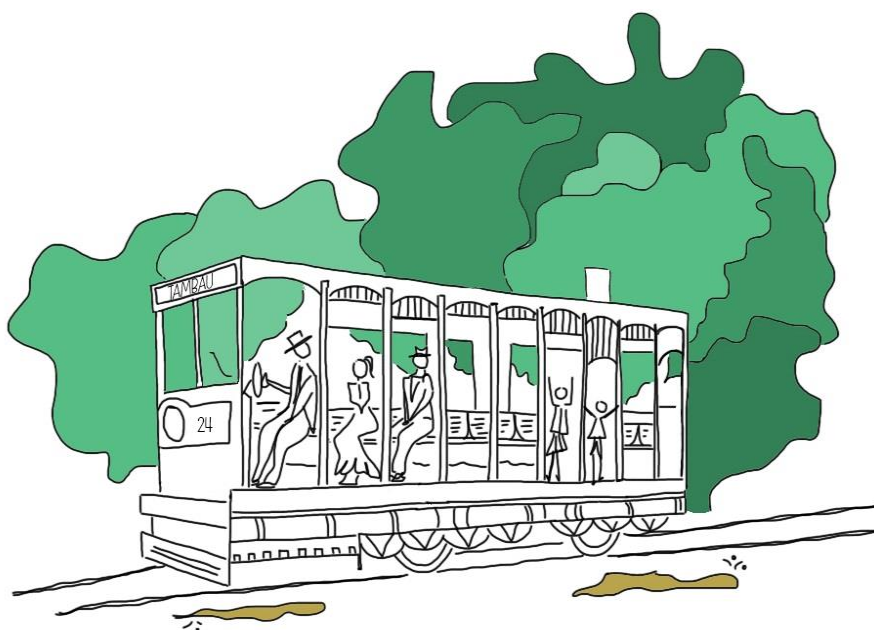


Figura 103: Desenho representativo da aventura de andar de bonde a noite na Linha Tambaú.
Ilustração: Marcela Dimenstein

O bonde era um serviço de transporte que atendia a todo tipo de população. Para Rosa (72 anos) eram como os ônibus de hoje, andavam mulheres e homens. Nos trechos acima, pode-se perceber que foi um meio de transporte que marcou muito os entrevistados. Todos em algum momento o utilizaram e por isso sabiam que o motivo da Praça Vidal de Negreiros ser chamada popularmente de Ponto de Cem Réis está relacionada a ele.

Alguns comentaram que para irem à praia, a melhor forma era de bonde, pois as estradas eram de terra e esburacadas. O trajeto era em meio a mata e chegando lá não tinha nenhuma urbanização. Oliveira (2006, p. 81) coloca que até a década de 1950, Tambaú não tinha saneamento e ainda se assemelhava a uma vila de pescadores. Gleidson (82 anos) diz que para ele, os passeios noturnos que fazia com sua família para a praia eram uma aventura. Rosa (72 anos) lembra que sempre que seu pai ia de carro pra Tambaú, o carro voltava cheio de problemas. Para ela, o melhor jeito era utilizar o bonde.

As marinetes também foram citadas. Eram transporte coletivos simples, por vezes obsoletos, também chamados de lotação ou de bicudinhas devido ao formato de sua frente. Ficaram mais populares nos anos 1950 como uma alternativa ao ônibus públicos que não estava conseguindo atender a população.

Oliveira (2006, p.85) aponta que a população não tinha um sistema de transporte público eficiente e barato. Este fato aliado as inúmeras reformas de calçamento e pavimentação das grandes avenidas da cidade estimulou a compra de veículos particulares. O grande número de carros já na década de 1960 obrigou a cidade a realizar reformas visando resolver o problema viário das partes altas e baixas do centro. Logo, o carro tinha um papel primordial na imagem de progresso e modernidade pela qual a cidade estava passando e para alguns dos entrevistados ainda traz consigo tal conotação.

Lembro que antigamente tinham umas 4 famílias muito ricas em João Pessoa e todas moravam ali nas redondezas do Ponto de Cem Réis, inclusive uma das **casas era aonde fica o banco Bradesco era da família do Dono do Parahyba Palace, também era o dono do primeiro carro da cidade.** Ele passava e a gente parava tudo pra ver. Mas eu na verdade andava era a pé. Depois que fiquei mais velho, uns 18 anos, já tinha vários amigos e vinham ao PCR tomar cachaça no bar que tinha lá no Ponto de Cem Réis. Ficava todo dia até as 2h, 3h horas da manhã. Era muito tranquilo, não tinha problema nenhum. Rodavam o centro todo a pé e depois voltava pra casa andando. Era muito bom. (Jacome, 60 anos).

Isso não era pra tá assim não. Era pra ser como antes, passar carro. Aqui antigamente até 1970 passava carro. Quando passava carro aqui, isso era muito mais animado, tinham famílias, o povo parava pra ver os carros passando. **Depois que tiraram os carros começou a parecer um povo mal encarado.** Calçada só dá maconheiro (Pietro, 79 anos).

A gente andava muito a pé. Naquela época ninguém andava de carro não. **O povo hoje é muito mal acostumado, pra tudo pega o carro.** Antigamente a gente só andava a pé, família pobre ne!? (Jonas, 74 anos).

Como podemos ver, alguns dos participantes apontavam o carro como um elemento de luxo, não associado à grande população da cidade. Já os mais pobres indicam que se locomoviam muito a pé, que não havia insegurança e que a cidade era muito tranquila. Um dos participantes até brinca dizendo que hoje as pessoas são muito mal acostumadas, não conseguem fazer nada sem o carro (Jonas, 74 anos). Para Paulo, a presença do carro está associada à animação, ao lugar da família e da tradição, ou seja, a um tempo que a área central era o lugar de moradia, de trabalho e de lazer de uma população que já não se encontra mais lá. Para ele, a ausência de carros no calçadão da Duque de Caxias é um atrativo para desocupados e para uma população mal encarada.

Seu Jacome (60 anos) que estava do nosso lado resolveu intervir na conversa e questionou Paulo sobre sua colocação: Mas Paulo, se passasse carro aqui hoje, você não ia tá sentado nesses bancos. Você ia achar isso bom? Seu Paulo respondeu: Antigamente não tinha banco nenhum e era uma animação, o povo ficava nas ruas, não tinha esse “povo” aqui – se referindo aos moradores do prédio do IPASE.

Ao longo da entrevista percebemos que as colocações de Paulo, na verdade, eram uma forma de expressar seu descontentamento com os rumos que a vida na área central tomou. Ele, como a grande parte dos entrevistados, sente muita saudade do tempo que o centro era o local mais estimulante da cidade, um local de modernização, com muito agito, cinema, bares e famílias.



Figura 104, 105: Ponto de Cem Réis na década de 1930 e Marinete para o Roger.
Fonte: LEAL, 2007 e Portal dos ônibus paraibanos. Acessado em 20.09.14. <<http://www.onibusparaibanos.com/2013/03/especial-de-domingo-joao-pessoa-nos.html>>.

e) Trabalho

O assunto do trabalho lhes pareceu o menos estimulante dentre os assuntos tratados nas entrevistas. Alguns, inclusive, demoravam para dizerem suas profissões e quando diziam era de forma vaga, não explicando seus cargos. A maior parte dos participantes, agora aposentados, preferiam falar de outros assuntos. Muitas respostas foram: Eu trabalhava em uma firma (Pietro, 72 anos) ou, antes eu fazia outras coisas, agora eu trabalho como vendedor de remédios (João, 64 anos). Contudo, algumas respostas talvez ajudem no entendimento desse fato interessante.

Em 1958 me formei em medicina (...) fui trabalhar no ex IAPI que era no centro, era ali na Barão do Triunfo. **Também trabalhei no 2º andar do prédio do IPASE**, durante muitos anos. Ai em 1968 **fui trabalhar no 18 andares**, lá no térreo. (Ramon, 80 anos).

Eu era da Liga Comunista. Eu trabalhava no governo de Roberto Freire em 1956 a 1959 lá em Natal. Ai fui para o Rio de Janeiro, SP, fui Bolívia trabalhar. (...) **Ai depois fui preso em Recife.** Ai vim pra João Pessoa e **saiu a anistia, tiraram a minha ficha da polícia, fui declarado inocente e recebi um dinheiro.** Ai fui morar lá no Distrito Industrial, porque qualquer coisa que fossem me procurar eu ia me embora pra Recife. Com o dinheiro comprei uma casinha e montei uma lojinha de material de construção (Paulo, 79 anos).

Eu vinha todo dia ao centro. **Eu trabalhava em uma firma aqui.** Era contador, apesar de ser formado em direito (Gleudson, 82 anos).

Eu nunca trabalhei não, porque quando eu tinha 17 anos, eu tive síndrome do pânico. (...) Não pude me forçar nem nada. Parei de estudar com 17 anos. Ai fiquei em casa né!? Só fui ficar boa com 55, só faz 25 anos que tô saudável. Não pude casar, na época eu tinha um compromisso, hoje moro só com uma secretária, ai não tive profissão (Lívia, 76 anos).

Depois que eu me casei, fui acompanhar meu marido e também tive 3 filhos. Só depois que eles cresceram que eu comecei a trabalhar com música, fui professora e também tenho minha escolinha (Rosa, 72 anos).

Eu trabalhava pela Epitácio, as vezes vinha aqui pro centro também. **Eu lavava carro**, sabe?! Ficava olhando o carro do povo que ia pro Cabo Branco. Antes da reforma da Rio Branco eu ficava muito lá (André, 68 anos).

Eu sou aposentado de padeiro e ele de ferreiro, mas isso antigamente **não era assim não, não existia ter uma profissão. A gente fazia o que aparecesse.** A gente andava aqui tudinho. Teve uma época que eu trabalhava aqui no centro com pintura, mas não rendia muito não. Eu ia pra cima e pra baixo. Subia nesses prédios tudinho. Pinte esse IPASE aqui. Ficava pendurado o dia todo. Agora não ando mais, mas antigamente (...) sempre dava uma parada pra ver o movimento (Jonas, 74 anos)



Figura 106: Desenho representativo do trabalho de José como pintor do IPASE olhando o movimento da área central. Ilustração: Marcela Dimenstein

Segundo as respostas, percebemos que alguns dos participantes tinham uma formação acadêmica e trabalhavam com coisas diferentes do que suas profissões propunham. Foi o caso de Ramon que é médico e trabalhava no setor público em cargos técnicos ou de Gleidson que é advogado e trabalhava como contador em uma firma. Também houve o caso de Paulo que trabalhava no Governo do RN e passou muitos anos fugindo da ditadura militar e se mudando constantemente. No caso das mulheres, Livia nunca chegou a trabalhar por conta de uma doença que tivera por 38 anos e Rosa passou muito tempo sem trabalhar depois que casou e teve três filhos.

Seu Jonas nos conta que para os mais pobres não havia “ter uma profissão certa”. Se fazia o que aparecia. Ele e André já trabalharam com muitas coisas, já foram pintor, vigia de carros, entregador, etc. Só depois de mais velhos que se estabeleceram padeiro e ferreiro para poderem se aposentar.

Vivências nos dias atuais

Segundo os entrevistados, a vivência na cidade contemporânea em muito se distanciou do que era antigamente. Primeiramente, muito dos entrevistados que moravam no centro ou em suas proximidades mudaram para outros bairros. Em segundo lugar, o grande crescimento da cidade, o encarecimento do terreno, a necessidade de mais espaço para criar a família, etc. foram os argumentos por eles apresentados.

Eu morava no centro mas depois me mudei pra Torre e de lá fui pra Valentina porque Torre, Jaguaribe, **esses bairros todinhos cresceram demais** (Jonas, 74 anos).

Eu morava aqui na General Osório, ai em **1982 eu me casei e fui pra os Funcionários II** (Marco, 63 anos).

Eu sai do centro e fui pra Manaíra com minha esposa. **Ai quando vi, minha casa estava cercada de prédio e eu não gostei.** (...) Em 2010 eu me mudei, fui pra Tambauzinho, uma casa ventilada, sem prédio ao redor (Gleidson, 82 anos).

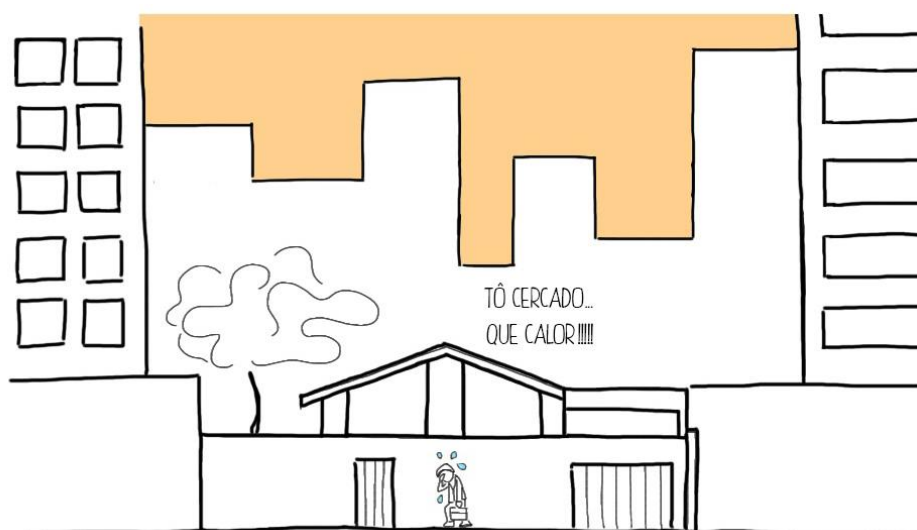


Figura 107: Desenho representativo da casa em Manaíra de Seu Gleidson cercada por prédios. Ilustração: Marcela Dimenstein

Apesar das grandes distâncias que alguns têm que enfrentar para chegar ao centro, diversas táticas foram criadas por eles próprios para otimizar seus deslocamentos. Alguns apontam preferência por andar a pé até a área central, outros de carona, alguns poucos se utilizam de motorista particular e a grande maioria se desloca de ônibus.

Eu gosto de vir a pé para amaciar as canelas, eu já me acostumei. Tem calçada, calçamento, asfalto, tem tudinho. Mas eu venho devagarzinho. Tomando uma cervejinha. (...) **Medo eu tenho de andar a pé, mas se eu for ter medo de tudo, eu não faço mais nada.** Eu ando atento. Volto pra casa num horário que ainda tem sol, umas 17h. Nos fins de semana eu vou vender na praia e volto dando uma caminhada pela Torre, por Tambauzinho (Sérgio, 60 anos).



Figura 108: Sérgio andando pelo Bairro de Tambauzinho no domingo.
Fonte: Marcela Dimenstein, set. 2014

Eu venho andando. Não tenho medo, na verdade eu já fui roubado aqui. Dia de domingo aqui não tem ninguém. O caba sai correndo e se acontecer alguma coisa não tem a quem chamar. Dia de domingo eu só venho pra cá com uma peixeira. Tem hora que não dá para reagir, sujeito a morrer mas eu trago (Pietro, 72 anos).

Eu venho de ônibus. Eu não tenho medo não. Se eu for ter medo, eu não faço mais nada. Eu nunca fui assaltado sabe!? Eu pego o ônibus na parada perto do Espaço Cultural é bem mais perto da minha casa do que ir até a Epitácio. A parada ali sempre tem 1 ou 2 pessoas, eu tenho até um pouco de medo. Ai eu desço dessa parada da Aristides Lobo que é mais perto e venho andando (Gleidson, 82 anos).

Hoje a gente anda de ônibus porque onde a gente mora hoje é muito longe, já já as 16h tô indo embora pra parada, porque sem trânsito já é uma viagem de 1h pra casa (Jonas, 74 anos e André 68 anos).

Às vezes venho de carona com amigos ou de ônibus. Hoje vim de carona. De **carro** sozinho eu nunca venho, porque **minha filha geralmente tá utilizando** (Josil, 71 anos).

Apesar de ter carro, costumo vir de **ônibus**. Tem uma parada em frente à minha casa e outra em bem perto do Tribunal e **não preciso me preocupar com trânsito e estacionamento, essas coisas** (Jacome, 60 anos).

Venho no meu carro. Estaciono aqui nessa rua da igreja. Lá tem um estacionamento e como eu tenho mais eu 60 anos eu coloco logo a placazinha e sempre tenho vaga (Marco, 63 anos).

De preferência vou com o motorista porque é mais fácil, já que aqui não tem onde estacionar. Não é por questão de segurança, porque nunca me senti insegura lá. O trânsito é o que mais prende a gente (Rosa, 72 anos).

Os trechos acima mostram que para os que andam a pé ou ônibus, a questão da insegurança é um incômodo, mas não os impedem de realizar seus deslocamentos até o centro. Vários apontam que se fossem ter medo de tudo, não fariam mais nada fora de casa. Pietro, que já foi assaltado na subida da Guedes Pereira uma vez, chega ao extremo de levar uma peixeira consigo aos domingos, quando não tem ninguém nas ruas. A maior parte dos entrevistados anda de ônibus e não aponta nenhum problema com esse transporte. Alguns, inclusive, preferem utiliza-lo ao invés dos seus carros, pois dessa forma evitam o trânsito e o problema de estacionamento. Josil e Paulo deram seus carros para seus filhos e andam de transporte público.

Para lidarem com as situações que fazem parte da vivência na cidade contemporânea, muitos desenvolveram algumas táticas como voltar para casa enquanto ainda tem sol, andar atento, fazer trajetos mais longos de ônibus para descenderem em paradas mais perto dos seus destinos finais, voltarem para casa com certa antecedência devido ao tempo que demoram para chegar, pegar caronas, utilizar placa de idoso para estacionar com mais facilidade e andar com motorista particular, dentre outros.

Com relação ao espaço atual, alguns dos entrevistados disseram que houve melhoria depois das reformas e outros falaram que não viram muitas mudanças, porém, todos concordaram que elas podiam ter sido otimizadas.

Pra mim tá bom do jeito que tá. Mudou muito ne!? Esse concretado não existia aqui não. Antigamente tinha os bondes aqui, o ponto chique, mas agora não tem mais nada disso. Mas também não falta nada não. **Cafezinho e lanche não falta.** Tem cafezinho aqui em todo canto que você chegar. Caldo de cana, até no meio da rua a gente toma (Jonas, 74 anos).

Antes da reforma tinha um viaduto aqui e tiraram. **Mas eu prefiro agora porque tem mais espaço pra circular,** antes era muito apertado (Pietro, 72 anos).

Eu gostava da praça como era antes do viaduto. Sinto falta dos bares, onde eles pudesse tomar uma cervejinha ou então um café (...) Tinham os bondes pra olhar, tinha banheiros. Tinham os engraxates de antigamente, hoje deveria ser como era na época que tinham os pavilhões (João, 64 anos).

O espaço mudou muito mas as relações das pessoas aqui mudaram pouco, eu acho que ainda persiste algumas coisas. Os papos são os mesmos, ali ainda vive a notícia do jornal (apontando pra banca de Seu Régis). Aqui ainda tem muita interação social, forte ainda é o viver, ainda é muito forte a interação de quem tem dinheiro empresta pra quem não tem, tem muita gente solidaria (Josil, 71 anos).

O espaço hoje está tudo muito ruim. Mesmo com as reformas que melhoraram as praças, os pisos e bancos, está tudo muito esculhambado e não tem nada que dê vida ao espaço. Se tivesse um lugar como antigamente era as casinhas dos engraxates, com cobertura e mesinhas separadas e vigiado seria melhor (Jacome, 60 anos).

Os entrevistados lembram das modificações que aquele espaço já sofreu e mostram preferência pelo espaço de hoje ao espaço após 1970. Já os que viveram ali antes de 1970, apontam que o espaço deveria voltar a ser como antes desta data. Contudo, é apontado nos trechos acima que apesar das

mudanças, para algum dos entrevistados, ali não falta nada e que as relações sociais praticamente continuam as mesmas de antigamente.

Ao falar do espaço de hoje foi inevitável que os participantes dessem suas próprias sugestões do que mudar para que o espaço ficasse mais apropriado para eles e para o resto da população.

Pros idosos não é muito bom não, dá pra aproveitar algumas coisas, mas é muito cheio de querequequeu. Demoraram quase 2 anos pra fazer esse calçamento aqui, colocaram essas plantas, ficou bonito, a noite é iluminado, mas essas barracas véias com esses negócios de São João (ambulantes), isso atrapalha (Josil, 71 anos).

Olhe, eu sou diabético e não tem onde usar o banheiro. Lá em frente tem um shopping (Terceirão), tem umas pessoas que eu conheço, ai vou andando até lá ou então ali no shopping Cidade. Lá tem um sanitariozinho véio. E acho os bancos ruins. Primeiro que eles tão todos aqui desse lado, deviam tá mais espalhados, segundo que não são agradáveis. Além de desconfortáveis para sentar, são muito duros sabe?! E o cimento estraga e suja todas as calças da gente (Pietro, 72 anos).



Figura 109: Desenho representativo da calça rasgada de Seu Pietro após sentar nos bancos do PCR.
Ilustração: Marcela Dimenstein

O Ponto de Cem Réis é um quadradão. A gente vai pra ali pra ficar onde? Queimando de calor? Tem pouco banco, eles estão no sol, e até as 17h da tarde ainda tá quente. Eu sei que o povo chama ali de “**A praça assa cu**”. As árvores que colocaram ali foram Pau Brasil, não cresce não pra fazer sombra. Demora muito. Não tem um lugar pra tomar uma cerveja (Gleidson, 82 anos).

A ausência de banheiro é chato. Eu já vi gente aqui fazendo xixi. Já fizeram até mais. Já vi até mulher, se agachando assim. É Horrível. Também acho que devia ser mais habitado e que tivesse mais bares, cafés, algo mais arrumadinho. Mas ai as coisas não podiam fechar as 19h como acontece hoje (Livia, 76 anos).

Uma coisa que me incomoda são essas apostas desse povo que joga aqui. As vezes dá umas brigas feias e o povo rouba do outro e vai se esconder no IPASE. Já tem dois casos de pessoas assassinadas lá. Assim fica muito inseguro. **A prefeitura devia transformar a Duque de Caxias toda em um calçadão**. Assim fica uma bagunça, tem muita moto, muito carro, os ambulantes fazendo uma feira. Isso devia ser mais organizado (Jacome, 60 anos).

Tá precisando de uma arrumação, ali tem umas casinhas, tem época que tão bonitinhas e outra que tão acabadas. Ajeitava aquelas casas que tão caíndo que isso aí é básico e colocariam coisas realmente interessantes que levassem as pessoas pra lá. Tirar um pouco as pessoas só da praia. Quando chega uma visita é o primeiro canto que a gente leva (Rosa, 72 anos).

Para muitos, o espaço não está apropriado para as pessoas de suas idades, pois suas necessidades básicas foram negligenciadas. Como podemos ver, a questão dos banheiros públicos é uma das que mais incomoda, principalmente porque muitos são diabéticos e precisam tomar muitos remédios ao longo do dia, o que os fazem ter muita vontade de ir ao banheiro.

Para driblar essa ausência, recorrem aos amigos que trabalham nos estabelecimentos comerciais, vão a um shopping popular que possui um sanitário simples ou vão a livraria que tem banheiro para os consumidores. Dona Lívia, chega a comentar que lhe é constrangedor ver homens e mulheres fazendo suas necessidades no espaço.

Com a abertura do Paraíba Palace Shopping em meados de 2013, imaginamos que a questão do banheiro pudesse ter sido amenizada. Porém, ao questionar um dos entrevistados que havia reclamado dessa ausência, ele nos contou que não ajudou muito: “Não gosto de usar lá. Não me sinto à vontade. Eu vou mesmo nos cantos de sempre” (Pietro, 72 anos).

Outra questão tratada foi a da desorganização do espaço. Alguns pontuam que a grande quantidade de ambulantes atrapalha a circulação e a limpeza da área. Gleidson e Lívia contam que antes eram uma ou duas barraquinhas e que depois lotou virando quase uma feirinha:

Se for pra ter uma feirinha no Ponto de Cem Réis, que façam logo direito e organizado. O povo suja muito, jogam coisa no chão, ninguém diz nada. Desse jeito aí eu não gosto. Não sei de onde vem os produtos. Pode ser tudo de roubo. Mas não tem como evitar (Gleidson, 82 anos).

A mim não, de jeito nenhum. Às vezes eu até gosto. Mas de vez em quando é demais, aí fica meio desorganizado. Tinha uma época que não dava pra passar ali de tanto ambulante (Lívia, 76 anos).

A ausência de árvores e aridez do Ponto de Cem Réis também foi comentada, assim como a concentração de bancos.

Seu André comenta como funciona a dinâmica na praça: “Aqui é o seguinte, de manhã ninguém pode tá aqui (bancos perto da Duque de Caxias) ne!? Aí a gente tem que ficar ali naquela outra parte com as árvores. Eu só não fico até muito tarde. De noite é perigoso”.

Com relação aos bancos de concreto, alguns comentaram que são desconfortáveis e outros acham que está melhor, pois antes os bancos eram de tábua e estavam sempre danificados, o que inviabilizava a utilização.



Figura 110,111: Seu André pela manhã nos bancos sombreados mais próximos da Visconde de Pelotas e de tarde nos bancos mais próximos da Duque de Caxias. Fonte: Marcela Dimenstein, Maio e Agosto. 2013

Todos ressaltam que o centro precisa de mais cafés, restaurantes, bares e moradias que movimentem aquela área de noite e diminuam a sensação de insegurança que aparece quando acaba o expediente comercial.

Rapaz, tudo daqui é bom demais. **É bom pra pessoa andar de dia. A noite eu não gosto.** Até gostava a uns tempos atrás, porque o pessoal todo andava, tinha gente humilde, tudinho. Mas hoje em dia não gosto nem de falar (Sérgio, 60 anos).

Sempre ia na catedral. As outras igrejas também eram bem frequentadas. Mas hoje eu não vou mais, porque **dizem que é assalto direto, hoje tá muito ruim.** Eu não tenho mais coragem. Mas minha casa ela nunca foi assaltada. (Lívia, 76 anos).

Eu aprendi a não andar de noite desde o tempo da ditadura. Era perigoso. Porque de vez em quando saía um de casa e não voltava. Eu tinha medo e hoje que eu tô velho, fica mais esquisito. O negócio era não se expor demais (Gleidson, 82 anos).

Sobre os grandes eventos que acontecem no centro, a maioria dos entrevistados não costuma vir e alega que a insegurança e a falta de infraestrutura são fatores decisivos para isso. Outros comentaram que é muito difícil de chegar devido à grande distância de onde moram. Os participantes que frequentam os eventos, preferem o Sabadinho bom, porque ocorre de tarde, horário mais fácil de vir e de voltar para casa.

Às vezes eu vou ao Sabadinho bom, mas não gosta muito das músicas porque são muito repetitivas e deveriam ter vários outros estilos musicais. Gosto de forró, música clássica, também gosto de chorinho, mas só chorinho, todo sábado fica entediante (Pietro, 72 anos).

Eu adoro os eventos de hoje. Vim pros shows de Gilberto Gil, vim pro chorinho também. Só precisava ser mais organizado (Jacome, 60 anos).

Eu frequentava, mas a minha empregada que mora comigo e me acompanhava virou protestante e não vem mais porque o show não é de Jesus. **Ai eu não venho sozinha de meia noite,** ne?! (Lívia, 76 anos).

Vou te confessar uma coisa, um nunca fui a um espetáculo ali no Ponto de Cem Reis. Por problemas de xixi. Sempre fiz muito xixi e se tomar um refrigerante lá não

tem onde ir. Ai sempre eu vejo as notícias: “Vai ter não sei o que no Ponto de Cem Reis”. Ai eu penso logo: “O xixi”. Ai prefiro não arriscar (Rosa, 72 anos).

Não está me faltando na minha paz. Um dia desse perto do palco um homem levou um tiro. Teve correria, ficou um impensado ali e fica meio perigoso, não vou (Josil, 71 anos).

Eu não venho. É muita gente, confusão. E no chorinho, no sábado, tem uma galera meio mal encarada por lá. E falta policiamento. Só tem policiamento quando tem show (Marco, 63 anos).

Todos, em algum momento, falaram de uma certa insegurança que acomete a área central, mas também alertaram que essa sensação não ocorre somente lá. Algumas vezes se sentem mais inseguros nos bairros onde residem do que no próprio centro.

No bairro que a gente mora tem praças também, mas não presta não, é muito diferente daqui. Aqui é melhor. **Lá é meio perigoso,** sempre tem umas histórias de alguém que mata alguém (Jonas, 74 anos).

Hoje em dia o povo chega aqui e sai fica morto. Antigamente aqui a noite era muito animado. Sempre tinha gente dançando e música nas esquinas. Hoje em dia não se vê ninguém. Antigamente quando tinha jogo do Brasil, tinha televisão na rua, e hoje o povo assiste tudo trancado em casa (Sérgio, 60 anos).

Hoje mesmo lá no bairro o povo põe as cadeiras do lado de fora de casa assombrado. Hoje os muros são muito altos. Antigamente os muros eram mais baixinhos, bonitinhos organizados. Hoje em dia a gente não vê a gente. Mas os muros são altos porque tem que fazer alto ne!? Quando a gente chega em casa ou na casa dos outros a gente tem que bater pra gente saber quem é. Antes era só entrar na casa, sem problema (André, 68 anos).

Eu morava em Manaíra, lá tem umas histórias de assalto, depois eu me mudei pra Tambauzinho, lá é mais tranquilo, mas mesmo assim fico as vezes com um medo quando tô na parada de ônibus. Tem muito pouca gente na rua (Gleidson, 82 anos).



Figura 112: Desenho representativo das ruas e casas de hoje com muros altos devido a insegurança. Ilustração: Marcela Dimenstein

Alguns comentaram que (por vezes) frequentam os Shoppings da cidade. Rosa, diz que morando em Tambaú é muito mais fácil ir ao Shopping Manaíra para conseguir o que procura do que vir ao centro. Contudo, afirma que **é muito mais gostoso vir ao centro do que ir no shopping**: “Eu tento ir sempre que posso no centro. Geralmente vou naquelas lojas de instrumentos musicais. Uma vez por mês eu vou no Terceirão atrás de cd virgem, essas coisas. Agora mesmo tô precisando de carregador de celular”.

Já Seu André fala: “Às vezes eu gosto de ir lá assistir uma televisão sentado, mas tenho que vestir uma roupinha melhor. Geralmente à noite. Mas de dia, pra passear, **prefiro vir pra cá (Ponto de Cem Réis)**, você conhece mais gente, vê mais gente. Sempre encontro gente que eu não vejo a uns 10 anos. Relembrar”.

Seu Josil conta que se sente bem em qualquer canto: “Eu sou polivalente, eu me sinto bem tanto estando aqui, como no Shopping, como na Universidade, papeando com alguém, é isso que eu gosto de fazer. **Mas eu gosto mesmo do centro, porque aqui o laboratório é maior**”.

Podemos ver neste capítulo a forte relação existente entre os idosos e o centro. Ligação que influencia diretamente na construção de um laço identitário e afetivo entre os dois. Vimos que as mudanças que acometeram a área central nas últimas décadas causaram danos irreversíveis ao espaço e exigiram dos frequentadores uma constante reapropriação e identificação com o lugar.

Halbswach (2009, p.163) diz que: “Se mudarmos a forma do espaço, sua direção, aparência ... as pedras e os materiais não oferecerão resistência, mas os grupos resistirão, se não as pedras, pelo menos a seus arranjos antigos”.

Dona Livia, umas das moradoras que resistiu a se mudar do centro, fala que apesar de muitas coisas terem desaparecido, ali nada lhe falta:

“Se eu preciso de pão, tem uma padaria ali, tem farmácia, tem o Shopping Tambiá, tem Banco do Brasil, tem um mercadinho bem ali onde tinha o cinema Rex, e qualquer coisa que não tiver lá, tem o Supermercado Hiper na Lagoa. **Não me falta nada, eu só queria que tivesse mais habitado, mas eu não posso fazer muita coisa.**”

Logo, o que vemos aqui é um grupo de pessoas que diariamente têm que se adaptar ao mundo contemporâneo e criar referências que os ajudem a preservar suas identidades. Durante esse capítulo destacamos os diversos obstáculos que estão presentes no dia a dia desses participantes e que poderiam ser encarados como desestimulantes para muitas pessoas. Entretanto, o que observamos é uma população muito resistente e que tem a necessidade de resguardar o local que residem ou residiram em uma época, onde se divertiram, sofreram, trabalharam, circulavam diariamente e que ainda lhes desperta tantos afetos e memórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para alcançar o objetivo do trabalho, isto é, identificar as experiências urbanas de idosos no centro da cidade de João Pessoa, buscou-se verificar suas práticas cotidianas e modos de uso dos dispositivos técnicos dos espaços públicos do centro, bem como, conhecer suas impressões, memórias, hábitos e motivações para vivenciá-los. Com isso intencionávamos problematizar em que medida os idosos têm oferecido resistência à padronização e espetacularização da cidade contemporânea, não só a partir de um modo próprio de experienciar a cidade, o qual, por vezes, ainda mantém traços de antigos costumes, mas também por demonstrarem uma “outra” forma de uso e apropriação dos espaços centrais, hoje adaptadas as novas situações urbanas.

João Pessoa, assim como diversas outras cidades, enfrenta uma realidade contemporânea de produção e reprodução de um modo de vida e valores cada vez mais individualista, homogeneizado e dependentes de automóveis/megaempreendimentos que evidenciam como a escala do homem está sendo perdida e como o espaço público não vem sendo resguardado enquanto lugar de encontros e de interação entre os indivíduos. Apesar disso, ainda é possível encontrar pessoas que resistem a esses processos urbanos, usufruindo de seus espaços e vivenciando-os.

Analisar a cidade envolve estudar o que é estabelecido e normatizado (espaços de representação), mas também inclui o que foge à regra e se rebela (as representações do espaço), tornando inevitável o aparecimento de contradições e relações socioespaciais produtos de um novo cotidiano. Os estudos que evidenciam essas questões complexas da atualidade são de grande importância, pois nos ajudam a compreender a necessidade de novas formas de sentir e compreender a multiplicidade dos espaços da cidade contemporânea.

Aqui, neste trabalho, pudemos encontrar uma área central que passou por muitas mudanças ao longo das últimas décadas, principalmente no seu modo de uso e ocupação, reduzindo significativamente os espaços residenciais e se convertendo em um dos mais importantes setores comerciais e de serviço da cidade, configurando-o como um lugar de diferentes experiências e onde é possível encontrar personagens que ativam aquela área com diversas atividades. Mesmo com as diversas transformações na dinâmica da área, ainda é possível ver uma população idosa que utiliza o centro como lugar de lazer, moradia, circulação e trabalho, se conformando como importantes atores para a legitimação da área enquanto local da cultura, memória e afetos.

Esse grande número de idosos encontrado incitou diversos questionamentos acerca da inclusão dos diretos dessa população nas recentes obras e transformações urbanas. O que encontramos foi um espaço recém requalificado que apesar das visíveis melhorias de piso, bancos, postes, arborização, dentre outros, negligenciaram uma série de exigências qualitativas referentes às atividades simples do

cotidiano como andar, sentar, ficar, pé e etc. Além dos elementos básicos condizentes com um espaço bem equipado e acessível, outros aspectos relativos tanto às edificações no entorno imediato - que em muitos casos não sofreu nenhuma melhoria - quanto às atividades cotidianas e público frequentador deveriam ter sido priorizadas na reforma.

Dessa forma, o que vimos foram configurações espaciais planejadas para atrair a população para grandes eventos e dispositivos técnicos urbanos que não contemplam prioritariamente o público idoso ou mesmo o corpo mais frágil, o colocando em situação de desvantagem e reforçando suas deficiências, levando-os muitas vezes a suprir suas necessidades contrariando usos pré-estabelecidos no espaço.

As inúmeras investidas que já acometeram a área central não só alteraram o seu espaço físico, mas também destruíram vários dos referenciais urbanos da cidade. Com isso, uma parte de sua memória se perde provocando um certo estranhamento na população, não só pelas novas formas que surgem, mas pelas novas relações sociais que produzem, mudando todo um contexto de vida.

Notamos que ao se trabalhar com idosos e suas experiências urbanas no centro, foi inevitável se falar do presente e do passado, realizando sobreposições desses tempos. Falar do centro ativa suas memórias, reafirma seus costumes e ainda lhes desperta afetos. A arquitetura ali existente reflete a sociedade de uma época e está cheia de valores, sentidos e significados que revelam fatos que os marcaram. Ou seja, é um lugar de identidade, de apego e sentimento de pertencimento.

Assim, muitos dados importantes apareceram inesperadamente, o que nos permitiu investigar as mudanças e permanências relativas ao espaço e descobrir elementos da história e cultura do bairro, como as festas, relações sociais de trabalho e lazer, transporte, segurança e etc.

Vimos que o centro desperta inúmeras interpretações de elementos comuns à memória dos participantes, uma vez que, os indivíduos enquanto integrantes de um grupo maior, não ocupavam os mesmos lugares na sociedade, o que acarreta que haja diferentes posicionamentos a respeito de tais memórias. Para finalizar, foi possível vermos mudanças de perspectivas nas narrativas das pessoas de classes sociais diferentes e também entre homens e mulheres. Esse fato acaba configurando o centro como um espaço heterogêneo que compõe um mosaico de afetos.

Diante disso, é importante refletir sobre os efeitos da atual lógica de produção/reprodução espacial com tendência à destruição dos referenciais urbanos e novas formas urbanas que se constroem rapidamente sobre outras, pois como vimos, as constantes mudanças exercem um efeito no nosso sentimento de pertencimento ao lugar e influenciam nos nossos vínculos emocionais com o entorno.

Giuliani (2004) nos adverte que a sociedade cada vez menos identificada e “apegada” aos espaços urbanos - devido a propensão de seguir a direção da padronização e homogeneização espacial (*shoppings centers*, condomínios, grandes cadeias de *fast food*, etc.) - acaba desenvolvendo um

comportamento puramente funcionalista com o espaço, podendo se tornar intolerante e incapaz de estabelecer novos vínculos afetivos com os lugares e deles cuidar.

Portanto, retomando a hipótese inicial desse trabalho, concluímos que ainda é possível serem observadas no centro de João Pessoa experiências urbanas que escapam à lógica de homogeneização e espetacularização fortemente observadas na contemporaneidade, isto é, detectamos práticas cotidianas, percepções sensíveis, memórias afetivas e usos alternativos ao modelo de cidade padronizada e consensual que vem sendo produzido.

Nessa pesquisa encontramos uma população idosa que apesar de ter sua memória urbana fragmentada pelas mutações do espaço, e em constante processo de reapropriação deste, ainda tem prazer em estar no centro, vivenciando-o cotidianamente e insistindo na valorização do que existe hoje.

Podemos dizer que é em meio ao contexto de mercantilização e espetacularização da cidade contemporânea que o outro lado do cenário adquire relevância. Encaramos as experiências urbanas dos idosos no centro como uma forma desviante à problemática do empobrecimento da ação urbana e da perda da corporeidade nos espaços públicos. Os idosos observados e entrevistados são personagens que resistem à pacificação urbana de forma anônima e dissensual, muitas vezes ultrapassando dificuldades e grandes distâncias para ativar-lo com as mais diversas atividades.

A imprescindibilidade desse público na área central se torna clara, pois sua presença nas ruas, calçadas e praças, além de trazerem vitalidade ao espaço, o colocam em visibilidade, evidenciando a necessidade real de projetos de intervenções/requalificações apropriados através de estudos mais aprofundado sobre o contexto, suas particularidades, a memória que guardam, bem como o público que ali está.

Acredita-se que com essa pesquisa foi possível ter um maior conhecimento sobre o papel importante dos idosos na construção de pontes entre o presente e o passado das cidades, bem como as suas relações com o tipo de espaço urbano que está sendo construído pelas atuais gestões públicas, a qualidade urbana resultante nesses espaços e como devemos intervir nele a partir do entendimento das atitudes, afetos e comportamentos que ali já existem.

Por fim, espera-se que esse trabalho, desenvolvido a partir das experiências urbanas de idosos, venha incitar novas investigações no campo da arquitetura e urbanismo, especialmente em estudos voltados à busca de novas metodologias que incorporem narrativas e percepções de atores sociais sobre a cidade e em diagnósticos mais próximos à vivência na cidade revelando outros desvios e dissensos inerentes a vida na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Wellington; MELLO, José Octávio. **Uma cidade de quarto séculos: evolução e roteiro**. Campina Grande: GRAFSET, 1985.
- AGUIAR, Wellington H. V. **Cidade de João Pessoa: a memória do tempo**. João Pessoa: GRAFSET, 1993.
- ANDRADE, Paulo Augusto Falconi de. **Metamorfose dos centros urbanos: Uma análise das transformações na centralidade de João Pessoa – PB 1970-2006**. Dissertação de mestrado em Engenharia Urbana. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.
- BAPTISTA, Luis Antônio; FERREIRA, Marcelo S. (org.). **Porque a cidade? Escritos sobre experiência urbana e subjetividade**. Niterói: UFF, 2012.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2009.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire - um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BRASIL. Lei Federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 01 out. 2003**.
- BOSI, Ecléa. **Memória & sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CALDEIRA, Tereza P. do Rio. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed. 34/ Edusp, 2000.
- CARERI, Francesco. **El caminar como práctica estética**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2009.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri, **O Espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2004.
- CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A.(org.). **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- CERTEAU, Michel. Caminhadas pela Cidade. In: **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- CORREA, Mariele Rodrigues. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- CUNHA, Marcella Viana Portella de Oliveira. **Acessibilidade Física do Idoso ao Espaço Público: estudo e proposições projetuais em Joao Pessoa-PB**. Dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.
- DAVIS, Mike. **Cidade de Quartzo: escavando o futuro em Los Angeles**. São Paulo: Boitempo, 2009. 425 p.
- DEBERT, Guita. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: **BARROS, Myriam Moraes Lins de. (org.). Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

- DEBORD, Guy Ernest. Relatório sobre a construção de situações e sobre as condições de organização e de ação da tendência situacionista internacional, 1957. In: **JACQUES, Paola Berenstein (org.). Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2003.
- DIMENSTEIN, Marcela; BARROS, Amaralyna; ANDRADE, Patrícia A. Relações espaço público x privado: o caso do Ponto de Cem Réis. In: **Anais IV Seminário Internacional Urbicentros: invisibilidades e contradições do urbano**. João Pessoa: Editora Universitária, 2013.
- ELALI, Gleice A.; MEDEIROS, Samia. Apego ao lugar (Vínculo com o lugar – Place Attachment). In: **CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A.(org.). Temas básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- GAGNEBIN, Jean-Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. SP, Perspectiva, 2007.
- GAGNEBIN, Jean-Marie. Walter Benjamin ou história aberta. In: **Magia e técnica, Arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- GEHL, Jan. **La humanización del espacio urbano. La vida social entre los edificios**. Barcelona: Editorial Reverté, 2009.
- GIULIANI, Maria Vittoria. O lugar do apego nas relações pessoa-ambiente. In: **BERNARD, Yvone et al (org.). Psicologia e Ambiente**. São Paulo: EDUC, 2004.
- GOMES, Maria Aparecida França; DIMENSTEIN, Magda. Subjetividade e narrativas visuais: a fotografia como recurso metodológico na pesquisa com crianças e adolescentes no campo da psicologia. In: **Revista Vivência (UFRN)**. v. 29, p. 409-427, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2009.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico e Contagem populacional 2010**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/indicadores_sociais_municipais/indicadores_sociais_municipais.pdf>. 2004. Acesso em 04/06/2013.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2000**. Disponível em: <<http://www1.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/>>. Acesso em 04/06/2013.
- JACQUES, Paola Berenstein (org.). **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2003.
- JACQUES, Paola Berenstein. Espetacularização urbana contemporânea. In: **Cadernos PPGAU/UFBA, Territórios urbanos e Políticas culturais**. Salvador: EDUFBA, 2004.
- JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos Errantes: a arte de se perder na cidade. In: JEUDY, Henri Pierre; Jacques, Paola Berenstein (Org.). **Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais**. Salvador: EDUFBA, 2006.
- JACQUES, Paola Berenstein. Zonas de Tensão: em busca de micro-resistências urbanas. In: BRITTO, Fabiana Dutra; Jacques, Paola Berenstein (Org.). **Corpocidade: debates, ações e articulações**. Salvador: EDUFBA, 2010.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.
- LEAL, Wills. **Memorial da Festa das Neves**. João Pessoa: Gráfica Santa Marta, 1992.
- LEAL, Wills. **A saga de um Grande Clube (A história do Cabo Branco)**. João Pessoa: A União Superintendência de Imprensa e Editora, 1995.
- LEAL, Wills. **No tempo do lança perfume ou a história do carnaval na/cidade de João Pessoa**. João Pessoa: Gráfica JP, 2000.

- LEAL, Wills. **Cinema na Paraíba Cinema da Paraíba**. João Pessoa, 2007.
- LÉFÈBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- LEITE, Rogério Proença. **Contra-Usos da Cidade**. Campinas: Ed. EdUFS, 2007.
- MACEDO, Danielle, *et al.* O Lugar do Afeto, o Afeto pelo Lugar: O que Dizem os Idosos? In: **Revista online Psicologia: Teoria em Pesquisa**, Brasília, out-dez 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v24n4/07.pdf>>. Acesso em 20 de jun. de 2014.
- MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books, 1995.
- MELLO, José Octávio de Arruda. **Os coretos no cotidiano de uma cidade: (lazer e classes sociais na capital da Paraíba)**. João Pessoa, Fundação Cultural do Estado da Paraíba, 1990.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.
- MOTTA, Alda Britto. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pagu**, v. 13, Campinas, p. 191-221, 1999.
- MOTTA, Alda Britto. Envelhecimento e Sentimento do Corpo. In: MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JR., C. E. A. (orgs.). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.
- MOURÃO, Ada; CAVALCANTE, Sylvia. Identidade de lugar. In: **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- OLIVEIRA, José Luciano Agra de. **Uma contribuição aos estudos sobre a relação transporte e crescimento urbano: O caso de João Pessoa – PB**. Dissertação de mestrado em Engenharia Urbana. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.
- PEIXOTO, Clarice. A sociabilidade de idosos cariocas e parisienses. A busca de estratégias para preencher o vazio da inatividade. In: **Portas das Ciências Sociais Brasileira**, São Paulo, 1995. Disponível em: <<http://www.anpocs.org.br/portal/publicações/rbcs09.htm>>. Acesso em 06 de jun. de 2014
- PEREIRA, Fúlvio Teixeira de Barros. **Difusão da Arquitetura Moderna na Cidade de João Pessoa (1956-1971)**. 2008. Dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. Dança De Sentidos: na busca de alguns gestos. In: BRITTO, Fabiana Dultra; Jacques, Paola Berenstein (Org.). **Corpocidade: debates, ações e articulações**. Salvador: EDUFBA, 2010.
- Revista Redobra, Salvador: EDUFBA, nº 9, p. 221, abril de 2012.
- SANTOS, Carlos Nelson F. dos (coord). **Quando a rua vira casa**. São Paulo: ed. Projeto, 1985.
- SANTOS, Milton. **Técnica espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SERRA, Geraldo G. **Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo: guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós graduação**. São Paulo: Edusp, 2006.
- SILVEIRA, Denise T.; GERHARDT, Tatiana E (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: **VELHO, Otávio G. (org.). O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

- SCOCUGLIA, Jovanka B. Cavalcanti. A insustentável leveza do patrimônio cultural: memória e marketing. In: **Portal Vitruvius**, São Paulo, set. 2006. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.076/319>>. Acesso em 10 de fev. de 2013.
- SCOCUGLIA, Jovanka B. Cavalcanti. Espaços públicos e urbanidades: refletindo acerca da renovação epistêmica nos estudos sobre as cidades contemporâneas. In: **Anais I Enanparq**. Rio de Janeiro, 2010.
- STUCKERT FILHO, Gilberto Lyra. **Parahyba: Capital em fotos**. João Pessoa: F&A, 2005.
- STUCKERT FILHO, Gilberto Lyra. **Parahyba: Capital em fotos**. João Pessoa: Fotograf, 2007.
- THIBAUD, Jean Paul. Por uma gramática geradora das ambiências. In: **SCOCUGLIA, Jovanka (Org.). Cidade, Cultura e Urbanidade**. João Pessoa: UFPB, 2012.
- THIBAUD, Jean Paul. A cidade através dos sentidos. In: **CADEIRNOS PROARQ 18**. Disponível em <http://www.proarq.fau.ufrj.br/revista/public/docs/Proarq18_ACidade_JeanThibaud.pdf>. Acesso em 10 de nov. de 2013.

APÊNDICES

A) Caracterização do público e Roteiro de entrevista semiestruturada

Caracterização do público

- | | |
|-------------------|---------------------|
| 1. Nome: | 5. Idade: |
| 2. Onde mora: | 6. Há quanto tempo: |
| 3. Com quem mora: | 7. Escolaridade: |
| 4. De onde é: | 8. Profissão: |

Roteiro de entrevista semiestruturada

Motivação, acesso, frequência e atividades

9. Porque você veio ao centro?
10. O que você faz por aqui?
11. Como você vem para o centro?
12. Quantas vezes por semana você vem ao centro?

Atrações, dinâmica e vínculos

13. O que você está fazendo hoje por aqui?
14. Você encontra muitos conhecidos por aqui?
15. Você costuma frequentar os eventos quem tem nas praças?

Avaliações de espaço

16. O que você achou das reformas da prefeitura aqui no centro?
17. Você mudaria ou colocaria mais alguma coisa?
18. Você acha que o espaço está apropriado para pessoas da sua idade?
19. Você usava as praças antes das reformas?

Memória e rotinas

20. Você tem alguma lembrança deste lugar antigamente?
21. Tem alguma coisa que você fazia antes e hoje não faz mais?
22. Você gosta de vir pra cá?

B) Mapa de localização dos elementos mais citados nas entrevistas



ANEXOS

Certidão do Comitê de Ética



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CERTIDÃO

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou por unanimidade na 11ª Reunião realizada no dia 19/11/2013, o Projeto de pesquisa intitulado: **“EXPERIÊNCIA URBANA DE IDOSOS NO CENTRO DE JOÃO PESSOA: SOBREPOSIÇÃO PRESENTE-PASSADO”** da pesquisadora Marcela Dimenstein. Prot. Nº 0563/13. CAAE: 22161113.6.0000.5188.

Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à apresentação do resumo do estudo proposto à apreciação do Comitê.


Drª Elaine Marques U. Sousa
Coordenadora CEP/CCS/UFPB
Mat. SIAPE: 0332618

Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre experiência urbana no centro da cidade de João Pessoa e está sendo desenvolvida pela pesquisadora Marcela Dimenstein, aluna do Curso de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Prof(a) Jovanka Baracuhy Cavalcanti Scocuglia.

Os objetivos do estudo são identificar as experiências desses idosos nos espaços públicos do centro da cidade de João Pessoa. E especificamente, buscaremos identificar suas práticas cotidianas e seus modos de uso dos dispositivos técnicos dos espaços urbanos do centro, bem como, conhecer suas impressões desse espaço, suas memórias, seus hábitos de resistência e suas motivações para vivencia-lo.

A finalidade deste trabalho é contribuir para gerar conhecimentos sobre a experiência de idosos nos espaço públicos no centro da cidade, bem como, a sua relação com o tipo de espaço urbano está sendo construído pelas atuais gestões públicas, as urbanidades resultantes nesses espaços e como devemos intervir nele a partir do entendimento das atitudes e comportamentos que ali já existem. Também é válido para incitar novos percursos de pesquisa, novos métodos de análise e diagnósticos mais próximos da vivência da cidade. Espera-se que as experiências que serão apreendidas e narradas por esses idosos, propiciem que o leitor reflita acerca da cidade contemporânea.

Solicitamos a sua colaboração para responder a entrevista aberta, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de arquitetura e urbanismo e publicar em revista científica e congressos. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Deve-se deixar claro que essa pesquisa oferece riscos mínimos, previsíveis, para a sua saúde. Entretanto, segundo a Res. CNS 196/96, V, ao responder a uma entrevista, os sujeitos estão em risco de sofrerem algum tipo de constrangimento ou mesmo trazer à memória experiências desconfortáveis, porém essas não são as intenções da pesquisa. Aqui se objetiva oferecer possibilidades de gerar conhecimento sem afetar o bem-estar dos participantes.

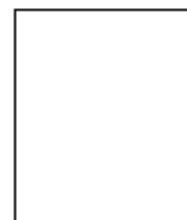
Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição.

A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal

OBSERVAÇÃO: (em caso de analfabeto - acrescentar)



Espaço para impressão
dactiloscópica

Assinatura da Testemunha

Para maiores esclarecimentos entrar em contato com:

Laboratório de Estudos sobre Cidades, Culturas Contemporâneas e Urbanidades/
Departamento de Arquitetura e Urbanismo/ Centro de Tecnologia/ UFPB/ Campus I

Fone: (83) 88322804 Email: mmarcelad@gmail.com

Pesquisadora: Marcela Dimenstein

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do CCS/UFPB – Cidade Universitária / Campus I

Bloco Arnaldo Tavares, sala 812 – Fone: (83) 3216-7791

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável